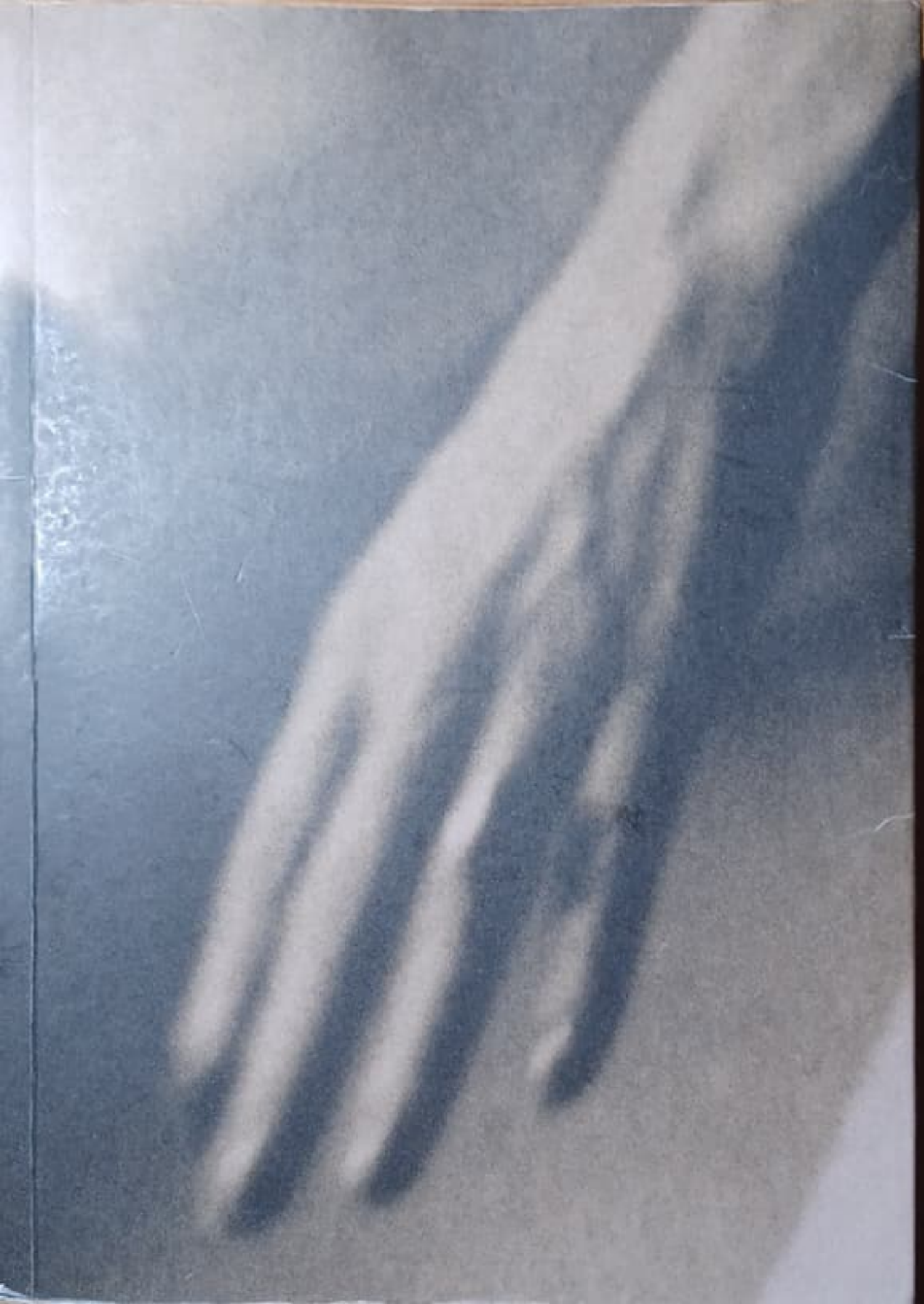


VENTOS BORRASCOSOS

romance

heaven did not seem to be my home; and I broke my heart with weeping to come back to earth; and the angels were so angry that they flung me out into the middle of the hearth on the top of Wuthering Heights; where I woke sobbing for joy

Do rosto encontra-se excluído qualquer princípio de incerteza.
O retrato é sempre igual: amadurecido, limpo. Como a estrutura
ressequida de madeira a que se apoia e que serve de prateleira
única aos livros. No interior, a mobília é reduzidíssima.
O centro, no entanto, é de fogo. Plataforma giratória de que
toda a hesitação parece ter sido removida. É também aí que se fecha,
fazendo corpo com tudo o que a nega e simplifica. Por exemplo,
pergunta-me: *Dedicas-te, então, à arte de plissar cortinas?*
Contudo é de outros frutos, mais mornos e enxutos, que se alimenta
a Poesia… Para ela, a poesia adquire a forma de um diário
que depois lá fora, na Natureza, se consulta. Requisitório
do dia contra a noite, do vento pela chuva. Por isso, talvez
a prosa se revele uma manhã tão abrupta… *Que terras*
terei de atravessar, questiona-se, *para chegar ao conhecimento*
insólito do que é a Literatura? Deixar-nos-emos iluminar
por uma aparência tão limpa?… Bem sei que a consciência
é sempre um solitário espaço e que, para quem morre na Primavera,
a alma deixa envolver-se, lentamente, num sentimento auspicioso
de luto… Mas para quem escreve, lê-se na tua memória,
não há forma que nos redima do destino. As próprias árvores crescem,
tão longe, que o sentimento já não o consegue exprimir, a essa altura…

Sabia que o que pedia ao sentimento
acabaria sempre por o esgarçar
de encontro à relutância dos homens
em deixar para trás de si as amarras
que os impediam de se entregar
sem reservas ao apelo do infinito.
Talvez por isso se cansara
de palavras cujo valor gastou
à medida que a dor delas
foi retirando os tons que
as defendiam do colapso no futuro.
De cada vez que elas lhe caíam
da boca, repelia-as horrorizado
com o cheiro nauseabundo.

E no entanto amara-as
com a força do chamamento
com que, para satisfazer o desejo,
os mortos nos atraem ao túmulo.
Perdera a crença na poesia
na manhã em que ela morreu —
depois disso, ainda escreveu
alguns poemas com que,
aos outros e a si mesmo,
procurou explicar as razões
porque o corpo entregou,
sob promessa de que nunca
o devolvessem, aos manes

do futuro.

Autoretrato em 1798

Pouco restou de si depois
de tantos retratos o terem
dependurado de palavras
incapazes de suster a imagem
que a custo o pintor, pela
multiplicação dos esboços,
conseguiu extrair do fundo
da pintura. De tanto a retocar,
o tecido rompera-se e pelos
orifícios era outro mundo,
com estranhas formas de vida
que, atravessando a espessura
de inúmeras camadas de tinta,
inconformado vinha ter consigo.
Pousando diante do portal
pensava que se refizesse
o nó suficientes vezes
talvez nos salões a música
ecoasse e ela surgisse,
num turbilhão de fogo,
para continuar a dança
que ali os tinha reunido.
Nesse espaço intermediário,
o branco dos folhos do vestido
e das mangas da camisa
que na tela usa
abria uma passagem
por onde era possível caminhar
por entre mundos
que não se conheciam
mas agora se cruzam.
Ao cimo, no ponto em que,
por falta de definição,
a matéria parece prestes
a explodir, o **V** dos ossos
dá estrutura à gelatina
que as tintas carreiam
para a superfície da pintura:
no lugar — agora, depois
de alguns traços, a cabeça —

em que o pintor depõe
a película fina que assegura
o carácter (in)humano
da criatura. Talvez por isso,
o olhar perfura o espaço,
propulsionado por uma força
que em nenhuma forma
encontra o semelhável
que a suture. O que via,
e tornava o olhar tão fixo —
franjas de uma asa a ver
ter que rasou o absoluto —,
era a realidade monstruosa
de formas que acasalando
constituíam um arco por
onde Seres caminham
inventando a realidade
que a sua visão de horror
necessita para se propagar,
sem comiseração, pelo futuro.

Mesmo depois de ter lido as páginas
que a autora lhe dedicara no livro
continuava sem encontrar justificação
para o que na vida, sem necessitar
de outros protocolos, narrativamente
lhe tinha sucedido. Quotidiano era
o modo como em si se arrumam
as frases, resumindo ao débito
do ser a falta de originalidade
de tudo o que escrevia em poesia:
ao fim e ao cabo, nada mais
do que uma repetição de palavras
em que só a deriva do ruído
descobria clareiras por onde
a emoção pode passar à procura
de novas perspectivas para o destino.
Nas palavras acabou por encontrar
cenários e paisagens que o sentimento
ainda não habitara e que o conduziam
a revelações que exigiam de si
poderes que o deixassem imune
ao desgosto que sempre se segue
à vontade de pela dor se unir
ao outro no sacrifício.
Descobriu assim que o amor
não possuía a leveza do sentimento,
aprendendo a afastar as raízes
que lhe podiam tolher os passos
no caminho para o abismo.
Nas páginas do livro, o *bouquet*
recebera-o no calor do movimento
mas foi na cozinha que o sangue
correu de uma mão que apartou
o mundo enquanto se desenvencilhava,
presta, das presilhas do vestido. E
quando ele caiu, tudo lhe pareceu diferente.
Porque há palavras cuja realidade
lhes vem da carne que se descobre
por entre as roupas no rodopio
do tecido. Talvez por isso viver
se assemelhe tanto a corrigir
as provas de um livro, abrindo
no real fracturas que se estendem
dentro do pensamento, até assentar
terrenos onde vêm correr espécies
de há muito dadas por extintas
nas tapadas indefinidas da literatura.

Assim como a poesia não nos ensina a viver
também a vida permanece muda aos apelos
da literatura. E por que não seria assim?
Aos olhos do poeta, confortava-o que em si,
pela palavra, não se interrompesse o mundo.
Mal acordava, descia ao pátio em frente
da casa e deixava que as galinhas acorressem

ao milho. Ao sol, era a si que vinha dar
toda a velhice do mundo. O estrume metafísico.
Ultimamente, pela cabeça só lhe passavam frases
sem sentido. Por isso lia, à espera de encontrar
noutros as palavras que faltam no discurso.
«La nature humaine est-elle bonne?»,
inquiria um diário. «Oui, très bonne.
L'eau, l'air, la terre, le feu, tout est bon;
l'ouragan qui s'élève sur la fin de l'automne,
secoue les forêts, et frappant les arbes
les uns contre les autres, en brise et sépare
les branches mortes ; le volcan qui verse
de son flanc entrouvert des flots de matières
embrasées, et porte dans l'air la vapeur
qui le nettoie. Même les vicissitudes de la mort…».
Mas o anjo da poesia é mudo:
alimenta-se de palavras que
vai buscar à boca dos outros
onde, de tanto ser repetidas,
já perderam qualquer sentido.
Talvez por isso a escrita
seja um mal necessário:
o reconhecimento de uma finitude
que nos confirma na certeza
de, pelas palavras,
não ter vivido para o mundo.
Nas mãos, em palavras que desdobram
a realidade, o mundo decide-se
e onde, na urze, corre uma perdiz,
algumas penas, no poema, indicam
que o voo foi interrompido.
Agora cai morta e a terra
consome-a até a devolver
na leitura como alucinação
acústica. Sim, só os poetas
acreditam que a poesia,
pelo som, se pode substituir
ao ruído do mundo.

Visto de longe, o que resta do precipício
pode ainda servir de suporte a uma versão
desamparada de literatura. Com efeito,
perdidas as últimas ilusões, restava-lhe
o sonho de uma poesia na terceira pessoa
que desse corpo ao carácter fabuloso,
mas nunca provado, da aventura.
Poderia servir-se, para atravessar a página,
de jangadas de palavras que o confortam
na dor de pelo medo nunca ter vivido?
Como explicar aos outros a falta
de sentido do exílio? Criança, ao ouvir
o vento deflagrar no espaço, apaixonou
-se pelo eco que revolteava por dentro
os corredores do discurso. Nunca
mais foi o mesmo e aceitou sem
excusas a vida. Tempos depois
procurou pelas palavras restituir
o murmúrio com que na poesia
narrativa algo (ou alguém) sempre
traía o apelo da aventura. Não
lhe chegavam as palavras.
De facto, as flores do campo
eram as únicas que conhecia
como literárias pelo que
a sua percepção do horizonte
embatia sempre de encontro
a rochedos que tingiam de sombra
os devaneios da literatura.
Com dificuldade imaginava
a ansiedade do náufrago,
se tudo o que pedia da vida
era um segredo que o defendesse
da degradação de tons
com que a alma tinge
de dor a abside do crepúsculo.

Para quem escreve é pouco claro
que os poemas se façam de palavras
já que aquilo de que se lembra
é do modo como a aspereza do sentimento
agarra as mãos à caliça do queixume.
Com o tempo, perdida a simplicidade,
talvez nos habituemos ao comércio
das palavras — ao convívio dos mercadores
quando se sentam à mesa e pousam
o universo para descansar da companhia
de sombras que lhes tornam menos
solitária a ida para a sepultura.
Mas o mundo, se o procuramos
entender, teima em desaparecer
pelas frinchas dos sentidos,
obrigando-nos a usar as palavras
como calços na subida que
nos deve conduzir para fora
do precipício. Só o explorador,
indiferente às nuvens que se
acumulam por cima da cabeça,
mantém os olhos fixos na cultura
que permite a vida na superfície.
Porque se a filosofia nos anestesia
com palavras — variações sobre a dor
por onde perpassa, desprotegido,
o sopro do nunca acontecido —,
consideraremos com Agostinho
que um corpo quando cai
escolhe para repousar o lugar
que para o luto é o mais propício?
L'âme ne déchiffre pas le corps,
ne le comprend pas, elle se laisse
forcer et contemple bée la vision
dont elle jouit avant de se précipiter
affamée dans la combe du précipice.

Escrever, desde há muito que perdera
o encanto e contudo repetia o gesto
de pegar na caneta para, pelo poder
da palavra, reparar o mundo.
Aliás, hoje já só escrevia de manhã,
os olhos habituados à dor que a tudo
comunica contornos mais crus e seguros.
Mas não aceitava ficar aquém
do exigido pelo quadro que à vida
transmitia uma ilusão de relevo
e fundura. Ah!, entrar numa sala
nunca lhe era indiferente já que,
consigo, transportava uma tempestade
de palavras de que sobressaíam
os destroços de sentimentos
ainda embutidos dos limos
do fundo. À força de a amar,
habituou-se a viver com fantasmas
e já não consegue distinguir
a vida do sonho da literatura.
«Palavras sempre a mais
que tornam a ideia de *eu*
insuportável e inútil».
E no entanto, as palavras
não se confundem com amarras
assemelhando-se antes a sondas
que medem a distância a que,
por elas, nos perdemos no absoluto.
Sabia que essa perda era irreparável.
Como o dizer? Mesmo os anjos
que amamos chegam-nos de manhã
com as carnes ainda frescas por
se ter espojado no lagedo do túmulo.

Port-Louis, 1744

Durante muito tempo não soube
como iniciar o poema, regressar

ao mundo como se as razões que
nele o mantinham vivo, ela ausente,
não tivessem desaparecido.
A falta de palavras acalmara-a
com a paisagem, deixando que
a partir de dentro a natureza,
redescobertos os caminhos,
refizesse os tecidos.
Ao longe, o barco adornara,
submerso com a música
a que os pares ainda obedecem,
guiados pela luz que os reflecte
de encontro às paredes puídas
de vidro. Quanto tempo teriam
de ali permanecer, envoltos
pela sombra, até ficar limpos
dos vestígios que, pelos sentidos,
a este mundo ainda os prendiam?
Ao escrever, era verdadeiro
o sentimento com que partira
para o poema mas aí chegado,
desvanecia-se o sentido,
exangue como o olhar que,
debaixo de água, o questiona
sobre as razões por que tinha
partido. Assim, sempre que
no sonho o barco se inclina,
fugia dele, aflito, senhor
de um segredo de que os outros,
festejando o regresso,
nem se apercebiam.
Teria o desastre apenas lugar
no pensamento? Então por
que corria para a margem,
confundindo-se com os pescadores
na esperança, talvez, de que
por uma onda, do fundo do real,
o seu corpo lhe fosse restituído?

A tempestade alertou-o de que
as construções de palavras nem
sempre têm de coincidir com
os reflexos que a luz, embatendo
de encontro ao reboco do sentimento,
vem descobrir nos desperdícios
do sentido. Manteria os seus poderes
à superfície uma luz que com tanta
dificuldade se consegue separar
das sombras do precipício?
Também o poema a custo
se desprende da mentira
em que consiste procurar
dar por escrito o registo
redentor da aventura.
Ao vento cabe então agitar
as águas do fundo, oferecendo
com o naufrágio o altar em
que os elementos convergem
para celebrar, pela palavra,
o dilaceramento do sacrifício.
Moldado pelo vento e a chuva,
as metáforas servem de escaler
a corpos que bóiam na água
enquanto mastros emergem
de pensamentos de onde
voltam densos com o que,
entretanto, e por engano,
aprenderam nos livros.
Todo o espectáculo é rememoriado
pelo olhar do náufrago, o único capaz
de redimensionar para o exterior
as visões que lhe vêm do fundo.

Flashes de cor rápidos cintilam
na cabeça, tornando gelatinosas
as palavras que com o musgo
e os limos lhe saem dos orifícios.
Mas se fala, a língua retorce
-se com o vigor de um coto
e os silvos que então produz
são os de um morto que,
preso ao seu segredo, as águas
por despeito devolvem
às fogueiras da superfície.

Falhara o objectivo de reconverter
o mundo à violência da poesia.
E contudo, que pudessem tomar
o seu projecto por apenas literário

deixava-o mudo, sem saber a quem
oferecera, por equívoco, o sentido
do enigma. Ao longe, o barco
procura vencer o centro da tempestade,
deixando-se envolver por vagas
que o trazem ao de cimo depois
de ter tocado, pelas palavras,
o fundo prestes a explodir
do precipício. Se reemergia,
trazia preso ao cordame
um resto de terra como prova
de que outras formas de vida
eram possíveis no silêncio
do abismo. Algumas conchas,
crescendo por entre os cabelos,
comunicam consistência
ao terreno, convidando
a travessias que nos faziam
esquecer os perigos da aventura.
Mas as palavras, uma vez ditas,
dispensam emoções que, no discurso,
pelo sentimento devem ser
mantidas ocultas. Para quem ama,
a paisagem constitui sempre
um problema e ressente-se
da falta do objecto que,
ao desaparecer, parece ter
arrastado do mundo toda
a beleza consigo: ainda
que o céu permaneça claro,
ventos levantam-se, vagas
encarpelam-se que não
consegue cobrir o pensamento
e não nos deixam distinguir
os caminhos que do *maelström*
nos podem conduzir, pelo
discurso, aos desníveis mais
acentuados da superfície.

Log-book — de regresso de viagem

A caneca sobre a mesa contém
no bocal um mundo onde,
esgotadas as tradicionais
fontes de riqueza, por fim
tinha desaparecido. Tal
como a dificuldade em
encontrar razões para
os actos não se distingue
da escassez de palavras
que um dia o levou
a abandonar o degredo
da poesia. Agora, limita
-se a pincelar palavras
numa caligrafia difícil
em que a natureza,
entregue a si mesma,
cresce por todos os lados
e se confunde com uma
pintura rude e fantasista.
Onde quer que faça escala
ou pernoite, a paisagem
perde compostura, tornando
-se mais densa à medida
que, dentro de si, os sentimentos
adquirem uma espessura
que dificulta o esclarecimento
capaz de o libertar do vazio
que até ali o conduzira.
Os mapas de que se serve
são vagos e, neles, os espaços
em branco ainda não
identificados guardam
o lugar que as emoções
continuam a ter na escolha
das rotas do percurso.
Em certas partes do real
a matéria (a cor, e com ela
o pergaminho e a tinta) falta
e funções do corpo soltam-se
para se enrodilhar na paisagem
As lianas prendem-se aos meandros
do pensamento redefinindo a paisagem
em tons de que mesmo os locais
nunca se tinham apercebido.
Ninguém sabe ao certo
quanto tempo decorreu
desde que as imagens —
relatos de viagens ou
minuciosos inventários
de provisões e mercadorias —
deixaram de se alimentar
dos fantasmas que anteviu
nas galerias do precipício.
Concluir-se-ia daí que o real
o absolvera ou que encontrou
no trabalho a maneira de fazer
recuar a forma de vida prodigiosa
que o conduziu ao exílio?
Toda essa fauna abandonou
a paisagem, deixando-a
pronta a ser invadida
por uma visão do mundo
de que todos os vestígios
de terror, agora trocados
por números, tinham desaparecido.
Assim, nas alamedas, os homens
passeiam-se com a sua sombra
sem deixar escapar, pelos folhos
da roupa, partes do corpo ou
fibras de músculo já esgarçadas
pelo destino. O mundo, recompondo
-se do susto, deixou de oferecer
orifícios, na sua superfície,
ao estupro dos sentidos. Assim
sendo, o que lhe restava fazer
senão desdobrar para o exterior —
alimentando-a inumanamente —
uma realidade cuja falta de fascínio
tão facilmente se substituiu
ao vazio que agora o ocupa?

e lhe comunicar uma consistência
que depois nos agride e assusta.
Talvez por isso, mal regressou,
ninguém o reconhecesse:
já não era ele que ali estava
ou quem os outros viam
mas, impressa no rosto,
a narrativa da loucura
que o mundo invadira
e fizera dos homens
troféus de um jogo
que, em noites de tempestade,
os mortos faz sair da sepultura.

Carta de França (1790)

Quando, atingido o cume do monte,
um súbito estremecer do terreno
arranca debaixo dos pés a placidez
da luz, conseguiremos ainda saudar
na derrocada do que nos habituámos
a considerar o mundo, o esplendor
da natureza que assim se afirma,
em toda a sua amplitude, indiferente
aos limites da percepção, do gosto
e dos sentidos? Nas cartas que
nos escreveu de França, em 1790,
Helen Maria Williams não esconde
o Horror que lhe causam os pássaros,
levantando-se à sua frente, prontos
a retalhar o espaço, possuídos
de uma fúria capaz de lhes alterar
o corpo e o tornar mais maleável
à precipitação húmida dos tecidos.
A forma perdera-se com os limites
da consciência, deixando-se percorrer
pela força que a natureza ia buscar —
sem quebrar o fluxo dos elementos —
ao fundo revolvido do precipício.
Era o mesmo mundo que
aos seus olhos se oferecia,
transidos os sentidos?
Like the traveller who from the scorching
plains, climbs the rocks that lead him
to the regions of eternal snow, and finds
that in the space of a few hours he has
passed through every successive latitude,
from burning heat to the confines
of the frozen pole, the journey of months;
so the human mind, placed within
the sphere of the French revolution,
has bounded over the ruggedness
of slow metaphysical researches,
and reached at once, within an incredible
effort, the highest probable attainments
of political discovery, redizia-se,
confessando-nos que deixara
de se interessar por uma poesia
incapaz de abandonar o mundo
para dar conta de fenómenos
que nos levam a ver a vida
como uma caminhada por
entre a neve no sentido
das regiões mais puras do futuro.

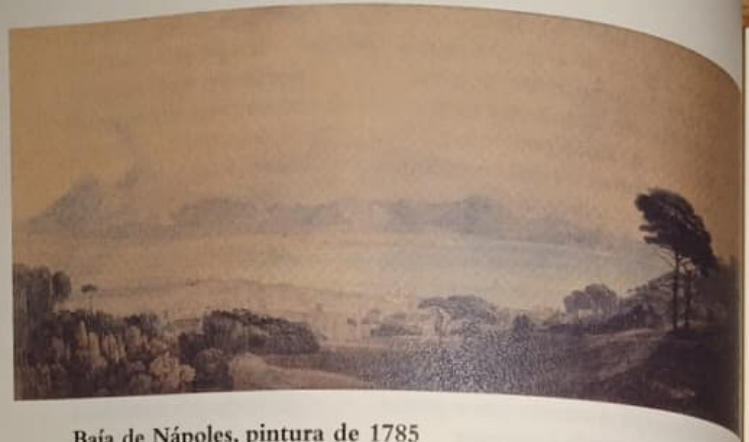
Heathcliff em Sintra

Depois de discutir os méritos
da medida (o iâmbo ou o alexandrino)
que melhor define os contornos
do real e comunica alguma secura
à poesia, cansou-se dos discursos
incapazes de resistir ao efeito
do vento que, puxando-o
por detrás do pensamento,
o obriga a descobrir o trilho
de onde pode ver-se a subir

o monte que os seus passos
levantam com o pó do caminho.
Quantas vezes o escrevera?
Sim, a mente tem montanhas
e escalá-las é procurar
um caminho que contudo
se embrulha e nos atira
para imagens de um mundo
que ainda não se soltou
das sombras do início.
Passo a passo, a medida
imprime-se no pensamento,
indo buscar ao exterior
as saliências e as asperezas
do terreno em que a linguagem
vem embater, dobrando
-se à crítica dos arbustos.
Rodando com os calcanhares
sobre o precipício nada distinguia
que não coincidisse com a imagem
que nele instalara a pintura.
Não era isso, contudo, o que via.
A pedra descolou dos cumes
e só a urze prolonga a paisagem
de um coração varrido por paixões
que no solo nunca encontraram
a devida cobertura. Nalgum ponto
a terra se abriu e o que vê
comunica realidade ao que,
obscuro, envolto na linguagem,
trazia consigo. Se caísse,
quem viria ao seu encontro,
dando rosto ao **Horror**
em que, para não a perder,
isolado do mundo subsistira?

Por vezes, a natureza entretém-se
a compor quadros que dificilmente

toma por modelo a pintura.
Então, a massa do ar — dos signos
no ecrã do computador — recua
no horizonte, abrindo fracturas
por onde o espaço pode sugar
todos os elementos que compõem
a perspectiva idílica da planície.
As nuvens e a tinta, crispadas
em torno de olhos vazios
de anti-matéria que de dentro
do Horror de um modo decomposto
atónitos nos fitam, adensam-se
em camadas compactas prestes
a submergir o mundo que o pintor,
pela forma, ainda conseguiu
arrancar ao pesadelo da pintura.
Na orla da praia as faixas de luz,
de diferente cor, sobrepõem-se
irrealmente, dispensando
para crescer o artifício
da perspectiva: aí, onde
a tinta — o castelo da noiva
que se afunda na bruma —
se dilui («il n'y a pas de fond
en nous, seulement des surfaces
à l'infini»), os elementos
dissociam-se e a tela
na natureza anuncia
a vinda de um submundo
até agora pelo contorno
mantido invisível.
Tudo se passa em vários planos
e ao mesmo tempo, enquanto
o pintor compõe na paleta
as cores servindo-se das impressões
que nele imprime o mundo.
Mas que intersecção trouxe
para a tela a figura do fantasma
que, de onde nunca devia ter
saído, interdito nos fita?



Baía de Nápoles, pintura de 1785

O cenário estende-se como
se a natureza aceitasse receber,
adaptando-se aos acidentes,
as memórias dúbias do destino.
A primeira dificuldade estava
em cruzar a barra, servindo
-se de palavras que o vento
(as linhas, uma vez escritas)
ia buscar às correntes da baía.
Teria até ali vindo a montanha
só para descansar, depor
os fardos com que os homens
se habituam a atravessar
as alamedas de frutos com
que lhes acena a planície?
Homens alterados — pares
de amantes que na costa
se sentam e nas roupas
enrodilham a frescura
da vista —, as árvores
param junto à margem
adiando o momento em
que as ondas os envolvem
no seu redemoinho.
Os últimos animais do mito
— com três seios, o sexo
na cabeça e partes de alumínio —
há muito morreram, deixando
-nos um mundo cujo segredo
persiste por entre as camadas
de tinta e os labirintos da pintura.
Eram esses os mapas de que
nos servíamos para comunicar
aos outros a razão obscura
da partida. Ao longe, nos montes,
a lava corria intermitente:
não eram signos ocos
o que víamos mas volumes
que o fogo consumia,
lançando-nos ao rosto,
em manhãs de maior esplendor,
a razão da sua desmesura.

The Master of Ballantrae

Ao cair, o negro invadiu-o,
substituindo-se ao amparo
da neve que o acolheu
em toda a sua brancura.
Durante momentos
ainda cambaleou medindo
com o corpo a distância
que o separa das sombras
que se preparam para
o receber vindas do túmulo.
Ao respirar, o ar explode
no interior do corpo
confundindo as imagens
de situações e sítios
que não se recorda
em vida de ter conhecido.
Será isso morrer?
De súbito a realidade
deixa o lugar para

vir ao seu encontro
dando um nó que, ao
soltar-se, o dispersa
pelas poeiras do infinito.
Só os novelos de fio
que caem do horizonte
se enrodilham no coração
deixando à vista a abertura
por onde o líquido corre
capaz de dar cor e volume
às palavras que pronunciou
antes de atingir a clareira
do precipício. Que paisagem!
Três gotas na neve
abrem o caminho
para uma realidade
que os anjos assusta.
Assim, preparou-se
para a receber, deixando
ao sangue a tarefa de unir
na morte o que em vida
pelos deuses foi dividido.

Lady Jane Grey, segundo Paul Delaroche

Estancando, as figuras designam
o poema como o lugar
onde pode decorrer a cerimónia
interrompida da pintura.
Contudo temia, ao escrever,
precipitar os acontecimentos
fazendo cair o pano sobre
um real que, de tão frágil,
só agora sabia merecido.
O silêncio e a reserva
dos movimentos impedem
o cutelo de cair embora
vendada, de joelhos,
a senhora estire os braços,
seguindo as indicações
do carrasco, como se
quisesse tactear o espaço
em que, ao perder a cabeça,
pelos espíritos será recebida.
Sapudos numa mão,
finos na outra, os dedos —
talvez devido ao efeito
da perspectiva — apalpam
o terreno, assegurando-se
de que não é tão profundo
o abismo que separa os mundos
que agora se lhe ofereciam.
Ao aproximar-se do fim
o corpo estremece, os poros
dilatam-se e com os lábios
carnudos, saídos, ela parece
querer receber o beijo que
daqui a puxa para a outra vida.
Então, num espasmo único,
liga-se de novo o que na
terra fora disjunto, recons
tituindo um corpo maior
do que o mundo de onde
saíra. Atravessada a lâmina
o que a espera? Talvez
o amante com o corpo
tape as frinchas do real
por onde sopra um vento
que lhes reenvia sempre
os prazeres vivos da sepultura.

C'était l'alliance suprême entre la matière
qui se révolte contre sa destruction prochaine,
et l'esprit qui s'aperçoit qu'il n'y a plus rien
pour les joies terrestres au-delà du dernier
soupir; alliance qui rend l'homme supérieur
à lui-même. Au seuil de la mort, les deux
amants s'oubliaient dans les extases de la vie.

A dificuldade com que lhe vinham
as palavras, confirmara-o na certeza
de que o mundo deixara de coincidir
com a visão de trevas que dele um
dia dera a poesia. Hoje, ficara-lhe

a impressão de conseguir viver
mesmo depois da crença nas palavras
de há muito em si se ter extinguido.
Por isso tudo +o que fazia lhe parecia
sem sentido, faltando-lhe as palavras
que confirmassem as promessas já
ungidas pelo abismo. Sem dúvida
que aprendera que os sentimentos
dispensam a arte uma vez que,
para escrever, só lhe era exigido
que se mantivesse aberto à circulação
dos nomes de que as coisas iam
testando, pelas palavras, os vestígios.
Assim, de cada vez que a ela
se referia, recorrendo à linguagem
de escombros que da sua passagem
ela deixara na vida, sabia que,
aos olhos dos outros, tudo o que
escrevesse se viria a revestir
dos contornos ainda inominados
da poesia. Mas poderiam eles
compreender o que resta
da linguagem quando a dor,
ao retirar-se, na sua vertigem
sem conceitos nos deixa o mundo?

Todas as palavras não chegavam
para dar conta das feridas que,
a luz, ao surgir, entreabira
por entre as clareitas da superfície.
Sim, tinha que escrever até
que o sentimento, acumulando
-se na frase, trivializasse pelo
ruído o horror do assunto.
Mesmo assim a linha não
se prendia ao rebordo da figura
recorrendo ao arabesco para
sinalizar na forma o desvio
que a dor sempre toma para
se aproximar do ponto em
que a neve derrete deixando
à vista o corpo extinto
pela clareza do discurso.
Torna-se assim tão lúgubre,
quando lida, a literatura?
Diferente da natureza,
que exterioriza o laço
que todas as coisas une
num anuimento sem
perguntas, instigar-nos-á
ela a seguir, incrédulos,
os caminhos da aventura?
Em si, as paisagens tinham
ruído e só o vento, forçando
a passagem por entre as palavras,
soltava dos sons um lamento
obrigando-as a desenhar
novas configurações
para a dor que o terror
extraía das frinchas do sentido.

Uma a uma apagou as luzes
que, com os seus efeitos de dor
e sombra, entregam o quarto
à monotonia acolchoada
do crepúsculo. O novo sistema
de luz trazia a rua para dentro
de casa, avivando o dorso
das coisas com um bálsamo
de plástico em que se envolviam
para adoptar, por entre os móveis,
as posições mais rudes e cruas.
Ligar o interruptor, fazia-nos
compreender que a iluminação
nunca é exterior ao seu tempo
e às formas então vigentes

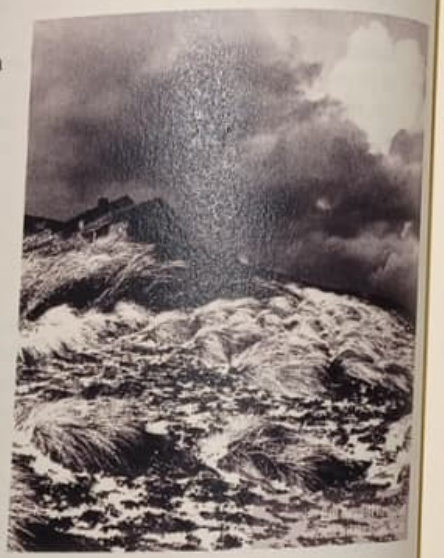
de literatura. Mesmo de olhos
fechados, ninguém vê mais
do que o presente e aí
o que se vislumbra obriga
-nos a entrar em territórios
que as palavras, mesmo depois
de os dizer, ignoram e ocultam.
Acender a luz, interrompendo
o fluxo, permite-nos entender
a mentira da poesia que dá
ao não-acontecido a envolvente
fluidez de uma trama narrativa —
na esperança, talvez, de que
chocando com os móveis
os olhos por fim se habituem
ao som com que as letras
ao cair iluminam por dentro
as contrafacções do futuro.

Com o tempo, os órgãos vieram
todos dar à superfície. Entretanto,
aprendera a ver o real, aplicando
-lhe o dispositivo de revelação
em que, sob as cortinas,
se convertera a pintura.
Se no que apercebia faltava
uma dimensão, na tela
tudo se recompunha
graças à técnica de arrumar
os fundos de onde **ela** surgia
a dar o nó a palavras que,
de outro modo, se perderiam
no fundo líquido do discurso.
Para onde quer que olhasse
Ela estava lá, a ocupar o lugar
por onde o mundo desaparecera
para noutro lugar se reagrupar
com uma espessura onde

o que sentíamos se reflectia
sob outros traços, numa
visão mais distorcida e pura.
Assim, onde quer que nos
encontremos, ela já está lá
ou entra com os instrumentos
de que se serve para amputar
o real das impurezas que
até ali o tinham obscurecido.
Outras vezes, junto ao aparador,
o sangue pinga dos dedos,
alterando as cores de que
o pintor se serve para dar
vida à pele fina dos frutos.
Limitar-se-á a nivelar
as protuberâncias do real,
ou, abrindo passagens,
liberta os espíritos de corpos
que a memória faz revolver
na paz lúgubre do sepulcro?

Os quadros na parede servem
de resguardo aos ventos
que o puxam para baixo,
para o centro da dor,
cravado no abismo,
de que tinham partido.
Por isso os prende com
tudo o que tem à mão —
cordas, pregos, a pobreza
semântica dos adjectivos —
de modo a manter abertas
as portas para um mundo
que, em certas noites,
lhe serve de abrigo.
Vistos de baixo, os tufos
de urze, erguidos pelo vento,
descobrem as pedras

ali plantadas como
vestígios do desastre
que o aguarda no futuro.
Mas o verso revela-se
demasiado curto para
o pulsar do coração
que nele vem explodir
numa vaga de luz
suja das escórias
que traz do fundo.
Ao alto, a casa, mancha
de granito habitada
por objectos de que
as sombras se retiraram,
enjoadas com a melancolia
que lhes transmite o uso.
Sobre a mesa, o arranjo
de flores favorece a cabeça
que, mal a noite cai,
começa a rugir
e se acende no escuro.
Que poderá dizer?,
que pensamentos lhe vêm
do vazio que se abre
por detrás dos orifícios
das pupilas? Palavras
que, uma vez ditas,
regressam de novo
ao sorvedoro dos membros
para aí se transformar
em águias cujas asas
foram arrancadas
de modo a não sentir
a vertigem das remiges
a rasar o fundo



os poemas de Genebra

Lago Leman

Enquanto escrevia nas costas do livro
o vento trazia até si as impressões
que as águas do lago não tinham
conseguido devolver ao fundo
do precipício. *Bibelots*, conchas
de moluscos, ou mesmo páginas
do livro que, pelo particular,
arrastam o mundo para o centro
da poesia. No entanto, de cada vez
que cai em si o silêncio da natureza
compreende as razões que o levaram
a abandonar o projecto de reconciliação
que em si decidira o poema narrativo:
não, a natureza não precisa de recorrer
aos ardis das sombras para produzir
as imagens a que depois os sons
dão consistência arrancando
o seu ser ao pesadelo do ruído.
Só um laço impedia as sensações
de se perder, batendo no fundo
com o halo de luz que as ondas,
no seu movimento, lhe tinham
devolvido. Se cedesse ao seu apelo,
abordaria à ilha a que, para se recompor,
naquele Verão se tinha recolhido.
Mas os sentimentos que o assolam
evocam as tempestades do lago
que a surpresa de ver a montanha
a crescer do fundo torna ainda
mais presentes do que as visões
que não o deixam afastar-se
das correntes do precipício.
Ao mover-se, a natureza descobre
os ombros, traçando perspectivas
para a carne que já não conseguem
conter as barreiras do discurso.
Talvez a isso se reduza

o seu interesse pela natureza:
não que veja nela um quadro
ou uma guarida do estilo—
uma extensão do corpo, sim,
que pela emoção confirma
as promessas que o levaram
a dar realidade ao lívido
monstro da literatura.

Em Genebra interrogou-se sobre
a natureza do sentimento, capaz
de o fazer partir da planície
em que, acreditara, a regeneração
dos elementos tornara possível
a euforia de um novo princípio.
Agora, entregues os mantimentos,
alisara o poema, retirando-lhe
a pompa que pudesse servir
de pista, na mão dos outros,
a uma reconversão do sentido.
Acabado o serviço, os carregadores
já não se distinguem dos hóspedes
que ali tinham parado à espera
que o repouso desse algum sentido,
ainda que ocasional, ao curso
da vida. Seria tudo um sonho?
Também ele perdera a sombra
e para caminhar agarra-se
à aspereza das palavras
procurando manter o equilíbrio
sem ser sugado pelas presas
do precipício. Como o conseguia?
Atando com os nós da ficção
as pontas soltas de um percurso
que o conduzira, em plena vida,
às emboscadas da literatura.
Ao olhar, os signos oferecem-se
truncados, vindos de um sonho
que só a neblina faz perdurar,
sobre a praia, tal o fantasma
esquecido da hora de regresso
à sepultura. Se os redefinisse,
adquiririam consistência ou
afundar-se-iam, descobrindo
sob o real as profundezas
de um outro mundo? **Escrever**,
assim, não consiste tanto
em duplicar o mundo como
convovar uma verdade paralela
de que as palavras nunca
se conseguem libertar
no futuro. Ao cair,
ela traçou um caminho
para o sentimento que
agora percorria, perdendo
na travessia, com a realidade,
a própria ilusão de vingança
que o arrancou ao sepúlcro.

os poemas

1.
Os poemas de Genebra anunciavam o fim
da fase meditativa da sua poesia. Embalada
a forma, pouco lhe importava o que pudesse
suceder no mundo. Fosse a ordem das estações
ou o número de passos que, às recuas, ainda
o separavam do precipício. Deixara para trás —
rasto a que se dedicam os críticos — os vestígios
de que alguma vez os sentimentos em
si tivessem cedido ao vazio da poesia.
Agora, olhava em frente. O que sobrara
de flores, limpou-lhe o rosto — o fio
de sangue que as palavras deixam
a escorrer na boca — pelo que nunca
mais sentiu complacência pelas preces

de que os homens se servem
para apelar ao regresso dos deuses
no discurso. Por deuses só reconhecia
os que já não eram deste mundo —
a raven's plumage smoth'd on snow
or a flash of roses flourishing o'ver
a sepulchre. Lá fora, a promessa
da natureza parecia-lhe imensa —
mas a quem ficou, resta-lhe
colher as flores do lugar
em que um dia, diz-se que
por amor, as palavras se renderam
aos sortilégios dos sentidos.

2.
Pode a celha bater duas vezes
de encontro à parede sem
do fundo despegar as sombras
da corrente que as palavras
conduzem, tintas de memória,
às rugosidades entenebrecidas
da planície? Sim, vendo-a
despedir-se, sangrara por duas
vezes e a ferida transmitira
à luz a tonalidade que permitia
aperceber a perturbação da atmosfera
do fundo a partir-se do precipício.
A tempestade tolheu os movimentos
e de cada vez que abria a boca
o mundo aos bocados saía
cá para fora, arrastando
as emoções com as palavras
na vasa dos detritos. E
no entanto, o sangue aclarou
a noite, iluminou as sombras,
aliviando-o da dor que
parecia obstruir, de uma vez
para sempre, os caminhos da vida.

Regressaria o mundo mais limpo
do inferno da forma em que caíra?
Não sabia se amaria de novo
mas as vias para o real, de tão
desimpedidas, pareciam-lhe hoje,
vistas do abrigo, se não seguras
pelo menos mais simples e previsíveis.

3.
Era branca, muito branca,
de uma consistência de pele
que se desfaz à medida
que as palavras a procuram
trazer para o universo des
protegido de círios da poesia.
Quanto aos poemas de Genebra,
que evocam a sua presença,
encontraram-nos no bolso
de um morto, esquecido
do destino nos caminhos
íngremes da subida. Aí,
dizia-se que ao dar corpo
ao mimetismo do sentido,
a poesia consolidara o terreno
por onde, sem necessitar
de guias, se estendia
depois inconcluso o discurso.
Afinal, todos tinham a ganhar
com a sua imprudência, capaz
de galgar montes a que a vista
já abdicara de subir desde que
se habituou às novas formas
com que se dispunha a atravessar
os rigores do futuro.
Verdade das imagens
que as aves disputam
ao corpo do morto
servindo-se de palavras

que entreabrem os canais
por onde há de passar
a nova luz do absoluto.
Aquela que fomos desenterrar
a um corpo que traz consigo,
para nos surpreender, o desvario
de uma memória feliz do precipício.

O mundo nasceu de uma perspectiva
que se abriu sob a cobertura falsa,
prestes a abater-se, da superfície.
Daí que tudo o que escreveu
se revestisse da palidez de imagens
que fora buscar às sombras
que selam a entrada do espírito
na imensidão bravia da sepultura.
Disperso por uma longa fila de utensílios,
o mundo depunha-se pela mesa
em que tomava as refeições
depois de todas as esperanças
do seu regresso — de que, nas entrelinhas,
se alimentaram ficções e poemas —
se terem desvanecido. E contudo,
todos os dias ali se sentava
para sobre ela escrever, quase
sem reparar nos apelos a um retorno
à vida que lhe vinham, envolvidos
em formas e cores, do calor da comida.
Todas as manhãs a esperança
recomeçava naquela casa……..
…… mas
a frase detinha-se, embrutecida,
hesitando percorrer o último
trilho que a separa do repouso
prometido aos que um dia iniciaram
a subida. Ah!, é tão lento o modo
como à sua frente se compõe
o poema, reinventando o mundo

à medida que o vento revolve
as palavras e lhes comunica
o sabor que tem o chumbo
depois da paixão se ter erodido.
Ah!, pensou, o riso dos mortos
é algo de muito real: apercebe-se
de longe e distrai-nos das precauções
com que deveríamos sempre abordar
os acidentes da subida.

Começou a escrever um diário
porque pensou poder conter
os sons de que se alimentava,
uma vez proferida, a literatura.
Enquanto aguardava pelo
atropelo das palavras servia
-se da capa dos livros para
guardar segredos a que depois
voltava conforme os afazeres
da agricultura. Sentado a olhar
para o monstro no seu lugar
no quadro, decidiu acolher
apenas actos de violência
que a linguagem não conseguia
conter e que pusessem em perigo
a solidez do discurso.
Então via **coisas escritas**
que lhe eram ditas por
uma fauna intermediária
de que não reconhecia
a origem ou o culto.
Jeune femme, tu ressembles
à ces taches azurées
que le vent enlève du dos
des marsouins et des puces.
Tudo mapas de cristal
que as monções introduziam
na sua mente apocalíptica

e suja. Se pegava num livro
procurava nas últimas linhas
a confirmação de que o autor
traíra e não regressara para
receber os louros da aventura.
A poesia era o que restava
depois das chamas varrerem
a ponte que o levou tão longe
quanto o permitiu
a loucura do sepulcro.

Autoretrato em 2046

Entre si e o mundo estendera
uma cortina de palavras
de que agora se desprendem
as formações anómalas que,
sob os traços de um monstro,
o continuam nas alturas.
Mas entretanto o tempo
estagnou, a natureza deixou
de se medir pelo poder
descritivo dos substantivos
e as marcas de bolor
na parede introduzem-no
a sonhos em que outras
espécies ocupam o lugar
que em vida na pintura
lhe fora atribuído.
Algo nele crescera
e o ocupou interiormente,
dotando-o de uma visão
que dispensa o pensamento
para imprimir relevo
a imagens que trazem
consigo a promessa
de um outro destino.
Vendo-se ao espelho,
e retirados os agrafos,
levanta uma por uma
as camadas de tinta,
abrindo clareiras
na carne por onde
os abutres entram
à procura dos corpos
daqueles que, iludidos,
ficaram pelo caminho.
Ele próprio mudou,
perdendo membros
à medida que subia,
até deixar transparecer
o corpo de luz que,
pelo artifício da tinta,
procurou esconjurar
a pintura. Restabelecidas
as passagens entre os dois
mundos reconhecia-se
no animal à sua frente
ou distingue nele
o apelo de uma espécie
que, sem nostalgia,
abandonou o futuro?
Só sabe, enquanto escreve,
que as imagens que utiliza
o transformam naquilo que,
pelas palavras, um dia
criou para o mundo.

É anacrónico, dizem-me, o voo das aves
por cima da paisagem. Imagine-se agora
que esses pássaros são feitos de restos,
migalhas de palavras deitadas ao ar
na esperança, talvez, de que um pintor
recolhendo-as na substância das tintas,
com elas componha uma pintura
em que se esbatam por completo
os contornos da figura. Ainda
se poderá falar de uma ameaça do real
capaz de assolar com a sua sombra
o compromisso encontrado pelas palavras
para o seu mutismo? A partir de certa
altura, no entanto, o ar falta por entre
as palavras e o deslumbramento
das alturas surge-nos como o modo
mais simples de nos continuarmos
a mover à superfície. Para lá dos olhos
estende-se a placa gelada dos grandes
lagos. Como o pensar? Abrir os lábios
à aparência de um sentimento que
solidifica mal embate de encontro
à experiência precisa dos limites?
Contemporânea da época dos grandes
glaciares, talvez a poesia consista
nesse esforço contra o sentimento
que procura dele apenas guardar
as imagens que, pelas palavras,
nunca conseguirão encontrar
repouso neste mundo. Pouco
lhe importa o destino figural
da linguagem: crimes do pensamento
de que cada um se arrepende
depois de esgotar as ilusões
que o mantiveram vivo
enquanto a seus pés os gelos
derretiam que num corpo
antecipam a derrocada do futuro.

Palavras a mais tornam-lhe difícil
o retorno ao centro obscuro do discurso.
Como o dizer? Acercar-se das imediações
não garante o acesso à paisagem e o sentimento,
fazendo-o ir cada vez mais longe no terreno,
descobre aí as grutas que tornam a montanha
mais leve do que as metáforas de que
se serve para a descrever em poesia.
Só o olhar se mantém atento às aparências,
procurando uma linguagem em que as coisas,
sem necessitar de ser ditas, contêm mais
real do que os nomes que ainda o defendem
das ramagens do discurso. E de facto,
à medida que sobe, o mundo recua,
a sua aparência simplifica-se,
deixando-nos na boca um vocabulário
de escombros quase sem figuras
que vai buscar a força lá muito
acima, ao lugar em que a urze
já tem dificuldade em crescer
devido à inclemência do sentido.
Porque para quem o soletra,
o Verbo do alto é tudo menos
transparente: o seu destino
é o da pedra que ao cair
encontra o lugar nas águas
que a arrastam para o precipício
de onde nunca tinha saído.
Nós próprios, se aí chegamos,
temos de nos vigiar para
não cair. Já sem palavras,
só o coração que oferecemos
à montanha dá espessura
a um mundo cuja realidade
lhe vem do sangue vertido
pela tessitura do caminho.

O pássaro não quis sair da alegoria
enquanto a música não silenciasse
nele o pedido de Horror que lhe vinha
das clareiras mais fundas do precipício.
O vento atirou-o para aquela parte
remota do pensamento sem se inquietar
com o sangue que corria das asas
comunicando ao mundo um colorido
que as palavras depois, no poema,
tornam ainda mais sujo e preciso.
É essa a função da poesia:
libertar o real das dúvidas
quanto à legitimidade
violenta do seu exercício.
Missão aceite pelos pássaros
que batem as asas dentro
da cabeça, obrigando
as palavras a percorrer
caminhos contrários
aos da luz que os seduzira
no início. Escrever, nada
tem a ver com a contemplação
da natureza: tudo se passa
em regiões que os ventos varrem
sem deixar os elementos pousar
em figuras que nos consolem
do estertor com que as formas
deflagram no abismo.
Assim, não era a sua mão
que escrevia mas outra
que nela se punha,
demasiado fria
para pertencer a um mundo
que o emudecia
com a sua brancura.
Eram essas as palavras
que os pássaros lhe punham
na boca, deixando-as aí
apodrecer até que delas
se desprendesse o real
em que agora caminha
testando para os vivos

uma ideia de poesia
que, pela sua surpresa,
talvez os dispensasse
de fazer da vida
o limite do futuro.

Há sempre um dia em que o coração
nos salta do peito, invadindo com
o seu muco as superfícies lisas
do discurso. Damos o nome de poesia
às marcas que ele deixa da passagem
pelos sulcos do espírito. O olhar,
contudo, perdido o lastro interior
que o prende ao horizonte, passa
pelas coisas sem nelas se deter
ou descobrir o princípio capaz
de lhes redefinir uma ordem no mundo.
É estranho. Por vezes, ao regressar
da paisagem, deixava sobre a mesa
os instrumentos de que se servira
para remover o sentimento,
interrogando-se sobre quem
lhe poderia devolver a luz
que um dia entregou à montanha
envolta num halo seco de brancura.
Quanto tempo ali ficou aberto
às correntes do sentimento,
preocupado com os sons
que os tendões produziam
ao embater na caixa dos músculos?!…
Não conhecia outra música.
O pobre cântico das alturas.
Pode o real, ou a arte, suportar
o peso de tal linguagem?
O pulsar já fora de si dos sentidos?
O corpo adquire realidade
a partir desse centro —
como as minas da montanha
a puxam para cima e a tornam
transparente aos olhos dos
que a buscam desde a planície.
Não, o Horror já não constitui
um termo de referência suficiente
para designar os desníveis
de terreno que nos precipitam
para esse lugar da paisagem
em que as palavras, antes
de se formar, disputam
à luz as formas vivas
de que se revestem
para assolar as crateras
cruas da superfície.

O lápis de Wordsworth não o ajudou
a escrever o poema capaz de introduzir
a natureza numa paisagem lavrada
por palavras de que a realidade
se ausentou, deixando de si um sulco
insuficiente para nos defender
das emoções com que, do seu fundo
de súplicas, nos fita o precipício.
Durante algum tempo os mortos
connosco ainda partilharam
um trilho de palavras que lhes
permite dar figura aos pedidos
com que, atravessando os sonhos,
nos interpelavam do discurso:
mas um dia foi como se mesmo
da morte se fartassem, legando
-nos o poema que a dor, mantida
pelo seu convívio, nas palavras
deixara escrito. Conhecimento
do futuro, a morte dá relevo
ao que, por não ter sido dito
ou escrito, nunca nos chega
a alterar ao ponto de nada

mais ser do que o eco
desfigurado com que o ar
repercute na cabeça
anunciando o fundo.
Explicaria isso o vazio da pintura?
Ou a música que um deus
ignora mas que celebra
ao ouvido do homem
a ignominia do casamento
do vento com a sepultura?

De tanto ser escrita, a natureza
perdera todo o valor literário,
inclusive o que se pega ao pó
dos livros. E contudo, servira-se
dos mais variados instrumentos —
pós, detergentes — para limpar
de adiposidades a pele tensa
do discurso; quando acabou,
ao constatar a simplicidade
que introduzira nas palavras,
sentiu-se mais leve do que
o sonho que o conduzira
sem recursos à beira do precipício.
Aliás, reconhecia-se no universo
doméstico das palavras, regido
pela prontidão de procedimentos
capazes de reconduzir o mundo
à inclemência inaugural dos sentidos.
As mulheres ocupam-se do coração
deixado sobre a mesa: mexem
-lhe com os dedos, extraindo
dele todos os sucos que o podiam
tornar desagradável à bacia
em que fosse servido.
Os vasos — debroado a cor
na neve da roupa — cresciam
do ventríloco confundindo-se

com a terra dos tubérculos
que uma mão d'ouro para
a refeição lhe tinha oferecido.
Se o tocam, as mãos sentem
dificuldade em desprender-se,
erigindo um monumento
em que a luz, conhecedora
do seu projecto sacrílego,
mas ainda hesitante,
já não vem reflectir-se.

A Natureza nem sempre pode esperar
que a História compreenda as razões
por que se lança sem reservas nos
braços do futuro. Então, a superficie
da página rompe-se, os montes
tremem e a linguagem reserva-se
a ousadia de um último discurso.
Dita a palavra, bandos de pássaros
atropelam-se no cérebro, indiferentes
às ideias que no pensamento desarrumam.
Aves estranhas, que se alimentam
de vento, enquanto lá fora alguns
homens esperam pela brisa
que os há de conduzir a climas
que só a violência dos caçadores
conserva imunes. Nada sabem
do futuro. Inseguros, ausentam
-se do presente para esquecer
monumentos a deuses que só
a aridez da palavra mantém
insepultos. Caberia o poema
nas fichas do destino? Ou
aperceber-se-ia no movimento
das figuras que dentro de si,
enquanto sonha, permanecem
ocultas? Os acidentes
da natureza sucedem-se

interiormente e é pela
mesquinhez das palavras
que procura um caminho
que o abrigue dos ventos
que, por onde quer que siga,
lhe varrem os sentidos.

Tinha passado a tarde a ler uma das reflexões —
a que se segue à carta xxxviii sobre o *Ranz des Vaches* —
do *Oberman* de Senancour. Pacientemente, o escritor
faz-nos compreender a diferença que existe
entre a alegria do romanesco e a seriedade
triste do sublime: uma língua das origens
que, apesar de perdida, ainda ecoa aos ouvidos
como a memória submersa de um tempo antigo.
Ampliadas pelo sentimento, as coisas revelam
-se sempre pequenas: meros acidentes
de uma paisagem em que os reflexos
se fundem na miragem do crepúsculo.
E no entanto, se aprendemos alguma coisa
com os livros, deve ter sido a abandonar
palavras onde apenas a nostalgia
de uma alma cansada ainda persiste.
Por estes caminhos, apenas as cabras
se elevam até aos cumes que lhes
permitem os sentidos. Imagine-se
agora a cabeça a despegar-se do tronco
e a imagem a correr, fazendo corpo
com o delírio das alturas. É destas
feridas que as imagens sangram
enquanto lá fora os cães aboquenham
fantasmas no pátio de que já só
nos restam bocados, insuficientes
para fixar o vazio do sentido.
Só então a agricultura se revela
impossível, a quem já nem
sequer se consola com o poder
de evocação da literatura.

trabalhos do campo

1.
Sobre a mesa algumas peças
de fruta indicam que o mundo
por ali passou no seu deambular
convulso: perto da janela, as garrafas
impedem que o olhar se perca
para lá dos montes que servem
de horizonte (limite) à pintura.
Do lugar em que se encontra,
raso face à linguagem, já não
se avistam os grandes lagos,
nem o ponto em que o gelo
derrete de modo a melhor
espelhar o fundo do precipício.
Afinal, não era preciso habitar
debaixo de água para perceber
que os sentimentos só existem,
no fim, para ser devorados
pelos peixes do fundo. Que
palavras restam ainda para
nos atormentar?, que ideias
de terra sobrevivem nos
limos? Sabíamos apenas
que pela poesia se celebrava
a doença do mundo. Mas
não a pretendíamos curar.
Ao rolo do comerciante
pertencem palavras
que depois, no trato,
fazem as vezes de números.
Lá fora, se não fosse o vento,
cada um cairia dentro de si,
incapaz de dar consistência
a palavras em que um dia
se fixou o pavor de ter antecipado
o futuro.

2.
De pouco lhe serviam as metáforas
se lhe traziam a certeza de que nada
mais podia fazer do que antecipar
a catástrofe em que, sem um som,
se apagou o mundo. E contudo,
desde que ali entrou, parecia-lhe
que a natureza se contivera,
fornecendo-lhe o abrigo que
o podia salvar da queda
na vida. Cansado com o brilho
que se desprende das palavras,
tudo lhe parecia acontecer com
a lentidão das coisas que abdicam
no ser do nome que as pode
manter puras para o sentido.
Todas as mesas eram a mesma
e pelo copo de que todos se serviam,
os viajantes selavam o seu consentimento
em relação ao destino que neles
se cumprira. Todos os que ali se sentavam,
pelo tom que punham nas palavras,
pereceram no dia em que aceitaram
a necessidade de não adiar por mais tempo
a partida. E contudo, agora que descansam
da descida que dentro de si revelara
tão ínfimos precipícios, um fio de sangue
salpica de novo os baixios da retina.
Mas que não lhe falassem de miragens:
à poesia não cabe salvar o mundo
de palavras a que os homens doaram,
para sobreviver, o mistério do sentido.
Por si, só pedia que não esperassem
dele especulações sobre o modo como
na montanha se acumula o doloroso
percurso das nuvens. Pelo contrário,
as contas que fazia no regresso da quinta
deixavam-no sem palavras quanto
ao segredo — mais uma mercadoria
que se atira sobre a mesa — da literatura.
Teria razão o crítico ao referir-se
ao sistema hidráulico já em desuso
em que as palavras se substituem
a alcatruzes, retirando a poesia
de fontes desde há muito, aos
seus próprios olhos, enxutas?
Em redor, as raízes já não
cresciam e os adjectivos,
colados ao pensamento
secam na paisagem
sem permitir que os ramos
exponham ao Sol a cabeleira
de nomes em que o poema
enterrou todo o horror do mundo.

3.
Tudo derrapou quando deixou
de se admirar com os dons
que a natureza, plantasse
o que plantasse, todos os dias
lhe oferecia. Ou quando a teoria
deixou de cobrir a realidade
com imagens decalcadas
da memória da pintura.
Sim, deixara de se acomodar
a palavras sempre exageradas
face aos meios de que dispunha
e aos fins que se restringiam
a procurar pela linguagem
uma certeza física
para a dúvida de estar vivo.
Puxado pelos cavalos, o arado
abria sulcos no terreno onde
as grainhas cresciam, inventando
formas — uma vegetação indecente —
de que não encontrava vestígios
nos catálogos a que a visão
do mundo se vira reduzida.
Teriam medrado as palavras,
habitadas por uma doença

que as fazia crescer
para fora da natureza
e do seu modo precavido
de repartir os sentidos?
Enganara-se tão redondamente?
Como um camponês,
acreditou que as palavras
amadureciam nas mãos
e que ao pô-las na mesa
o mundo se converteria
ao colorido da pintura.
Mas não foi assim.
Caminhava de facto,
as águas abriam-se,
mas tudo o que via
vinha ter consigo
coberto pelos limos
das recordações a que
se encontram presas
as promessas do precipício.

O canto tinha essa propriedade
de dar corpo, abrir a garganta
a um real que se sente nas variações
da atmosfera e na forma como
a voz, aquém de qualquer nostalgia,
se extrema e parte à procura
de um uníssono com a matéria
capaz, no seu movimento,
de levantar as pedras
que atulham os sentidos.
Então, nesse estado de aderência
à desfilada dos elementos,
a voz entrega-se à paisagem,
deixa-se por ela percorrer
e devolve-nos a linguagem
num estado de soltura
que vai buscar o ritmo
aos espasmos com que
a natureza no seu leito
se masturba e nos assusta.
Lá fora, o vento sopra:
um chicote de átomos
amortecido por raízes
que coincide com o destino...
Mas tudo o que aprendeu
sobre os sentimentos acabou
por se acumular nas formas
ressequidas da vegetação
que guardou no jardim.
Crescendo para lá dos trilhos
que comtêm as raízes
as plantas contornam
os rochedos, envolvendo
no emaranhado das folhas
tudo o que os homens
ali deixaram da passagem
pelo futuro. Acreditava,
apesar do cansaço, que
se plantasse uma árvore
ainda conseguiria assegurar
uma saída para o mundo.
Quem sabe? Se cortasse
alguns ramos, desbastasse
as ramagens, talvez portas
se abrissem, capazes
de encurtar a distância
entre si e a vida.
Mas enganava-se:
nem a natureza se refaz
a traços de jardinagem
nem a devoção pode
despertar a paixão
numa alma embrutecida
pelo vazio que lhe comunica
a experiência do perdido.

ascensão do Monte Ventoso

À medida que perde por
entre as palavras o sentido
da escrita, esqueceu o gosto
por essa forma acrescida
de vida a que, em dias mais
felizes, deu o nome críptico
de poesia. Agora, ao escrever,
os versos já não o soltam
por detrás do pensamento,
deixando-o suspenso de um mundo
que torna mais vivos
os prazeres da superfície.
Toda a escalada é teoria
da descida: por isso elabora
as técnicas que lhe permitem
retardar o momento em que,
caindo em si, descobre a paisagem
que alindam as ruínas.
Mais acima, o vento tira
-lhe as palavras da boca,
libertando-o da ilusão
que para a vida o parecia
ter adormecido. *Pálida nè,*
ma pie che neve bianca,
ela aceitara acompanhá-lo,
levantando-se do túmulo
quase sem roupas, para que
o vento redefinisse o corpo
de acordo com destinos que,
acordada, nunca conheceu.
Mas na subida já não os
acompanhava a paisagem:
dir-se-ia que a persistência
da visão levara a que bocados
se deslocassem do seu corpo
para o atingir em lugares
que o sentimento julgara seguros.
Lá no cimo, as palavras
com os mantimentos escasseiam
e o que escreve não resiste
ao assalto de uma rajada
de vento mais duro.
Atingido o cume, devorou
o corpo que lhe devolveu
a paisagem, ciente de que
a panorâmica que dali se
oferecia nunca o consolaria
da visão que o levou a partir
e a procurar a luz das palavras
que a montanha se diz
mal se vê reflectida
nas clareiras do discurso.

Monte Branco

Só nos braços de uma mulher
se confirma a certeza de um dia,
sem hipótese de retorno, termos
sido excluídos das promessas
do paraíso. A sua disposição
melancólica é o que nos permite
compará-la com o pico das nuvens
em que a aurora deixa pegadas
de cor de que depois a neve irradia
desfeita em toda a sua brancura.
Quando deixamos a planície,
não sabemos onde nos conduz
o caminho e a sensação que
nos ocupa é em tudo semelhante
à que sentimos ao percorrer
as alturas. Porque, sabêmo-lo,
as verdadeiras migrações
passam-se na mente
onde os homens arrastam
redes em que cai, erodido
e sujo, o que resta do mundo.
Quantas vezes julgamos ter
atingido o cume de onde se

pode desfrutar o espaço como
se outro mundo se erguesse
sobre os escombros por que
se saldou, aos nossos olhos,
a paixão pela superfície?!
O corpo, ravina em que bate
o vento, agarra-se à polpa
dos nervos, inscrevendo
nos sentidos a memória absurda
de até tão alto ter subido.
Valeu a pena? A tal altitude,
o próprio amor, para quem
o sente, desconhece o sentimento
e deixou já de ter qualquer
relação possível com a vida.

Procurava na natureza os sinais
que, domados pela palavra,
transmitiam ao que escrevia
uma realidade tão inquestionável
como a do Sol que torna mais
intenso o caminho das alturas.
A palavra mede o espaço
que o fôlego deixou entre
as palavras descobrindo
ladeiras onde os carregadores
vendem as memórias
que nunca escaparam
aos fulgores da superfície.
Reconheceria ela, no que escrevia,
a vontade de significar o mundo
por um número reduzido de símbolos
de que o sentimento constituía
a única chave segura de leitura?
Pelo olhar procurava confirmar
as certezas da paisagem, o velo
de ouro de que a natureza
se serve para se tornar

mais atractiva para a alma
do que as fendas do precipício.
Ao fim e ao cabo, cada poema
leva-o mais perto do lugar
em que as luzes decidem
o destino dando corpo
às sombras que, sem as palavras,
nunca chegariam a depor-se
sobre a fogueira do sacrifício?
Teria sido tudo inventado?
Não se tratava de ligar mas
de operar a separação do real
iniciando um culto sem intercessores
de que toda a possibilidade de engano
pelas imagens tivesse desaparecido.

O voo do pássaro, esquecido
do sentimento, eleva-se por cima
do monte que deu um nome
à perspectiva ímpia da planície.
Mas ao viajante basta erguer
a cabeça para que nas palavras
se deponha o gelo que as protege
dos motivos que nos levaram
a abandonar a cerca de sombras
a que nos abrigámos para fugir,
no Outono, do estupro dos sentidos.
Pode a alma assim reclinar-se
no quadro que serve à natureza
de tímida moldura? Ou, pelo
contrário, suporta-o o vento
que por si entra, servindo-se
dos pigmentos para com eles
construir a ponte capaz de nos
conduzir para lá de metáforas
que nos desviam sem surpresa
dos caminhos do abismo?
Pouco sabia do destino

já que as palavras —
animais de pouco
discernimento — se
levantam em bando
mal ergue a cabeça
do restolho da urze.
A única dúvida vem-lhe
da inclemência dos elementos,
sempre prontos a desenhar
no espaço formas que depois
os olhos seguem pelo som
nos interstícios do escuro.

A profundidade das águas
afastou-o de prazeres apenas
permitidos às gentes da planície.
Agora, frente ao lago, compreendia
que as viagens nada lhe acrescentaram
habituando-o antes a perder-se,
tão estranhas eram as paisagens
que por camadas constituíam
os mapas de palavras
a que só por rotina dava
ainda o nome de poesia.
Olhando para as margens
não era o seu reflexo
que interrogava mas
o coto interrompido
que por cima dos ombros
deixa antever climas
que a luz corrompeu
no seu esforço para sair
das brumas em que caíra.
Tudo se resumia em voltar
inúmeras vezes às palavras
até delas apagar qualquer
memória do que lhe sucedera.
Cairia ou conseguiria
ainda extrair das águas
o que lhe restava de corpo —
uma teoria de palavras
capaz de caminhar de dia
por sítios que pela natureza
lhe pareciam proibidos?
Não era contudo seu
o corpo que desenterrara:
apenas a forma contricta
que, na ausência de tudo,
os sentidos lhe tinham oferecido.

Se as folhas se cansam
de existir, como é que
corpos hão de compreender
que determinados espaços
lhes estão reservados
no sentido? Imagine-se
agora pássaros sem asas
a flutuar no espaço ou
a neve que para a receber
estende uma fina película
de sangue pela planície…
De facto, não basta acumular
toros na jangada para,
sem sobressalto, atravessar
as correntes frias do espírito.
Morre-se disso. Nem os rios
cabem na paisagem, nem
há mapas que nos defendam
da transumância do destino.
E contudo todas as metáforas
se edificam sobre os escombros
do sentimento e vivem
de uma liturgia crispada
pela experiência do abismo.
Sim, o que nos traz o Outono,
a não ser imagens de desconten

tamento — analepses de morte,
transidas por nelas se ter ex
tinguido o fervor das alturas?
Mas se nos debruçarmos
no lago é debaixo da água
que nos vêem os fantasmas,
despegando-se de imagens
que a cintilação das luzes,
no fundo, torna mais agudas.
A ser assim, pode-se descrever
a poesia como a tradução
de um segredo que se extingue
à medida que é escrito?
De uma fórmula que precisa
de se apagar para ressurgir,
já sem glória, com os traços
da visão que o mundo oculta?

Se percorresse o arco
que vai do horizonte à mesa
reconhecia que as palavras
deixaram de coincidir
com os elementos que,
na natureza, edificam
a perspectiva do abismo.
Não sabia o que primeiro
o excluíra: se a paisagem,
ao definir a linha do horizonte
aquém do qual caminha
sem penetrar no segredo
que celebra a superfície,
se as palavras, incapazes
de reconstituir o mundo
com o vento que o som
arranca das ruínas do sentido.
Nalgum ponto se perdeu
para percorrer aquela planície
em que ninguém surge
com a palavra capaz
de pôr fim ao carácter
acidentado do percurso.
Dentro de si, esticando
o horizonte para lá do limite
que lhe opunham os ossos
e os músculos, a paisagem
enlouqueceu, perdeu
a compostura para se adaptar
às tracções impostas ao terreno
por frases que não conseguia
acabar e caíam dentro de si
agravando as crateras por
que a paisagem se despega
das sombras do discurso.
Novalis enganara-se, ao
escrever que a natureza
nos toca por todos os lados
e que a visão interior
apenas confirma o que
de uma forma difusa
já fora entrevisto pelos
sentidos. Do mundo
não se pode dizer que
ele seja um gémeo perdido,
apenas o televisor desligado
em que a realidade passa
já muito alterada numa
banda vídeo que de si propõe
uma visão já sem sombras
(a desert song in a ghost town)
e descolorida pelo uso.

Continuou a escrever à procura
de uma evidência de que as palavras
abdicaram para se comprometer
com os artifícios do discurso.
Agora que as moedas caem

sobre a mesa, compreende
como fora um erro trocar
o real pelas emoções capazes
de erguer do túmulo o sonho
de uma vida. Lá fora, a neve
alivia o contorno das imagens
que o conduziram, já sem
esperanças, à beira do abismo.
Então, a espessura de que
as palavras ainda se revestem,
permite-lhe caminhar sem
angústia pelas pontes que
o sentimento cruza para
redefinir as figuras dos sentidos.
Mas agora a paisagem
caíra dentro de si :
floresta *bonsai* que sob
a pele assinala o lugar
em que o mundo desabou
incapaz de conter o vazio
que de noite o invadira.
Dentro do corpo — globo
de ouro em que a natureza
se aperfeiçoou — o mundo
recompôs-se, espraiando
em redor uma paisagem
de urze que o sangue irriga
com as últimas sombras
com que nos brinda o discurso.

Caíra sobre o lado errado
do coração e não conseguia
conter o surto das estevas
por entre os rochedos ou
o silvo do vento de encontro
ao céu da boca que despedaça
as letras para com elas fazer
uma massa capaz de abafar
as memórias ainda doridas
da passagem pelo precipício.
Agora calca a tela com as
pedras que tem no bolso
abrindo orifícios por onde
passa a realidade que se
vem agrupar em imagens
que só a matéria intui por
entre os fios dos arbustos.
O céu é vermelho
e os peixes que aí nascem
alimentam-se de sonhos
que abandonou às plantas
quando ingeriu o veneno
que mantém em si vivo
o suplício da escrita.
Não sabe por que a fauna
devastou as plantações
do pensamento restituindo
-lhe a aridez da paisagem
que mais justiça faz
ao ser esquálido do mundo.
Ao adormecer, caíra sobre
o lado errado do coração
e agora adensam-se as sombras
que recuperam o dia
para o fino tecido do crepúsculo.

Libertando-se da pressão que sobre
ele exerce o pensamento, o corpo
revela-se incapaz de solucionar
no espaço o drama com que
a tensão da forma, pelo gesto,
altera o equilíbrio da superfície.
Ao vê-lo, interrogamo-nos sobre
se o pé ainda pousa no chão
ou já se desprende, batendo
com o calcanhar para se alçar

ao abrigo mais íngreme
das alturas. Aflorando o espaço,
é nesse nó de tensões que a matéria
dá o laço arrastando ao mover-se
o jogo de forças em que se decide
o sentido do mundo. Por vezes
dir-se-ia que é a matéria
que recusa a forma esmagando
com a sua massa o princípio
de delineamento dos músculos.
Então, é do tornozelo que se
lança o tronco, flor de carne
que a natureza não consegue
arrancar pelo pedúnculo.
Outras vezes, a massa adelgaça-se
no plissado da carne descobrindo
crateras por onde o vento circula,
comunicando ao desejo as formas
puras da planície. Em todos
os casos, o trajecto é indiferente
já que nele se reconhece
uma inteligência das formas
capaz de atravessar
a imensidão do barro
para plantar no espaço
a densidade sem destino da figura.

monte McKinley

Não sabia se a poesia —
esgotadas as latas em
que conserva as palavras —
lhe permitiria atingir o cume
que se prometera
em vida pela escrita.
Um momento houve
em que mesmo os
acidentes da natureza
desapareceram à sua frente
desimpedindo os caminhos
que o podiam conduzir,
pelo som, ao precipício.
Via por órbitas de que
os órgãos — ambicionados
talvez por um deus —
tinham sido extraídos.
Tudo estiolou quando,
para alimentar *a los*
gusanos, deixou de trazer
os mortos consigo
e estes o abandonaram,
cansados de o suprir
com sucos que
comunicavam à poesia,
no momento de ser dita,
a ilusão do acontecido.
A aridez do espaço levou-o
a procurar no alto as flores
que já não podia encontrar,
depois de ela ter ardido,
nas clareiras da planície.
Só as palavras da urze
crescem do pensamento
e quem as ouve descobre
regiões só perceptíveis
por olhos habituados
às provações do precipício.
Quando aí chegamos
os órgãos adaptam-se
a fins tão inumanos
que reintroduzem o Horror
(para alguns, a poesia)
no mundo dos vivos.

Achas puro o ar que lá em cima
se respira, onde os sentimentos

Car l'art s'arrête là où
meurt la dernière plante;
au-delà c'est l'inacessible:
un lieu que les hommes
doivent peupler de mots
s'ils veulent devenir
de neige et prendre place
au coeur des stalactites.

deixam de nos pertencer para
se confundir com as memórias
que o sonho carreia através
dos labirintos da superfície? —
começa assim o poema
em que procurou explicar
por que continuava a recusar
o convite que lhe faziam,
para a si se juntar, as formas
corruptas do crepúsculo.
As pegadas que o fantasma
ao passar deixara, confundiam
-no com o brilho, refutando
a ideia de que a natureza
permaneceria indiferente
deixando cobrir-se de cores
um mundo de que a dor
excluira qualquer presença
pervertida pelos sentidos.
Extensão da mente,
o terreno ergue-se,
adoptando os declives
que, por dentro,
mimam os contornos
líquidos da planície.
Pode o mar coincidir
assim com a montanha
até se vir esbater
na copa de sombras
que lhe serve de refúgio?
Tudo o que via, sentia-o
por dentro mas era a natureza
a inventar os cenários
em que depois julgava
descobrir o sentido do destino.
Não assinalam as flores
o lugar em que o mundo
se assombrou e o corpo
ruiu, inseminando
a terra com o poder —
que a traz até mim —
de um sacrílego pedido?

Pode a aridez do sentimento
dar cobertura a um projecto
que de si erradicou qualquer
referência ao destino figurativo
da pintura? Lá em baixo,
o barco aliviou a carga
na enseada por onde
homens ainda passam
sem conseguir despegar
os olhos das correntes
que os convidam para
um passeio sem retorno
pelo precipício. Assim,
à medida que abandonam
o porto, a estrada estende
-se à sua frente por montes
de que os corpos
se desprendem
para vir cair
no trono vazio da planície.
É esse também o efeito
que procura na escrita:
o da montanha que altera
a frase, puxando para o alto
as partículas que o discurso
já não consegue conter
nos redis da superfície.
Partes do corpo sobram
onde já faltam as palavras
e assinalam o caminho
que o desejo tem de percorrer
para impor à natureza
a sinuosidade do seu curso.
Numa curva, duas cabeças
escondem o horizonte,
obrigando o olhar a procurar
uma saída, já lá muito em baixo,

no paúl onde as vísceras
alimentam uma vegetação
que nega qualquer semelhança
com as visões do paraíso.

Aprendera com o monstro
a percorrer as montanhas
à procura de sensações
capazes de o sossegar
quanto ao destino perdido
dos rebanhos da superfície.
Que lhes interessam as promessas
da paisagem, as amarras do abrigo,
se satisfeitos com o que comem,
se limitam a fitar a planície
que o Sol cobre, polvilhando
de cor os bancos de urze?
Vista a paisagem, o sentimento
não se tornou mais compreensível
e a montanha permaneceu
sem resposta para a dúvida
que até ali o levara, trazendo
nos bolsos as impressões
que um fantasma lhe legou
como testemunho da vida
do outro lado do túmulo.
Reflecte o pensamento
o eco que lhe vem do horizonte
e que só as forças da natureza
parecem reconhecer
adaptando a paisagem
ao olhar de homens
que sem tempo para a ver
a cruzam possuídos
pela febre das alturas?
Que alimentos retemos
quando sobre nós sopram
os ventos e a linguagem
parece desvanecer-se,
presa a um fio que se rompe
mal os substantivos, saltando
por cima dos pronomes,
estabelecem uma ponte
na frase com a pobreza
descritiva dos adjectivos?
O segredo das palavras
nunca o recobre a paisagem
e o amor quase não consegue
atrair-nos, puído que está
de mal impressas imagens
em que se embrulhou
o corpo que até nós regressa
para nos confundir com o horror
da sua intocada brancura.

(«l'homme a dans son âme
des sentiments innés,
des désirs que les objets
réels ne satisferont jamais»)

A densidade do lugar vinha
-lhe de uma vida criminosa
que ali crescera, alimentada
por forças que a natureza,
idólatra dos homens, perdeu
enleando-se no discurso.
As folhas elevam-se até
onde podem ir mas,
atingido o cimo, encurvam-se
como se a forma, embatendo
no ar, perdesse o fascínio
que a fizera erguer à procura
do abrigo. Só os ramos,
percorridos pelo delírio
da planura, compõem
o casulo onde a seiva
cresce embriegada
com a visão de luz
que pelo cume
lhe é oferecida.
Então, dando nós

no pensamento
ou pousando estacas,
ela progride no labirinto
a que o mundo regrediu.
Os símbolos foram plantados
de cima para baixo e os sentidos,
dissolvidos, desapareceram
no emaranhado das raízes.
O Verbo é negro, já não
comunica com o alto,
embora albergue mundos
cujas sílabas se encheram
de sons catapultados
pelas fendas do abismo.
Tornar-se-ão mais tristes
por isso? Não. Os pássaros
-toupeira com o seu olhar
-sonar vêem tudo ampliado,
distorcido, pela perspectiva
que entreabriram no absoluto.
Et ici la pensée fait défaut,
l'esprit laisse perver
les membres et la peur
gratte au cœur pourri
de la vie. La maladie
de l'être, vomit un Soleil
noir de crachats.

O vento bate-lhe nas costas
obrigando-o a sorver o ar
misturado com as bactérias
que se agitam soltas
dos novelos dos arbustros.
Lançado no ar, o real
decompõe-se nos seus
elementos permitindo
arranjos que as palavras
depois recolhem nos
destroços do discurso.
Uma pata de insecto
enxerta-se no radical
acústico dando origem
a um híbrido que a boca
rejeita, incapaz de o
dissolver com os sucos
do organismo. Outras
vezes, são os estames
da flor que entumecem,
dilatando-se para acolher
o sémen que homens
enlouquecidos pelo vento
guardam nas mãos como
única prova da aventura.
Ao falar, o mundo entra
-lhe pelos pulmões,
abolindo a diferença
entre o que vê
— a metamorfose da paisagem —
e as novas imagens
que lhe vêm do fundo.
Que Ser apanha as palavras
nas ramagens e depois
as cospe para o papel
exaurido o perfume?
Mas nunca vai só.
Miasmas sonoros
precedem-no no monte
e indicam-lhe o caminho
por onde os espíritos,
com as suas novas carnes
e indiferentes ao frio,
ululantes se aventuram
pelas clareiras das alturas.

O vento levantou a poeira
das palavras deixando-lhe

as pernas nuas com que
se apressou a galgar
as fendas do precipício.
Com efeito, dedicou-se
-lhe em inglês, à espera
que o vento das sibilantes
encorpasse o nome
que podia dar sentido
ao horror que o percorrera
ao atravessar de novo
as clareiras do abismo.
Podia esperar uma certeza
de palavras que a paisagem,
pela sua presença, já não
consegue reavivar nos sentidos?
Ao subir, todos os picos
lhe pareciam mais finos mas,
chegado ao cume, abatiam
-se, tornavam-se mais curvos,
pedindo da mão um contacto
que os defendesse da usura
do futuro. Sim, todas as visões
se perdem interiormente —
semelhantes a um vulcão
que se esquece de nos
alumiar e deixa desarmados
face à estranheza dos espíritos
que se desprendem dos túmulos.
Pode-se dar o nome de poesia
a essa luz que, nas nossas mãos,
logo adquire os contornos
da matéria mais dura?
Ultrapassado o limite,
as formas reconhecem
-se apenas pelas cruzes
que na neve assinalam,
pela luz,
o mistério da sepultura.

Este Vento é o do Norte,
conheço a sua linguagem,
ele apela por mim, repetiu,
extraindo do poema os sons
com que podia construir
os abismos capazes de o
levar para lá dos horizontes
permitidos pelo tom mais
cauteloso do discurso.
Porque, ao contrário
do que alguns pretendem,
não existe «respiração»
do poema — um organismo
sem interior que sobre
vive à custa da fauna
biológica dos micro
organismos que o vento
levanta, sem contemplações,
ao passar pelas feridas
dos arbustros. Ultima
mente, contudo, deixava
os poemas apodrecer
com os frutos sobre a mesa
e só quando os vermes
os comiam, os levava
à boca, esperando que
os dois mundos por fim
coincidissem e do fundo
da terra o seu corpo se
erguesse ocupando o lugar
que, ao partir, ela nele
deixara antecipando regiões
que só poderia conhecer
pelos poderes — metamórficos,
ectoplásticos — do discurso.
Por si, não partiria. O vento
que se apoderasse da parte
de si a que já não dava qual
quer uso e tudo seria mais
simples. Dela, o que possuía,
conservava-o na boca até
que do fundo explodisse

e como baba escorresse,
inundando o corpo,
com um perfume imundo.
Call me, I shall follow:
não ficará pedra sobre pedra
em que não se tenha celebrado
o noivado do sepulcro.

A retórica da poesia deixou-o
sem argumentos para tentar
sozinho a travessia do precipício.
Por terra, todos os caminhos
foram testados mas o oxigémio
faltou por entre as palavras
pelo que, sem conseguir
tirar os olhos da frente,
aguardou que outros monstros
surgissem, capazes de originar
um mundo em que por fim se
cumprisse o sentido da poesia.
Ao partir, ela apossou-se do real,
deixando para o consolar um *décor*
mecânico em que as paisagens
se sucediam dando a ver,
por entre os interstícios,
uma versão do real de que
todo o colorido fora excluído.
Adormecido o mundo, cabia
à poesia transmitir às coisas
peso e consistência, colmatando
pelas palavras as cicatrizes
por onde a tinta, sem ter
onde se agarrar, caía.
Os nomes, esses, perdeu-os
enquanto escrevia: agora
tinha que os arrancar
das estevas para os conduzir
a um ponto em que teriam
de voar para não ceder
ao medo das alturas. Então,
despenhar-se-iam, espalhando
em redor as primícias
de uma encarnação futura.
Pode-se ainda dar o nome de poesia
a esse estado vibratório das imagens
sempre à procura de um nome
que as detenha e torne imunes
aos aluimentos do sentido?
Sim, na medida em que situando
-nos aquém de qualquer perspectiva

de vida, o poema faz corpo
com o estrondo com que os toros
caem na água obrigando o rio,
preso aos acidentes do terreno,
a alterar pela força das palavras
a trajectória do seu curso.

A complexidade do poema
deixou-o sem saber o que
fazer do segredo que para
os outros ainda detinha
o nome evasivo de poesia.
Não era bem um romance
o que escrevia, nem sequer
um poema, dava-lhe o título
de *linóleos de Munch*, afinal
uma estranha forma de gravura.
Só o escopo o confirmava
na possibilidade de uma palavra
talhada na carne de que
os sons — fagulhas de matéria
em que cristalizou o pensamento —
constituem os únicos resíduos
visíveis. No quadro, o lago
de luz desce a montanha
para se deter, já perto do abrigo,
na cerca das nuvens. Conseguiria
ela desprender-se do vento
que a fustiga, vindo das alturas?
No entanto, à medida que
se protege, o cabelo escapa
do capuz, tornando-a parte
dos elementos em que
as lágrimas se fundem,
levadas pela chuva.
E assim como o quadro,
depois de visto, já não
se desprende da parede,

também a figura fora-a
o lápis buscar à mina
que, pela ponta, na frase,
a metáfora desoculta.
No que escreve
dois mundos colidem
e as palavras procuram
apenas concretizar as más
formações de uma natureza
surpreendida com as formas
de si mesma com que
o discurso a brinda.

O trato dos negócios deixou-o
sem argumentos para interromper
o curso que o conduziu por mais
uma vez à borda do precipício.
Faltavam-lhe as imagens que
desconsagrassem o pensamento,
elevando-o a um plano em que
recebesse a luz que depois cobria,
já limpa de sombras, os recantos
da superfície. No entanto, esgarçada
a linguagem, as palavras já não
conseguiam garantir a tão prometida
passagem por entre as galerias
do precipício. Um corpo explodira
a que faltavam órgãos que o tornassem
compatível com o uso da literatura.
Os que sobraram, pendem das árvores
que estendem à natureza os pesadelos
que o sexo em vida nunca cumprira.
Arrancadas ao sentimento,
as palavras — seres híbridos
que prescindem dos sentidos —
procuram a transparência
que as confunda no ar
com a nervura do espírito.

Diáfanos de linguagem —
miasmas, fantasmas —
que dão corpo
ao princípio invisível
(o grande transparente)
por onde os órgãos circulam.
Se uma veia então se rompe,
a saliva tinge de dor
palavras onde ecoa
o estampido surdo
das correntes da planície.

Quando o coração pára,
a poesia toma o lugar
que na vida as emoções,
com o seu vago tumulto,
até então tinham preenchido.
Compreendia-o hoje ao reler
o poema que, anos antes,
o trouxe de novo ao local
em que rasgou os compromissos
que manteve consigo.
O monte erguia-se por cima
da cabeça mas os grampos
já não o alçavam sobre
as palavras com a promessa
de uma visão que o salvasse
da fúria do abismo.
Por momentos o infinito
dialogava consigo mas fazia-o
num dialecto sem termos,
violento, que o sugava
para dentro do destino.
Se movesse os dedos
e despegasse o corpo
talvez o vento o elevasse
de novo ao planalto em
que as nuvens se formam

para partir para o paraíso.
Mas lido o poema,
percorrido o abismo:
the everlasting universe
of things flows through
the mind, and rolls its
rapid waves, now dark,
now glittering, volta
a sentir na boca as palavras
que lhe sussurra no pensamento
um rosto que de novo o atrai
para a batalha sem formas do precipício.

O mundo deixou-o à entrada,
limpo de todas as migalhas,
restos de ser que permanecem
em decomposição por entre
as palavras que o sentimento
deixou soltas sobre as crateras
prestes a abrir-se do precipício.
Em redor de si nada mudara,
como se a poesia constituísse
um verniz capaz de suster —
transmitindo-lhes o rigor
da aparência — a corrupção
física dos organismos.
Croyez-vous que l'or,
dans la mine, aît toujours
été de l'or ? Je suis, par
mon corps, le minerai
qui geste son propre roi.
Talvez por isso resistisse
ao apelo que até si trazia,
entorpecendo-o na sua
cadência, o brilho fixo
das estalactites. O passado —
as formas que um corpo
ao desaparecer traça

na parede — via-o à frente,
tal um fantasma que,
de tanto procurar a realidade,
deixou de distinguir os tempos
e passeia a sombra pelas vistas
mais concorridas da superfície.
E no entanto, sobre os escombros
do real, a poesia redefinia termo
a termo os segredos com que
podia contar para restituir
a visão em que, nas pupilas,
cristalizou o mundo. Assim,
exumando-a de novo
pela escrita, talvez lhe
propiciasse uma **segunda**
vinda: num corpo de glória
que, com o seu calor,
e ante os nossos olhos,
o futuro inaugure.

Ao olhar para o céu percebeu
que jamais iria escrever
o romance capaz de restituir
a onça de realidade, o quilo
de espessura que, ao partir,
ela levara consigo. Faltavam
-lhe palavras, lianas que
o agarrassem às frases,
comunicando volume
a uma natureza que,
ao tacto, se revela
cada vez mais insegura.
Assim, apagou o que escreveu,
procurando que as letras
ocupassem o sulco deixado
no papel pela sombra do discurso.
Porque a poesia encurta
as distâncias que, no romance,

as palavras estendem
para lá da capacidade
de evocação do sentido:
contrária a todo o exotismo,
ela torna familiar o que,
lido, nos parece absurdo.
Híbridos de palavras
que os sons geraram,
as imagens ardem
à nossa frente deixando
um resíduo de ser
com que cobrimos
a vista antes de atravessar
regiões que só os mortos
conhecem à procura
da resposta para o enigma
de imagens em que
cristalizou a loucura.
Et là, les eaux sont noires,
les demeures trop haut placées
et le vent, indifférent, emporte
avec lui les morceaux de cœur
que nous avons légué aux
aigles en guise de signature.

Uma linha divide dois mundos
que de início julgara unidos.
Qualquer interpretação do real
parece-lhe tão absurda como
a forma de iniciar o poema
separando palavras do fundo
de inércia de onde, aos tombos,
lhe surgem: assim, rasgou
os poemas para que deles
escorresse o veneno capaz
de tudo destruir deixando
livre o caminho que o conduz
à linha do precipício.

Amara-a mas agora pergunta
-se o que o levou a plantar
a árvore que lhe entra pelo
corpo, cresce dos brônquios
e se alimenta de frutos
que lhe transmitem
uma transparência
que o ar corrompe
com um toque de brancura?
Ao vê-la, apercebe-se
dos órgãos, centros de luzes
que as palavras envolvem
até os devolver à sombra
na sua pálida formosura.
A árvore é de carne
e o abraço atira-o
de encontro à parede
onde procura abrir
caminho para um mundo
que os mortos abandonam
para connosco prosseguir
a sua incrédula fortuna.
Mas não sairia dali:
ocupar-se-ia do jardim,
do cultivo dos frutos,
porque ao trincá-los sabe
que são partes do corpo
que pelas palavras desfaz
para delas extrair toda
a memória do horror
que pelo mundo espalhou
com a sua sede de aventura.

Com a rarefacção do sentimento
pensou que o soneto era o que
melhor se acomodava à pobreza
da linguagem e à cadência
repetitiva com que o mundo,

Só o granito que serve de cenário
ao pensamento lhe dá consistência
adoptando configurações onde
os átomos colidem e perdem
órgãos que para a reprodução
se revelam inúteis. Mesmo assim
reproduz-se, alterando a forma
à medida que em redor, com
a sede, aumenta a temperatura.
Reconhecendo o pedido
de um sangue mais espesso
que para a luz a talhe
mais nobre e segura,
nela os corvos já não pousam
levando para longe a memória
da sua inóspita agrura.

já simplificado, vinha cair
na medida curta a que
se vira reduzida a poesia.
A **coisa outra** em que, no
dizer do amigo, se tinha
convertido a linguagem
perdera-se na construção
perifrástica das frases
que nele se prolongam
como se já nada as
defendesse do colapso
que no fim lhes reserva
o discurso. Tratava-se
de adiar o ponto de iso
lamento da linguagem
preferindo-lhe a torsão
que, arrepanhando o mundo,
atira com os bocados
para o vazio entreaberto
na arquitectura. Talvez
se mostrasse as escaras
da linguagem, o real
então acorresse, selando
com um corpo as feridas
que, pelo seu pedido,
a poesia em si produzira.
Mas as palavras revelam
-se incapazes de resolver
as quebras do discurso,
levando a terra a adoptar
contornos que a tornam
irreconhecível aos olhos
que da planície ainda
a procuram. Mas hoje,
vindo do exílio, só
uma coisa o preocupa:
erguer o **corpo de luz**
que a palavra soube
descobrir por entre
as sombras do discurso.

Amara-a mas agora pergunta
-se o que o levou a plantar
a árvore que lhe entra pelo
corpo, cresce dos brônquios
e se alimenta de frutos
que lhe transmitem
uma transparência
que o ar corrompe
com um toque de brancura?
Ao vê-la, apercebe-se
dos órgãos, centros de luzes
que as palavras envolvem
até os devolver à sombra
na sua pálida formosura.
A árvore é de carne
e o abraço atira-o
de encontro à parede
onde procura abrir
caminho para um mundo
que os mortos abandonam
para connosco prosseguir
a sua incrédula fortuna.
Mas não sairia dali:
ocupar-se-ia do jardim,
do cultivo dos frutos,
porque ao trincá-los sabe
que são partes do corpo
que pelas palavras desfaz
para delas extrair toda
a memória do horror
que pelo mundo espalhou
com a sua sede de aventura.

Só o granito que serve de centro
ao pensamento lhe dá consistência,
adoptando configurações onde
os átomos colidem e perdem
órgãos que para a reprodução
se revelam inúteis. Mesmo assim
reproduz-se, alterando a forma
à medida que em redor, com
a sede, aumenta a temperatura.
Reconhecendo o pedido
de um sangue mais espesso
que para a luz a talhe
mais nobre e segura,
nela os corvos já não pousam
levando para longe a memória
da sua inóspita agrura.

Com a rarefacção do sentimento
pensou que o soneto era o que
melhor se acomodava à pobreza
da linguagem e à cadência
repetitiva com que o mundo,
já simplificado, vinha cair
na medida curta a que
se vira reduzida a poesia.
A **coisa outra** em que, no
dizer do amigo, se tinha
convertido a linguagem
perdera-se na construção
perifrástica das frases
que nele se prolongam
como se já nada as
defendesse do colapso
que no fim lhes reserva
o discurso. Tratava-se
de adiar o ponto de iso
lamento da linguagem
preferindo-lhe a torsão
que, arrepanhando o mundo,
atira com os bocados
para o vazio entreaberto
na arquitectura. Talvez
se mostrasse as escaras
da linguagem, o real
então acorresse, selando
com um corpo as feridas
que, pelo seu pedido,
a poesia em si produzira.
Mas as palavras revelam
-se incapazes de resolver
as quebras do discurso,
levando a terra a adoptar
contornos que a tornam
irreconhecível aos olhos
que da planície ainda
a procuram. Mas hoje,
vindo do exílio, só
uma coisa o preocupa:
erguer o **corpo de luz**
que a palavra soube
descobrir por entre
as sombras do discurso.

Voltara à monotonia de poemas
escritos numa língua que as palavras
desconhecem e cujos segredos
jazem adormecidos por detrás
dos vidros que as protegem
da proliferação dos sentidos.
Conseguiria ainda desviar
o percurso dos rios, dando
corpo a emoções que eregem
sentimentos que o vento
depois desapossa das figuras
que os podiam tornar conhecidos
nas antecâmeras do futuro?
Les mots ont été inventés
pour les usages ordinaires
de la vie mais ils sont mal
heureux, attendant toujours
le pasteur qui les mène
ailleurs, par-delà les cimes
d'où ils peuvent apercevoir
les fleurs meurtries du sacrifice.
Sim, a semântica era pobre —
lá fora, o vento sopra,
um chicote de átomos,
amortecido por raízes
que o mantêm preso
à berma do caminho —
mas era dela que se servia
para combinar as sílabas
que lhe permitiam ver
-se sob traços diferentes
daqueles com que o talhou
o escopo do precipício.

A experiência da poesia descobria-a
de cada vez que o mundo se dispunha
à sua frente sem outro fim do que
o de lhe ser servido. O horizonte
natural era o do prato, em tudo
congruente com o ponto de vista
a que obedece sentando-se à mesa
para colher o fruto a que o mundo,
desde que partira, se vira reduzido.
Então, servindo-se da faca,
retirava a casca das palavras,
talhando com o canivete
os nervos do poema
por onde o mundo,
através de veios finíssimos,
descobria os trilhos
que o podiam libertar
das inércias do sentido.
A técnica era a utilizada
na definição da paisagem:
deixar que sobre si viesse
o novelo da natureza,
dando corpo em cada
passagem ao fantasma
de cujos panos se recons
tituía a película do mundo.
Nesses momentos,
o tecido do real rasgava
-se estendendo-lhe a carne
que trinca de cada vez
que da borda do prato
o fruto cai para a literatura.
Uma vez mortos, para
onde iriam as imagens
do que amara? Ramagens
de sons em que se esvai
o absoluto? Conseguiria
fazer-lhe entender o que
lhe oferecia por escrito?
Uma gargantilha de sons
em que, abolida a paisagem,
se reinventa o mundo?

A relutância em aceitar a versão
descolorida da realidade que lhe
trazia a literatura, levara-o a deixar
de acreditar na promessa de ser
que, pela sua consistência,
tornava possível a pintura.
Na tela à sua frente, os ramos
passam para lá das frases,
revestindo-se de uma densidade
que se pode palpar e que,
impondo-se às palavras,
repõe a verdade do mundo.
Por mais de uma vez surpreendera
os convidados, ao sair da sala,
curvado sob a safra do absoluto.
O salão era o pomar onde
o vento batia e no horizonte
as nuvens vinham dar cor
à sarja crua do crepúsculo.
Mas se basta erguer a mão
para da tela colher o fruto,
por vezes estes retraem-se
murrados ou cheios da dor
que para os deuses os torna
corruptos. Tal era o poder
da pintura: convencer-nos
de que por baixo da polpa,
impoluto no seu sabor,
ainda nos aguarda o fruto.

A pintura, para o decidir,
tinha que quebrar todos
os laços com qualquer
forma estabelecida de literatura.
A linguagem devia ser directa,
com frases curtas em que
substantivos e adjectivos
se repeliam para eclodir
com um estampido que
recusava ser assimilado
a uma tonalidade discreta
(alguns diriam mesmo,
poética?) de música.
Se as palavras se entaramelavam
prescindia da caixa de tintas,
aguardando que dessa provação
a linguagem saísse mais resistente,
capaz de encorporar as transformações
sofridas pela palavra ao aproximar-se,
hesitante, da embocadura do precipício.
Que formas, então, aos seus sentidos
as imagens atrairiam? Que fantasma,
mais verdadeiro do que os exorcismos
com que, pela poesia, o procurara
manter irresolvido no fundo
da sepultura? O que vemos,
pintamo-lo com os dedos —
ou o que resta das cores,
excrecência dos sentimentos:
daí que sejam fantasmas
que expomos nos corredores
e que tornam irreconhecíveis
os atributos da figura.
Decalque da tinta, diz
o pintor: evidência física
do que aos outros, como
representação, permanece
indistinto na pintura.

A contemplação da natureza
pode fazer-nos descrer por
completo dos poderes de trans
figuração da poesia. Inquieta-
nos a sua esmagadora certeza,
a forma como deixa por colher
nas palavras as flores mais

puras. E no entanto, quem
desce da montanha sabe
que o reflexo é algo em que
só lhe resta perder-se, tal
o poeta que recolhe as migalhas,
preferindo sempre as rimas
em que os dedos se firam.
Qualquer paisagem
excede o canto do mundo
que na tela lhe reserva
a pintura pelo que por ela
os pássaros passam,
deixando cair os frutos
em que se consolidou o absoluto.
Com os olhos presos
às metáforas só os cães
seguem o seu curso.
Ao invés dos homens,
jamais regressam a casa.
O seu horizonte é o da linguagem —
que mordem, abocanham,
até dele extrair todo
o suco (sabor) a aventura.

Talvez a terra, ao mover-se,
desse consistência a pensamentos
que as palavras, sempre mais
modestas, aprendem apenas
a colher do desastre das alturas.
Assim, quando começa a escrever
nunca sabe se o poema retém
a força de uma palavra capaz
de o conduzir sem ilusões
à borda do sentido : *grotesco*
é o nome que dá ao desvio
que as palavras têm de
percorrer para se lançar
na luz que depois comunica

ao que sente o relevo
da paisagem de que a alma
se ergue confrontando o dia
com a memória que lhe vem
dos prazeres do túmulo.
Ao passar pela palavra
talvez a paisagem fosse
obrigada a reencontrar
a luz nos grânulos do granito.
Crime cometido — diante
do espelho, os agrafos separam
-se e nos olhos, por detrás
da tela, a tinta corrói
qualquer ideia definitiva
de pintura — o poema
é a casa do horror
onde as palavras (re)nascem
transidas por uma luz
de que nos habituámos
a medir o ritmo
pelo ponto de fractura.
Aquele de onde brilham
quando à volta o pensamento
já absorveu do mundo
toda a reserva de futuro.

Passou os últimos anos a procurar
na pintura os sentimentos de que
já não havia registo nos livros —
à espera, talvez, de aí descobrir
a razão por que lhe custava tanto
abandonar os locais que ambos
tinham atravessado consagrando
pela dor os espaços que a natureza
arrancara aos destroços dos sentidos.
Talvez por isso o que escreve —
grânulos de luz que o sentimento
ia retirar ao pó da sepultura —

lhe parece tão inútil: *efeito*
de recaída da vida na poesia,
diziam os amigos, incomodados
com o espanto que o levara
pelo uso da perspectiva
a procurar encontrar
uma saída para o mundo.
Poderia o destino da poesia
ser diferente do da agricultura?
A sua posição era a do camponês
que cultiva a urze na esperança
de que a natureza cresça à sua frente,
lavrando a terra com o arado
em que definitivamente imolou
à carne os áugures do futuro.
Tout cela, tout cela quand n'était
pas encore né l'amour qui n'est plus.

Tudo lhe parecia resultar
de uma decisão das palavras,
incapazes de aceitar que
o mundo ficasse aquém
da visão que dele oferecera,
rompendo o seu fino tecido,
a poesia. E é aí que reside
o carácter intravenoso (ou
alucinado) do discurso: nele,
as palavras não só se revelam
boas condutoras das imagens
como possuem a capacidade
de produzir híbridos de carne
e de linguagem que alterando
a realidade tornam mais precisa
a experiência dos sentidos.
Uma vez escrita, a palavra
levanta novos acidentes
no terreno e cria órgãos
que permitem ao corpo
obedecer às exigências
da descida. Assim,
quando eles se encontram,
já não são homens
mas monstros, universos
em expansão de linguagem
que, inventando-se outro
corpo, realizam pela carne
os imperativos do discurso.

Não era suficientemente forte
a imagem que trouxe do fundo
do precipício. Se fala, os cabelos
caem-lhe da boca e na mesa
o sangue coalha, comunicando
a tudo o que vê uma configuração
que o discurso vai buscar —
servindo-se do gume de um oxímero —
aos temores dos sentidos.
É assim que se constrói o poema?
Atribuindo um peso a palavras
que depois caem certeiras
sobre o mapa que nos devia
aconselhar os caminhos
menos íngremes da subida?
Na cozinha do inferno,
a enfermeira descruza
as pernas sabendo que
o mundo se inicia
no orifício em que
o corpo se abre à fúria
de elementos que nele
entram fazendo jus
à lei da natureza,
à sua força inumana
capaz de se comprazer
em aniquilar o mundo
só para dele extrair

o suco da poesia.
Com uma mão de vento,
substituindo-se à natureza,
ela revolve as coisas
até nelas descobrir
uma razão que as impeça
de seguir obedientes
o apelo do destino.

A morte é uma flor
que só se abre uma vez —
mas em qualquer estação —
ao apelo do desconhecido,
alguém o disse, pouco crente
na fiabilidade do sentimento
e deixando ao pintor a tarefa
de reter sob espessas camadas
de tinta o segredo que para si,
defendendo-o do exterior,
guardara o livro. Todos
os mortos têm uma **segunda**
vinda (pensou): pela poesia,
manto que os devolve à luz
numa carne que os torna —
para quem neles acredita —
ainda mais puros e vivos.
Gli suspiri al fredo cuore,
de tuoi sguardi mio ardore,
murmurou ainda, aceitando
viver com as dores que
o defendiam das dúvidas
quanto ao carácter salvífico
do sacrifício. Amara-a
sem necessitar de palavras,
a não ser as que ela lhe
doou, debroadas a sangue
no miolo do precipício.
Era esse o seu legado:

encontrar um significado
para palavras que a paixão
conservou mesmo depois
de exauridas na pequenez
dos seus múltiplos sentidos.

Escritas as palavras —
a que faltava um pouco
de sangue que as tornasse
credíveis à leitura —, as imagens
drenavam um mundo
de que fora removida
qualquer ideia de literatura.
Mas isso pouco lhe importa.
Perto de si, o fantasma ganhara
asas enquanto os olhos, cobertos
de tinta, não deixam antever
em que sentido (se para baixo
ou para cima) a luz dirige
a vista. Preferia ficar no pedestal
a inventar um mundo que
os homens, degladiando
-se com as sombras, cruzam
sem lhe descortinar o sentido.
Caminho enfim para a minha
ruína, disse o escritor,
pondo as cartas na mesa
e acreditando que a dor
podia terminar se para
a poesia fosse prescrito
um sentido narrativo.
Mas o mundo abriu-se,
adiantando-se ao pensamento,
para dar lugar a seres (paisagens)
que nunca vira em vida.
E é por essa nesga
que os deuses entram,
arrastando-nos para

Não escolhera um lugar
definitivo para morrer
apenas uma paisagem
onde os ciprestes anunciam
o caminho que lhe falta percorrer
para o fim do precipício.

um mundo de que —
uma palavra escrita —
nunca sairíamos vivos.

Tudo o que escrevera, deixou
-o imune ao arabesco das linhas
com que a dor se imprime
nas paredes do precipício.
Entendê-lo-iam? Para isso
tinha que simplificar o mecanismo
de assombração das frases
e deixar a noite com a tinta
verter-se, de modo a transmitir
à luz a consistência de que
no outono se reveste para
se proteger a superfície
dos líquidos. Que pesadelos,
contudo, os revolvem por dentro
quando, cansados de disputar
as margens à tempestade,
se deixam ali ficar,
indiferentes a tudo
e adormecidos? Talvez
por isso um outro corpo
cresça da mortalha das palavras —
um corpo que vai buscar
o alimento à película que,
isolando-o da natureza,
permite que outra criação
se desenvolva no segredo
dos tecidos. Regressam
as palavras desse parto
inalteradas e prontas
a arrastar-nos
para uma forma
mais crua de sacrifício?
Não o sabia. Talvez fosse
preferível **não escrever**,

deixar os poemas sofrer
as mutações necessárias
para que o seu real
se impusesse ao mundo
numa última conjectura.
Lá fora, o vento já não
sopra e as cores reencontram
o seu lugar na paisagem:
só os elementos perturbam
a natureza com o rufar
de tambores que nos alucinam
com o seu ruído amortecido.

Sentou-se à espera que
as últimas palavras
lhe indicassem o caminho
que o podia trazer de novo
à beira do precipício.
Por várias vezes iniciou
o poema mas, ao longe,
um rumor levou-o a suspeitar
de uma presença que o parecia
sondar por entre os arbustos.
Fizesse o que fizesse, era
sob o seu olhar que escrevia,
elaborando cenários
a que depois as palavras
davam uma consistência
que no seu pensamento
ainda não possuíam:
escrevia para se inventar
uma saída para fora
do poema, arrastando
o mundo para uma cerimónia
que só pelo Horror,
no estertor dos signos,
se sabia conseguida.
Olhando para trás, a paisagem

não conseguia desprender-se
da sarabanda das figuras
que lhe transmitiam a aparência
de um motivo de pintura.
Então, pisou-a de trás
para diante, servindo-se
de palavras que a confirmam
como iluminura. Na tela,
as palavras tomam o lugar
do fantasma pelo que,
no que escrevia, sob a pele
procura o rosto que, mesmo
sem formas, pode imprimir
o *pogrom* dos sentidos.
Porque, pensou, a poesia
não passa de uma doença:
uma dilatação da alma
para a qual o homem ainda
não encontrou, em vida,
um satisfatório uso.

Que podia esperar das palavras
se era incapaz de reconhecer
o espectáculo que a natureza
lhe oferecia sem necessitar
da maquilhagem de recurso?
As palavras pareciam-lhe
demasiado estranhas
para sair de um dicionário
colocado muito atrás
do desafio que nos faz
o mundo, ao lançar o homem
no desconcerto de elementos
que depois o devolvem
à neurastenia de uma vida
sem risco ou aventura.
Por isso partiu.
Mas *a fonte secou*

e teve de voltar
à espera que o mundo
se desenrolasse à sua frente
servindo de passadeira
a figuras de lábios garra
que abriam o caminho
que as trazia de volta,
várias gerações depois,
ao tumulto da superfície.
Era esse o lugar
onde o vento soprava,
atalho de cabras
que o amor percorre
à procura do rosto
que na luz o fixe
de forma definitiva.
Ao tacto, uma carne
desossada onde pousam
os corvos que não
deixam sossegar
as sombras do discurso.

Os nós das palavras assombram-no
tanto como os motivos que a tinham
levado a afastar-se, deixando o mundo
congelar sob uma fina película que
os sentimentos não conseguem quebrar
apesar dos esforços para vir à superfície.
Impedido o real, restava-lhe crescer
para dentro, inventando paisagens
que a dor depois vinha colorir
com os seus pálidos frutos.
Por detrás da boca, o mundo
erguia-se diferentemente,
sem se importar com as regras
do discurso: arrebatando o dia
para a noite, flores carnudas
absorviam as partículas que,

iluminando o real, lhe podiam
ainda comunicar algum sentido.
A falta do real contaminara
a linguagem e embora lhe
faltassem palavras procurava
transmitir ao que escrevia
a certeza do nunca visto.
Fora aí que a conhecera?
Por detrás dos sonhos,
na hetacombe dos sentidos?
Ao aparecer, ela indicou-lhe
a passagem para o lugar onde
apenas as palavras conservam
o ideal de um mundo corrigido
por uma visão feliz da literatura.
Au noir souffle du Nord,
je plie et relève la tête
obéissant au destin du Giaour.

De tão rarificado, o ar já
não tem capacidade para
reter as imagens (de si,
na linguagem) pelo que
construía cenários — agora,
a escrever em casa ou
atravessando o rio onde
o poema com os limos
depois era recolhido —
de modo a que as palavras
encontrassem um quadro
em que se reflectir,
adquirindo a espessura
dos frutos que rolam
para o pensamento
já muito depois de nos
dentes terem amarelecido.
A linguagem dos anjos
corrompe-se na paisagem —

crosta sem fundura
que nelas entreabre
as frinchas do precipício.
Não tinha sido ela a
ali colocá-lo, à espera
que a noite caísse
e os barcos emergissem
do fundo, encadeados
com as visões do seu curso?
E contudo, era simples
ou feliz a linguagem
de que se servia:
dedada de deus,
os pássaros rareavam
na cabeça e o caçador
tinha de os tirar de dentro
para que o surpreendessem
com os seus destinos.
Tudo grânulos de sangue
que depois compunham
a forma ardente
de uma paisagem ferida.

Obstruídos os caminhos
que o podiam conduzir
às portas do exterior —
as palavras, engelhadas,
resistiam a despegar
-se do calor dos tecidos —
só um volvo interior
consegue arrastar
os detritos que o corpo
acumulou na sua experiência
(bruta) dos sentidos.
Ao escrever, as palavras
adquirem a consistência
de pequenos organismos
vivos — antropomorfizações

minúsculas da alma
que no mundo prolongam
as emoções que no corpo
as tinham produzido.
Mas agora, no extremo
de si — píncaro do abismo —
as palavras abortam,
dando origem a uma
pasta lamacenta que,
por detrás da carne,
nos seus refegos,
repete como paródia
os ciclos da origem.
Incapaz de se transmutar
em seres de linguagem —
novas formas híbridas
que o cheiro do abismo
havia entretecido —
a carne regride
desligando os tecidos
por onde o corpo se
rompe dando vasão
à dor que, soterrando
-o por dentro, corrompe
os vestígios de luz
colhidos no abrigo.
Não há vento aqui
que solte a fúria
dos elementos
(bocas de seres-forma
que ainda não nasceram),
só um corrimento sujo
que transborda para
o exterior as crisálidas
de uma canção de sexo
em que — memória
de um tempo que findou —
nos vemos submergidos.

Talvez esquecer fosse
tão simples como atravessar
o terreno — adivinhar
a medida curta do poema —
onde as palavras proliferam
prontas a ser colhidas
pelo vento que as atira
para regiões de que
os mapas dos homens,
nas nossas mãos,
não dão testemunho.
Ou cruzar o rio
em que as imagens
mergulham até atingir
o fulgor — o peso e a medida —
com que na memória
depois surgem
com uma clareza
que já não aceita desculpas.
É com esses olhos
que o que dela resta —
as asas estropiadas
pelas palavras —
incrédulo nos fita.
Ao desaparecer,
embrulhou-se-lhe
o pensamento, tudo
desmoronou com o corpo
e os elementos reagrupam
-se, dando origem a formas
em que o matiz da carne
se mistura com os tons
que lhe vêm do sepulcro.
Tudo o que percebe, vem
-lhe diferido numa visão
em que os objectos já não
coincidem com as imagens
que possuíam no início.
Assim, o que vê e o que foi
pertencem a círculos diferentes
que, embora girem sobre si,
em vida nunca se cruzam.

É desse vazio, folga dos eixos,
que brotam as imagens
com que enluta o mundo.
Paisagem branca, de neurónios
que não têm o que respirar
e em que tudo se funde,
antes de se apagar,
nas cores mais escuras.

Mon coeur, dans son regret,
s'est lui-même embaumé,
escreve, olhando para a capa
do livro onde um coração
pulsa, deixando a lava
escorrer por palavras
que servem de frágil dique
de encontro aos bordos
sempre a mover-se do precipício.
O coração do livro
era o centro do poema,
doença da paisagem
que cresce pelos inters
tícios das palavras
desfazendo a luz que,
sobre a superfície de vidro,
ainda vem decalcar
o peso sombra dos sentidos.
À falta de oxigénio que
anquilosara as palavras
deu o nome de *cancro*
do poema: mal do coração,
doença do sentido, a palavra
ergue do chão o espectro
da paisagem, abeirando-o
de certezas que em vida
houve que recusar para
que não se perdesse,
diluído no sangue,

o vírus da poesia.
Estranhas produções,
cuja forma parece contrariar
as leis da natureza, os poemas —
plantas sem raiz, que se levantam
inteiras dos acidentes da urze —
adquirem volume à medida
que, quem os escreve, toma
o pulso às correntes do precipício —
escreve para, insatisfeito,
ao lado acrescentar
numa letra miudinha:
Aos mortos, basta-lhes aparecer,
trazendo na mão o órgão
que ao pulsar dá consistência,
relevo, às fissuras do caminho.

Nous vivons debout à l'ornée
de la mort, la chair penetrée
du frisson chaud qui laissent
en nous les limaces rouges
du sacrifice. Em qualquer língua
o poema é sempre pior
do que a morte (*la muerte*)
ao nos manter reféns de imagens:
os teus dedos enclavinhados
na urze que se estendem,
alterando a paisagem,
pelo grés dos rochedos —
tudo preensões de substância
que nos viram do avesso,
dotando-nos de um corpo
que só serve para o sexo
e para o ofício pouco limpo
da poesia. Há algum tempo,
expuseram na sala de hóspedes
uma cabeça preparada e cozida
de onde pequenos pedaços

de carne se soltam mal
sobre eles pousa um olhar
que não de ternura.
Também o amor consiste
num ritual de crueldade
que o real afeiçoa em sentidos
com que, de início, ninguém
sonharia. Por vezes,
uma palavra arde
onde se encontra a realidade,
a pele estria-se no ponto
em que o contacto com as correias
foi mais insistente e os dedos
servem de ponte para um real
que, de tanto o testarmos,
se revela frio e cristalino.
Assim, mal as roupas caem
serves-te da carne e o corpo —
lugar sem formas que possam
guiar-me no seu duro aperto —
assombra-me, pepita de sangue
que na luz refulge, branca
e mortífera.

Por entre as pregas da carne
que deixa ver o vestido
sopram ventos que cristalizam
em construções que nos atiram
para mundos de que nos recordamos
mas de que já nos esquecemos
de um dia ter pertencido.

A habituação do olhar às imagens
exige o abandono de poéticas
que desistiram de perceber
a desmesura dos uivos
que as palavras soltam
antes de ser engolidas
pelas bocas vivas do discurso.
VI-O ASSIM. A cabeça **3D**
já dificilmente detém
o descontrolo do pensamento
e abre-se de par em par
para refulgir na imagem
que, alucinada, toca tudo
em redor comunicando

ao cenário a nudez beatífica
de uma urna frigorífica.
Ao pensar, as paredes
do vídeo escancaram-se
dando do interior a visão
de um matadouro de onde
as peças pendem sustidas
pelo fluxo de um sangue
ainda cru e enriquecido.
Nas partes em que a carcaça
se azula a anomalia cresce
enchendo a estufa de cores
a que a temperatura,
contra o gosto, transmite
uma cor ainda mais escura.
Mas era preciso aí ter
permanecido para ver
as flores invadir o mundo
com uma criação
de que as palavras
são os portadores
alterando o funcionamento
de cabeças que dentro
de si — do lugar em que
a morte se refugia —
nunca se viram reflectidas.
Serão estas as imagens
de que me sirvo?
Uma criação da morte
ou a ninhada impura
em que luxuriante se
anuncia outra forma
mais lúcida de vida?

Não sabia por quanto tempo
conseguiria salvar a imagem
que disputam à poesia os apelos
mais fundos dos sentidos.

No papel, as frases partiam-se
cedendo ao atrito que as fazia
esgarçar-se nas arestas com
que as formas ainda o retinham,
levando-o a prosseguir
a escalada que o podia
conduzir a uma visão
mais colorida da queda
dos sons no discurso.
E contudo daí descera,
deixando as consoantes
ensombrecer-se no contacto
com os golfos de luz
de onde lhes vinha
a vontade de se corromper
com os dons do escuro.
Todos temos de morrrer
para que seja possível
um recomeço num mundo
ainda não ensandecido
pelo apelo da literatura.
Por isso o que sentia,
escrevia-o directamente
a 3D, ao correr da pena,
fazendo das palavras
não metáforas da paisagem
mas os pitons, alucinações
acústicas de que o camponês
se serve para caminhar,
sem necessidade de amarras,
sobre as fendas do discurso.
Ah, um pouco mais de realidade
para combater o enjoo das alturas!
E contudo, por muito que
reconhecesse o terreno,
era de olhos no chão
que rememoriava as palavras
que o traziam de novo
à morada que o acolhera
(ao alto, **WHERE THE DEFORMED**
BECOMED THE TRANSFORMED)
por entre as visões do precipício.

O céu que se estende pelo horizonte
dá ao pensamento panejamentos
de dor que, vistos de dentro, não
requerem sequer as tintas do crepúsculo.
Conseguiria o vento ainda retirá-lo
dali e fazê-lo gritar até que num choro
convulso perdesse a ideia de literatura —
o fantasma a que se agarra, morta
a esperança, para prosseguir o luto?
As palavras ia-as buscar ao frente
a frente com o morto em que ambos
se rebolam, até perder os sentidos,
na ausência de qualquer testemunha.
Em redor, a paisagem perdeu
em abstracção o que ganhou
em altura, se bem que, indiferente
a tudo, a alma acabasse por
o abandonar, deixando
sobre a colcha um corpo
em que basta um músculo
mover-se para nele encarnarem
todas as promessas do futuro.
Que confidências, no entanto,
se podem trocar com um morto,
sem que ele nos convide a
conhecer os prazeres do túmulo?
Restava-lhe atravessar a paisagem,
atento aos acidentes da carne,
na esperança de que o vivo
brotasse da lágrima do morto
e na luz se dissolvesse
a dor que vinha de pela
vida ter recusado o futuro.

Puxando para si a manta que lhe protegia
os joelhos dos redemoinhos do destino,
reconheceu que escrever não passara
da forma das palavras susterem a onda

que pela praia lançou os escombros
de que ainda se podia servir para
construir uma teoria que o defendesse
da atracção pelo suicídio. Ao alto,
a lava abria caminho para o poema,
deixando o olhar dos homens petrificado
com o espanto causado por uma natureza
a que o sacrifício do belo outorgara
o prestígio do nunca sucedido.
Mas não fora para isso que a conhecera
e que se lhe entregou, ateando fogos
para que neles escurecessem as sombras
que acolchoam em nós a vinda do destino.
Hoje, à medida que escreve,
o ar escasseia por entre as palavras
e a montanha em que o Sol tanto bateu
ficou seca, oferecendo-nos a face
que o amor vira para a sepultura.
Morta a amada, a dor estraga
à volta todos os recantos da paisagem
e impede-nos de crer que, como
uma flor, pela palavra é ainda
possível reter a sua formosura.
Porquê, então, servir-me do poema
para embrulhar um fantasma
se lá fora a neve arrefece
dando corpo ao gesto com
que, no mundo, uma ferida se esculpe?

Uma das razões que o mantinham
suspenso do exercício nunca prudente
da poesia residia em lhe ter delegado
a missão de se restituir a confiança
no poder da natureza mudar o mundo.
Travessia do abismo, ela constitui
sempre, para quem abandonou
o interior, se não o mais seguro,
pelo menos o caminho mais curto.

Sabem-no os pássaros,
ao transmitir-nos um sentido
de leveza que nos permite
aguardar um outro uso
das paixões que nos prepare
para o seu inclemente jugo.
Compreenderá ela, ao sair
de casa, que funda uma realidade
sustida pelos elementos que
a natureza lhe entregou,
cúmplice com o destino
que o sentimento traçou
por entre as rimas do discurso?
Apprends à remplir de mots
le vide de ta bouche, étrangle
toi de joie, jusqu'à en vomir,
segreda-lhe o vento, enquanto
as palavras, embatendo
no céu da boca, são levadas
pela enxurrada que redesenha
a paisagem no quadro negro
que lhe oferece o fundo
já a perder-se da literatura.

O horror das palavras conduziu-o
ao precipício em que parara
para observar a violência com
que as águas, vencendo a corrente,
abrem caminho a emoções que
a natureza parece ter excluído
da bordadura de sons que dá
consistência poética à superfície.
Tudo um problema da carne
que se continua pela palavra
onde membros crescem
que o conduzem a experiências
que o sentimento só por si,
no seu delírio, nunca previra.

Estranhos corpos resultam
do contacto com as palavras,
capazes de se dilatar só para
seguir o curso dos rios
dispersos pela planície. Então,
ao observar os arbustros que
a dor extraíu da profundeza
das minas, lembrou-se das tardes
em que, envoltos em sombras,
faziam amor no lagedo das ruínas.
Tudo isso, contudo, sempre anotado
à margem com a desenvoltura
de um pensamento que chegou
ao fim mas não consegue comunicar
ao que escreve o fino recorte
de uma poesia demonstrativa.
O fardo do real lançou-o a carne
pela página: afogando-o em poços
de tinta de onde corpos emergem
sem saber em que tempo, ou
para que amor, renascem pela escrita.

A paisagem deslocara-se para o interior
queimando uma a uma as imagens que
o levaram a escrever que o que desejara
lhe vinha já inquinado pelas águas
que no seu movimento dividiam
o mundo decidindo, pela força do fôlego,
sob que formas a dor daria corpo
aos miasmas que sem sentimentos
disputam as clareiras da superfície.
La mort, escreve, *elle vous touche*
partout, et nos arts n'existent que
par elle, comme des fleurs jetées,
désservies par les âmes qui hantent
les longs couloirs du sépulcre.
A experiência do mundo, no entanto,
ignorara a dor capaz de explicar
as formas tortuosas que os sons
adoptam para vir no discurso:
dir-se-ia dois registos do tempo,
aquele em que a via e na presença
dos outros com ela partilha
os alimentos e aquele em que,
envolta no segredo, todas as noites
ela lhe extorque as certezas
em que confiara para dar
algum lustro ao sentimento
perdido de ter vivido.
Com um gesto subtraía
o que noutro lhe oferecia,
desdobrando-se numa figura
que o atirava para um tempo
só por ela habitado
e de que, com o mundo,
fora excluída das palavras
a própria ideia de sacrifício.

De tanto os olhar, os cumes
entram-lhe pela cabeça
aplanando a vista à linha
de pensamento de que os
termos caem sem convergir
na certeza de um sentido.
Ah, mas gostava da paisagem
a que nesse verão se recolhera
e em que viu uma extensão
dos climas que dentro de si,
mesmo pela escrita — uma
técnica dos fundos —, nunca
viriam a ser esclarecidos.
Era sempre uma meia-
realidade, encoberta pela
bruma, que vinha ao seu
encontro convidando-o a
dar rosto a contornos que,

de outro modo, sob a capa
do livro, permaneciam escondidos.
Ao escrever, era esse novelo
que pela palavra desfazia,
dando consistência
a sensações que, caso
não as passasse a limpo,
não sabia sequer
se as tinha revivido.
Agora, metia as mãos
na linguagem para daí
retirar o real: o postal
que ela lhe oferecera
para que não se esquecesse
(bastava repetir os gestos,
pôr as compras na mesa)
de que o mundo era
um lugar digno em vida,
pela poesia, de ser preenchido.

Todas as palavras não chegavam
para dar conta das feridas que,
a luz, ao surgir, entreabrira
por entre as clareiras da superfície.
Sim, tinha que escrever até
que o sentimento, acumulando-se
na frase, trivializasse pelo
ruído o horror do assunto.
Mesmo assim a linha não
se prendia ao rebordo da figura
recorrendo ao arabesco para
sinalizar na forma o desvio
que a dor sempre toma para
se aproximar do ponto em
que a neve derrete deixando
à vista o corpo extinto
pela clareza do discurso.
Torna-se assim tão lúgubre,

quando lida, a literatura?
Diferente da natureza,
que exterioriza o laço
que todas as coisas une
num anuimento sem
perguntas, instigar-nos-á
ela a seguir, incrédulos,
os caminhos da aventura?
Em si, as paisagens tinham
ruído e só o vento, forçando
a passagem por entre as palavras,
soltava dos sons um lamento
obrigado-as a desenhar
novas configurações
para a dor que o terror
extraía das frinchas do sentido.

A partir de certa altura
os poemas passaram a ser
escritos maioritariamente
no presente. Talvez isso
tivesse a ver com a perceção
de um tempo cuja consistência
lhe vinha de, pela dúvida,
ter sido arrepanhado e escrito.
Não havia duas realidades,
a das coisas e a dos signos,
eram estes que davam corpo
à massa do que, à medida
que acontecia, se revestia
de presença e sentido.
As palavras precipitavam
o real, já intuído nos espaços
entre da memória a que,
como num sonho,
ainda pertencia.
Talvez já tudo aí existisse
na sua pobreza semântica

mas, ao escrever, o espaço
abria-se e o mundo, saindo
dos eixos, adiantava-se ao
pensamento dando lugar
a seres, paisagens, que
nunca conhecera em vida.
Na mesa o papel rasgou-se
para dar continuidade à parede
por onde os deuses agora entram,
arrastando-nos para mundos
de onde, mal pronunciemos
a primeira palavra,
nunca mais sairemos vivos.

Dentro de si um vazio
suga o mundo que nele
se precipita para ocupar
o lugar que, sob a pele,
os órgãos mantêm
já muito a custo.
Nesse corpo acrescentado
com os destroços da paisagem
no coto de um braço
prende-se uma boca
por onde um rio corre
que mais adiante
se despenha num lago
onde animais pastam
disputando às aves
as palavras com que
depois conspurcam
os sulcos do discurso.
Seria isto a poesia?
Se o virassem do avesso
trazia dentro de si
a memória de um mundo
capaz de se substituir
àquele por onde agora

caminha impressionado
com as visões que
lhe vêm do futuro.
Tudo o que se passa
no interior (uma teoria
do corpo?) sobe-lhe
à cabeça continuando
-se em sonhos que dão
passagem a seres
que o horror do túmulo
encarnou na sua loucura.

Etiolara com o sonho de palavras
que progrediam para dentro
até apodrecer mal raiavam
os desníveis da superfície.
Todos os passos pareciam
aproximá-lo do local onde
escolhera exilar-se, ciente
de que o que abandonara
regressaria para o fazer
conhecer uma por uma
as dores da despedida.
Mesmo assim partira.
No exterior, os círculos retraçam
as ondas do pensamento,
desenhando sobre a superfície
do vidro florestas minúsculas
que em nós tornam mais
presente o apelo do não vivido.
Ah!, para onde quer que olhasse,
a paisagem já não conseguia
comovê-lo ao ponto de deixar
rações e amigos só para ceder
aos perigos da aventura.
Debaixo da terra, a vida
continua, deixando vir
ao de cimo, transidas

pela dor, as formas
que o sangue adquirira
depois de se corromper
com a luz que lhe vinha
da parte fria da sepultura.
Eramos os corpos em que
esses organismos tinham
crescido: os portadores
capazes de os trazer
para o real, afirmando
uma nova comunidade
apostada em sentir
a afronta do futuro.
Talvez. Mas o monstruoso,
o que não devia ser dito,
ao possuir-nos, tornara
impossível a entrega
à dor que a melancolia
nos doou como a única
droga capaz de saciar
o esplendor da recusa.

Escrito o livro que lhe prometera,
a passagem entre os dois mundos
— e a expectativa de cruzamento
entre os seres que os habitam —
nunca se interrompera.
O livro era a passagem
que as palavras, obrigadas
a fazer coisas que iam
contra a natureza,
encontraram na sua cabeça.
Ao perdê-la, viu-se atirado
para um caos de sons,
de corpos-figura que
não paravam de crescer
e adoptar formas
que redefiniam o mundo

a partir do intervalo
de onde depois irrompem
em toda a sua loucura.
Servia-se de agulhas
para as meter por espaços
que inventara nos braços,
preocupado em manter
abertas as portas por
onde os espíritos saem
à procura de corpos-macho
que enfim satisfaçam
a sua fome de absoluto.
Mas só com outro rosto,
orgãos, a podia receber,
negando pelas carícias
as necroses, as manchas,
que a passagem pelo túmulo
(*rosa de china*) nela inscrevera.
As palavras que lhe restam,
assim, revolve-as na língua,
refazendo o mundo
em que, crianças,
para a morte cresceram
na vizinhança do abismo.

Acabado o romance, começou
a escrever à procura de palavras
que lhe permitissem encarar
o Horror para que, ao perdê
-la, decidido se dirigira.
Caminhava há tanto tempo
que parecia deslocar-se
para se arrancar à imagem
de si mesmo, ali parado,
sem perceber a atracção
que sobre si exercia
a perspectiva a abrir-se
do precipício. Pode um corpo,

sem necessitar de mover-se,
assim encadear-nos — apenas
pela forma como nos acena
do fundo do abrigo?
À medida que as roupas
caem, por entre as palavras
apercebe-se dos pontos
da carne que redefinem
no horizonte o rumbo
que de si deixa um corpo,
depois de morto,
no leito da literatura.
De cada vez que a via
a luz escondia-se para
refluir na gruta de onde
depois irradiava, iluminando
os sulcos capazes de nos
conduzir ao trono das alturas.
À nossa frente apenas
os acidentes do terreno:
o continente branco
em que a terra se azula
à medida que, invadida
pela luz, do infinito se aproxima.
Mas não era fácil arrancar
o coração à montanha
devolvendo-o a um corpo
que os sentimentos puxam de novo
para as inclemências do sentido.

Montanha branca de que não
se apercebem os contornos,
o corpo cai sobre a mesa
desdobrando-se, sem se
mover, até devorar a paisagem
(montes, vales, campas que
se levantam, ali, à sua frente)
da qual, sob a pele — tanto
à do ventre como à dos seios,
até —, percorrendo o desnível
dos vasos sanguíneos, não se
distinguem já memórias
ou vestígios que nos distraiam
da tarefa de cadastrar as superfícies
e de restaurar (decalcar) o fundo.
Não era a origem (ou o fim)
do mundo, antes este,
pela visão, de súbito arrefecido,
que se prolonga até se reduzir
num horizonte que o embru
tecimento dos sentidos torna
exíguo. A paisagem, alterada
por esse mover de ombros
— desprendimento de cabelos —,
despenha-se em certos sítios
— rios que correm sobre
pontes que se abatem e
mãos e pés que se atulham
nos limos —, dando consistência,
volume, a uma película
fina cujo (fulgor) brilho
— o das imagens —
a partir de dentro
se tinha extinguido.
Grains de beauté,
sous la peau,
de uma natureza que,
contra todos os procedimentos,
teima em voltar ao início.
Assim, quando caminha
— a rua é o seu trono —
não a distinguem
estrelas na cabeça
(*stars on her crown*)
mas o brilho
que traz nos pés
(*glitter on her shoes*)
com que desarruma
(e confirma) o mundo.

As imagens chegam-lhe
sem grande definição
invadindo o presente
com espasmos (*flashes*)
de electricidade estática
que, pelo brilho,
conseguem iludir
o efeito vazio do diferido.
Trata-se da banda-som
de um filme vídeo que
avança por vagas mas
que, no seu refluxo,
não mantém a discrição
de um contínuo sentimental
narrativo. Assim, à medida
que as imagens lhe vêm
e as transmite, os tempos
confundem-se, infectando
o disco rígido com presenças
— fragmentos de ser e cenários —
que não correspondem
a nenhuma das ficções
que tinha conhecido.
Num dos slides, ainda
adolescente, ela corre
pelos campos — mas
em que paisagem? —
e a sensação é tão real
que em redor crescem
as flores que por abrir
traz estampadas no vestido;
noutro, despe-a o actor
que a sequestra na casa
onde organiza bailes
que acabam sempre
em salões de granito
talhados pelo desejo
nas saliências do precipício.

Não sabe, contudo, de onde
lhe vêm as imagens — efeitos
luz de corpos a transmigrar
que definem o universo
habitado por seres sem pulmão
que o estado dos sentimentos
impede de permanecer
(amar?) à superfície.
É no lugar deixado
pelo coração — caverna
sem luz cujas paredes,
gotejando de cor, servem
de guia na penúmbra —
que o filme corre,
projectando imagens
a que as sensações
se agarram para atravessar
aos saltos as paisagens
que os corpos deixam
entrever pelas finas
frinchas dos tecidos.
No interior o filme ardeu,
as imagens colaram-se
antes de atravessar a parede
e em chamas do coração
saem as palavras que
a dor não tinha corrompido.
Operação a céu aberto,
a poesia faz tronco com
a máquina trituradora
cujos feixes antecipam
as figurações da carne
que depois os corpos,
na sua desmesura,
deslumbram e realizam.

Certos homens bafejados
pela natureza, apercebem-se

dos declives do terreno
mesmo antes de atingir
os limites curvos de que
se serve para os reconciliar
com o tempo a planície.
Sem ter de erguer os olhos
da frente, bastam-lhes
alguns sinais — a espessura
das flores, a cor dos rochedos —
para tomar o pulso
às coisas que, pela palavra,
os procuram subtrair
ao fascínio do precipício.
Era assim também que ela
lhe aparecia. O corpo
desmembrado em sons
que o atingiam na cabeça
e o faziam reconhecer
mundos que, para chegar
até si, os resíduos de luz
na carne tinham vencido.
Um corpo estático, emitido
pelo espaço, que resumia
numa canção o saber
das circunstâncias
em que reside o poder
mortífero da literatura.
Atravessando o espaço,
os sons pelo sopro prendem
-se a imagens que redesenham
o mundo de acordo com princípios
de que só agora se apercebe
ao ouvir o estrondo húmido
que lhe vem das nuvens.
Ali estava ela, entre
ondas de luz, a bolsar
palavras. Ao vê-la —
o peito, oferecendo-se,
vinha-me bater na boca —,
o sangue escorria
de todos os orifícios:
mesmo os que tinha
selado para conter
a violência com que,
pelas palavras, o mundo —
sempre o dejecto de um morto —
lhe fora oferecido.

O som granítico das nuvens:
ouro dos sinos que a chuva
traz diluído até aos nossos
ouvidos. Algo que emana
da porosidade de palavras
abertas aos desníveis cíclicos
da planície. Refiro-me,
é claro, à pele e ao modo
como nela se passam a limpo
as rugosidades do mundo.
Se o escrevesse, conseguiria
dar realidade ao que sempre
o atraíra pela dificuldade
de uma descida sem guia
ou promessa de retorno
à superfície? Não o sabia.
Os cabelos, amplo drapeado,
varreram a mesa, purificando
o mundo de todas as migalhas
ou certezas que não fossem
as suas. Poderia dirigir
-se-lhe noutro tempo
que não o do presente?
À medida que caminhamos
a neve adquire densidade,
arrastando consigo os troncos
que ainda transmitem alguma
consistência à dúvida dos sentidos.
Paisagem de montanha
que as nuvens cobrem
sem que o cimo se aviste,
cada corpo traz dentro

de si outro corpo, não
de luz mas de sombra,
amálgama de matéria
que o trato (da carne
vindo sobre a carne)
amolece antes de nos ganhar
pela sua imóvel brancura.
Mas ao tocá-la, a mão
penetra na sua leve espessura
abrindo corredores
de onde a neve
pela flora fora expulsa.
Mesmo assim escrevia:
apalpando os acidentes do terreno,
à espera que o vulcão, adormecido
sob o gelo, encontrasse novas formas
para o que em si, de tanto ser
redito, o mundo não redimira.

Se olhares para cima
conseguirás ver as formações
que o vento levantou
da memória da planície?
Metros depois, a atmosfera
envenenou-se, confrontando-o
com os últimos espécimes
de uma criação cujas propriedades
negam tudo sobre a vida
que tinha aprendido.
A única certeza vem-lhe
da incomodidade do corpo
de que partes se desprendem
que o vento depois distribui
por páginas onde árvores
crescem deformando-se
só para nos presentear
com frutos que, resinosos,
nos alteram o destino.

Destroem-nos na boca?
Já no pensamento corre
a visão de seres que
se abocanham pelo som
sugerindo, com as suas
combinações, formas
nunca vistas de funcio
namento do organismo.
O problema está em suster
a visão tempo suficiente
para que ela nos acompanhe
na cerimónia da descida.
Se não, como reconhecer
o corpo que a memória
juntou com os destroços
dourados da aventura?

O amor é uma flor de carne
que a morte atira sobre a mesa
para que a observemos já sem
folhas e partida pelo pedúnculo
— pensou iniciar assim o poema
enquanto aguardava que ela
aparecesse para lhe comunicar
as razões verídicas da partida.
Agora que a fizera até ali
vir com as mãos, pela força
do pensamento, o real
agarrou-o por detrás
da cabeça deixando-lhe
no colo uma substância
branca que fora arrancar
às fontes puras da superfície.
Amara-a com as pedras
na boca, impaciente
em com elas construir
um espaço para as depositar
e reinventar uma linguagem

capaz de salvar o real
da doença que o tornara
imune aos sentidos.
No entanto, de a aguardar
naquela imagem, o rosto
pelou-se por entre as palavras
ficando sem saber que forma
ela iria escolher para assombrar
o real com as visões que
lhe vinham da travessia
íngreme do precipício.
Por vezes, a natureza não
consegue suster as forças
que durante a noite nela
se desprendem e então
recua até ao ponto onde
no pesadelo os ventos
acorrem, deixando de si
uma massa amorfa
que afirma a possibilidade
de outra vida e princípio.
É assim que dando corpo
aos borbotões dos elementos,
já limpa de sombras,
ela colhe as pedras
que atapetam o caminho
que até nós a traz
doente mas ainda tocada
pela febre do precipício.

Quantas vezes se aproximou
da beira do precipício ciente de
que a água recuara no horizonte
para que o mar, debatendo-se
de encontro às falésias, tingisse
de violência a linha da vista?
Outros escritores, noutro século,
não hesitaram em servir-se de pás

como palavras que, perante o olhar
enojado do leitor, desocultavam
de qualquer mistério a dor
que os consumira para a vida.
Je vois les reflets d'une aurore
dont je ne verrai pas se lever
le soleil. Il ne me reste qu'à
m'asseoir au bord de ma fosse,
après quoi je descendrai,
le godemiché à la main,
dans le vide. Entregue a si,
a carne forma bubões e calos
crescem nas extremidades
em que as bactérias se acumulam
antes de redefinir o corpo
de acordo com os princípios
que na morte regulam o organismo.
No entanto, essa vida luxuosa —
de fluxos, ácidos e acrílicos —
não passa para a superfície
e o corpo arruma-se por patamares
que nunca comunicam entre si,
excepto quando o interior transborda
e a terra absorve a vida que,
momentaneamente, pelas palavras,
lhe fugira. Mas a si,
o que lhe interessa não é
o cenário de palavras que
pela retórica se construíra —
a ruína da forma
de que o som, aos seus ouvidos,
repara a usura —,
a **carne**, sim,
que sempre recusou
que o seu destino
se cumprisse
no vazio da sepultura.

Pensão *Rouge*

De quantos corpos se serviu
para vir até si, pejando o quarto
com destroços que redesenham
uma imagem tirada a custo
do revestimento da mobília?
Do outro lado, o vulto feminino
arrepanha a roupa, dobrando-a
com o cuidado de quem não
sabe o lugar no inferno
doméstico em que, sem
o saber, veio cair. É verdade
que as palavras alimentam
o real com a sua dose,
suplemento de fantasmas,
mas é doloroso reconhecê-la
quando, desprendendo-se
do corpo, vem reclamar
os sucos que outrém,
no acto do amor,
por si expelira.
Virá daí a dificuldade
que a mulher sente
em ocupar roupas
de que, para vir até si,
outra se servira?
Contudo, a tensão
do nervo por detrás
da coxa parece projectá-la
e dar volume aos acidentes
que os gestos vêm colher
na pele sem um gemido.
O efeito de relevo
do real em pintura.
Mas será ainda
ela ou a outra?
E com que carne,
saber dos músculos?
Conseguirá o nylon
do *collant*, que lhe cinge
o pescoço, suster o fantasma
que, num único estremeção,
a agita e confina consigo?

vista do motel

1.
O adensar das nuvens caía-lhe
no rosto desimpedindo por detrás
dos cabelos uns ombros que
a geada tolhera com as memórias
ainda frescas da passagem
pelo precipício. E no entanto,
mal se levanta, no quarto
o mundo começa a mover-se
no ponto em que, por entre
as pregas da carne, a roupa,
ao soltar-se, deixa ver
uma paisagem que a dor
ainda não tingiu com as cores
do crepúsculo. A vida nasce
do torvelinho da têmpora,
paúl onde a matéria,
nas suas novas formações,
se esforça por encontrar
uma saída para o torpor
em que se tinha esquecido.
Displicente, a natureza prolonga
o seu curso pelas sombras azuis
do pescoço, fazendo das veias
o sistema de irrigação capaz
de soltar as pepitas de bolor
de que o tempo se serve
para atapetar de nácar
o fundo sujo do precipício.
E no entanto, basta
dois botões soltarem-se
para compreender bem
com o que a carne se satisfaz,

dispensando no seu gozo,
posso dizê-lo?,
a *lingerie* do absoluto.

2.
O casaco de malha protege
-a das memórias que o vento
traz ao seu encontro envoltas
nas brumas da planície.
O cabelo, caindo lento sobre
os ombros, não deixa perceber
o Sol que a custo o pensamento
retém por detrás da consola
gelada da superfície. Mas
se fala, as palavras tanto
sobem os declives das alturas
como se abeiram com destreza
das clareiras que nos conduzem
aos pântanos íngremes do sentido.
Apprends à remplir de mots
le vide de ta bouche, segreda
a natureza enquanto as palavras
lhe tombam da boca, levadas
na enxurrada que redesenha
a paisagem de encontro
às paredes nuas do prostíbulo.
No entanto, à medida
que as roupas caem,
por entre as palavras
destacam-se os poros
da carne que recortam
no horizonte o rombo
que um corpo deixa
de si, depois de morto,
na teoria da literatura.

3.
A camisola de lã cai-lhe rente
ao corpo, definindo o ponto
que a *t-shirt* deixa solto
e que pelo umbigo nos conduz
à fundura do púbis.
Pode a natureza assim dar
um nó na carne, atando o corpo
às correntes que o puxam
para o centro enquanto
pelo movimento ele parece
já ter encontrado a fórmula
com que resolve, no espaço,
o problema do infinito?
Por si, continuava sem saber,
consumado o desastre,
o que salvou o poema
das agruras do sentido.
Tal como o corpo em
que cai justa a roupa,
ou a natureza que sob
a forma do arbustro
se recolhe para nos
oferecer são o fruto,
é usando o seu melhor
par de ténis
que a deusa nos indica
(*rollerball* dos sentidos)
a perspectiva do abismo.

4.
O sol bate na parte inferior
das coxas, empurrando as sombras
para o desconforto roçagante
de roupas onde a luz desaparece,
escondendo-se por detrás
das cores cruas do tecido.
Pela inadvertência com

que se dá à vista,
dir-se-ia que um deus
passou pelo banco
do veículo, deixando
na pele as marcas
de uma paixão de que
as listras de luz ainda
retêm, ao cruzar-se,
a violência do percurso.
Mas assim como o seio,
oscilando, pende solto,
também no plissado
da carne a volúpia
descera as cortinas,
permitindo que o corpo
se oferecesse à agressão
da luz em si rendido
como uma planície.
Deixam-se assim
as deusas possuir?,
dando corpo à chuva
que nelas modela
as formas monstruosas
de fotos de *sex-shops*
que os homens fitam
sem para elas, contudo,
intuir qualquer uso?

5.
Quando se inclina, o cabelo
solta-se e cai-lhe na boca
tapando os caminhos — o sexo
e os dedos, atropelando-se
obstruem as outras saídas —
por onde os espíritos podem
libertar-se, aliviando a carne
do constrangimento e da dor
que, inundada de suor, ali

a mantém tensa e contricta.
A vontade de a possuir
começa no corredor de carne
que dá a volta à cabeça
e depois se alonga pela mola
do pescoço, traçando um **S**
— uma vezes de pé, outras,
deitado — a que o mundo
pelo tacto se vira reduzido.
Que fauna ou flora ali
podem nascer, se já falta
o ar, o gosto grassa
envenenado e um vómito
dá um nó ao coração
que no corpo repercute
como se em si se extinguisse
a frescura do mundo?
Da massa do corpo
vêem-se apenas os dedos
húmidos que desafiam a luz
com a sua brancura
e mergulham na boca
esquecidos de como
há pouco trabalhavam
os orifícios, fazendo-os
vir num manto de espuma
odorífica. O que vê
então à sua frente
quando da colcha
levanta a cabeça
e o corpo estremece
satisfeito com o que,
ao engolir,
roubou ao absoluto?

O mundo afundou-se e agora
não consegue despegar o olhar
da amurada em que, da última

vez, já prestes a desaparecer,
ela o fitou sem saber o que
fazer com os motivos que a
levavam a persistir na violência
da partida. O coração — esse
grande batedor de sombras
que nas encruzilhadas teima
em encontrar os caminhos
para o precipício — trazia
aos ouvidos os cantos
já dissolutos da planície.
Seria sob a esteva
que o enterrara ou,
conduzido pelo vazio,
transportara-o para bem
mais longe do que o horizonte,
sonhando com uma raça
de monstros capaz de viver
em atmosferas onde só
os sentimentos tivessem
sobrevivido? Na boca,
les mots mêmes de la passion,
assim, em francês, impresso
nos caracteres com que na vida
o tinha aprendido. Pode o corpo
morrer sem a alma experimentar,
uma por uma, todas as formas
de ser vencida pelos sentidos?
Um súbito golpe de vento
arrebatara-o, deixando-lhe
no peito a dor que, noutras
circunstâncias, o gume
de uma faca (ou um tiro)
teria produzido. Ao passar,
o ar levantou uma ponta da carne,
abrindo caminho ao vazio
que entrava em si como se
o mundo, impaciente com
o seu torpor, se decidisse
a agredi-lo. Por onde quer
que andasse — mar ou montanha,
as imagens confundem-se —
a dor construíra uma palissada
de onde era possível aperceber
a natureza a preparar-se
para uma nova investida.
Talvez o mundo se reformasse
dentro de si mas, mesmo assim,
os dois planos nunca coincidiram:
lá fora, uma pedra por voltar
indica o local em que o corpo
se rompeu e o mundo parou,
incapaz de cobrir com a sua força
a raíz da dor que ali tinha crescido.

Ao partir, envolvera nos ombros
a natureza, deixando-nos o deserto
onde crescem, acercando-se da luz,
os ramos doridos do discurso.
Sobre a mesa, o poema simplificou
-se com a sua recusa: algumas
espécies extinguiram-se,
alterou-se o curso dos rios
e os arbustros encontraram
novas formas de equilíbrio
que lhes permitem
desenvolver-se sem deixar
de considerar as visões
que lhes vinham do fundo.
Porque não conseguia suportar
a ausência (o bater de um coração
que, com o seu, filtrasse os ritmos
do mundo), a casca do real
fragmentou-se, descobrindo
à sua frente os restos de palavras
de que o sentimento se serve
para não sossobrar no declínio
dos sentidos. Talvez a travessia
do vazio transmitisse às sensações
a solidez necessária para mudar

o mundo, levando-o a considerar
a insensatez de um novo princípio.
O deus pessoal abandonara-o
mas uma verdade selvagem
ocupava o centro fantasma
do coração a que o real,
comemorando a sua vinda,
pela poesia se vira reduzido.

Ao desaparecer levou consigo
o mundo para o lançar, sem
remorso, às bocas do precipício.
Em si, as paisagens tinham
ruído e só o vento, forçando
a passagem por entre as palavras,
soltava dos sons um lamento
obrigando-os a desenhar
novas configurações
para a dor que o terror
extraira das frinchas do sentido.
Lá fora, recoberto pela geada,
o mundo simplificou-se
ao número de instrumentos
que conseguia transportar
na tentativa selvagem
de salvar o pensamento
da dúvida de ter vivido.
Aos poucos compreendeu
que o que via não podia
deixar de coincidir
com o fantasma
que a queda desprendera
do fundo do precipício.
Ao olhar para o jogo das nuvens
que o sentimento deixou hesitante
por entre as brumas do crepúsculo
percebeu que o amor se corrompera
ao descobrir que as palavras
tinham deixado de se colar
à paisagem que por consolo
depositara à sua frente o mundo.
Sim, sabia que ela voltara
para o confirmar de que
tudo o que construísse não
ganharia raízes dando origem
a formas que eram a própria
paródia da intenção de vida
que as movera no início.

Da última vez que a viu
a terra fora revolvida
não deixando interstícios
por onde a luz passasse
para se vir confundir
com os grãos pútridos
da superfície. Em redor,
tudo mudara: o ar, rare
feito, tinia nos pulmões
com a limpidez do vidro,
filtrando um real que,
simplificado, atingia
o rebordo das coisas
já carregado dos seus
tons mais escuros.
Como explicar, contudo,
o odor persistente de folhas
a arder que nos fazia
duvidar dos sentidos
ou da consistência
de um mundo de que,
descrente, a natureza
parecia já se ter excluído?
Se lhes tocássemos, os corpos
desvaneciam-se já que era
de baixo que lhes vinha a força
capaz de lhes acrescentar

as propriedades que os faziam
elevar-se no espaço, desafiando
uma realidade demasiado fraca
para as exigências dos sentidos.
Também no pico da montanha
a que o sentimento subira
eram seus os átomos
que respirávamos, preparando
o corpo para experiências
de que, no seu segredo,
só os mortos conheciam o sentido.

Once I dreamt I went to heaven
and that made me weep. I wanted
to come back to hearth but the angels
were so angry that they flung me out,
into this place where I woke crying
for you. Agora que a ouço,
as palavras valem pela aspereza
que lhes comunicam, arrastadas
pelo vento, as sombras do discurso.
Uma vez ditas, prendem
-se aos declives do terreno
passando a fazer parte
de uma paisagem de que
não somos mais do que
o resto inumano que para
o exterior lançou o mundo
no seu estertor convulso.
Como interpretar o que dizia?
My love for you ressembles
the rocks, eternal
in their frightening solitude.
Tudo sons a que se agarra —
frágil balaustrada — para não
cair no abismo que, enquanto
fala, as palavras entreabrem
no terreno rochoso que
serve de suporte aos músculos.
Ao ouvi-la, a paisagem
recompõe-se no sentido
da origem, pedindo de nós
actos que a esventrem
e soltem as crias que,
no seu seio, anseiam
por uma vida futura.
A que ervas, cascalho
lapidado pelo vento,
vai ela então buscar
a matéria que, nos seus lábios,
tinge já o visco dos arbustros?
Cascavéis escolhem para
ninho o centro do pensamento
de onde emitem profecias
que a fazem tremer
com as consequências
dos seus actos futuros.
Não, comigo ela não
se confunde e os anjos,
se a não quiseram receber,
foi porque as chamas
ainda não consumiam
o seu corpo imaturo.
Enganara-se: os mortos
ainda não lhe punham
as palavras na língua
que um dia a fariam
conhecer, em vida,
os favores do sepúlcro.

O esguicho de sangue passou
para o papel, mergulhando
a noite num clarão que a devolve
às impressões que selam
a nossa entrada num mundo
que as feras procuram
porque aí encontram
a resposta para as feridas
que em si produz
o uso da poesia.

Enquanto escrevo, o sangue
escorre por entre as palavras,
menstrúo seco cujos grânulos
servem de suporte a uma travessia
sempre hesitante do precipício.
E pergunto: virá algum sossego
da imagem de Horror
que os dedos nos trazem do fundo?

Romance familiar

As três irmãs

As três irmãs contestam a opinião
do crítico de que a experiência
só valida o conhecimento
que nos vem da literatura.
Não é essa a memória
que trazem do passeio
ou a lição do pintor
que no herbário junta
modelos de uma ideia
do sublime mais natural
e simples do que a da pintura.
Para ele, as árvores
substituem-se à paisagem
e a urze prende o horizonte
a que as flores se recolhem
cansadas de dar frutos
que depois se corrompem
nas páginas dos livros.
É assim que escrevem:
com palavras a que
aos bocados se entregam
deixando que a natureza
cubra os caminhos
que em si entrelaçam
os ventos da loucura.
Talvez por isso desdenhem
os malabarismos da poesia:
a prosa, sabem-no, é o manto
com que cobrem o deus
que um dia se lhes revelou
sob o nome de literatura.

o poema de Emily

Queria escrever algo que perdurasse.
Os actos, contudo, não nos dão
grande possibilidade de consolo
esgotando-se no comércio precavido
dos sentidos. Tudo o que escrevia
ficava sempre aquém da dor
que teimava em tomar como
a única verdade da literatura.
Sim, como aquietar a alma
com palavras? Ao fim e ao cabo,
para quem escreve, o único
caminho é o da sepultura:
a forma mais conseguida
de luto que as palavras
pelas suas combinações
permitem como consolação
do túmulo. Só na morte
os elementos nos absolvem
do seu mistério, inocentando
-nos do desenlace de tão
desigual desafio. Para quê,
então, arriscar o Ser no caminho
de cabras por onde se perde
a literatura? A idade, contudo,
não lhe trouxe indulgência
ou um domínio mais clássico
da vida. Com o tempo acostumou
-se a que a morte constituísse
o motivo principal do poema —
e o belo, ou o que o substituira,
talhou-o no Horor destilado
por plantas que venenosas
crescem do coração da estufa.

o poema de Charlotte

A primeira preocupação fora
a de excluir da escrita qualquer
princípio narrativo. A prosa,
sempre longa, anestesia-nos
com promessas mas à medida
que a poesia a perturba, as palavras
definem nela um domínio
que lhe serve de abrigo.
E no entanto, a altas horas
da noite, que forma habita
as cavidades ermas do espírito?
De que raízes se compõe
o unguento capaz de amortecer
a tensão dos músculos?
Tudo questões que nos assolam
mal entramos na biblioteca
e desdobramos cheios de dúvida
os compêndios de estilo.
Equivocados, é para a morte
que caminhamos prontos
a nos entregar às formas
impuras da paixão
que se soltam dos arbustros.
Da escrita, apenas alguns vestígios:
lá fora, a natureza, com os seus clarões,
não vem iluminar o discurso.
Será por isso, dizem,
que escrevo torrencialmente?
No estirador, a caneta
subsiste como a única forma
que foi possível salvar
da derrocada do futuro.

o poema de Anne

O regresso a casa — com o vento
a bater nas pernas e a ensurdecer
os ouvidos — definia com clareza
a impressão de dor que os seus
poemas causam à leitura. Agora,
enquanto pensa no que escreveu,
os ramos caem na paisagem
redesenhando a moldura onde
o sentimento adquire o equilíbrio
de um interior de literatura.
Todas as palavras não chegavam
para dar conta das feridas que
a luz, ao surgir, entreabrira
por entre as clareiras do discurso.
Sim, tinha que escrever até
que o sentimento, acumulando-se
na frase, trivializasse pelo
ruído o horror do assunto.
The winter's chill is on my hand
How can I dream of future bliss?
How can my spirit soar away
Confined by such a chain as this?
Ao a relermos, percebemos
que as palavras não necessitam
de ser motivadas para nos assolar
com a sua familiar espessura.
Errávamos, contudo, se pensássemos
que, como uma casa, a poesia
existe para ser habitada já que,
da sua passagem, ela nos deixa
apenas alguns frutos e nunca
o seu pleno usofruto. Assim,
estrangeiros na linguagem,
deixávamos ao sair
um machado sobre a mesa
cientes de que, ao regressar,
alguém abateria as árvores
que nos separam de uma ideia
tão doméstica como cruel de literatura.

o poema de Patrick

Será domesticável a poesia?,
armadilhável o medo que
resulta da decomposição
do sentido? Experimente-se
agarrá-la enquanto voa:
nos dedos, apenas algumas penas
e a húmida sensação de horror
que em breve se extingue
na memória do sucedido.
Praticá-la será um direito?
Prescindem os seus crimes
de um tribunal que os julgue?
Tal como o caçador, quando
visa a presa, prevê já
o movimento da faca
que desprende o sebo
do arcabouço dos músculos?
Mas não existem terrenos
privados para o horror
nem todas as palavras
são suficientemente cruas
para o ofício da poesia.
Sim, talvez tivesse que
morrer para que ela
escrevesse o livro
com que encerrou o futuro.
Lembro-me de a ver
a escrever — de cabelos
soltos, sufocando a noite —
fascinada com as palavras
que tirara do túmulo.
Todos os dias ela saía,
de olhos fixos no crepúsculo,
com o único objectivo
de afujentar a paisagem,
certa de que só no latido
dos cães se fazem ouvir
as vozes infelizes (mas cruas)
da literatura. Mas a nós,
poetas de um século que

negou a alegria, o que nos
motiva? Em vez de cajados
servimo-nos de instrumentos
que nos conduzem a terrenos
onde cresce uma ideia
selvajem mas impotente
de literatura. Se os cães
ainda nos perseguem é por
que, ao lerem o que escrevemos,
sentem a proximidade
da morte que a tudo confere
um brilho acabado e corrupto.
Antes se nos atirassem às pernas
e fizessem cair, apressando
o encontro com o pesadelo
que nos reserva o mundo.

Gondal

As nuvens cobrem o horizonte
não deixando de pé pedra
ou arbustro a que a mão
se agarre antes de se envolver
na corrente púrpura do precipício.
A tempestade apanhara-a
no centro da linguagem
soltando emoções que colidem
com a turbulência de imagens
onde o fogo grassou sem deixar
sinais de vida que lhe permitam
um retorno feliz ao início.
Ao fechar os olhos, correu
uma cortina e a paisagem
alterou-se, deixando o granizo
cobrir de luz as planícies
em que, saltando os muros,
se recorda na infância
de com ele ter corrido.
No visor os corpos
rebolam em câmara
lenta rendendo-se
à pura aceitação da carne
a que, pelos sentidos,
se obrigam.
Mas ao morrer, o Sol
não desapareceu e o corpo,
embrenhando-se em si,
abre-se ao futuro.
Hoje, para sondar o corpo
ia buscar as imagens
ao reservatório de formas
com que, na sua arrogância,
a municiara a juventude.
Nalgum ponto, contudo,
o pensamento (a infância)
teve um começo
embora seja com dificuldade
que os elementos agora
se separam e os limos
conquistam o terreno
onde todas as noites
se reinicia a dança
que os salvou (*the angels
were so hungry with us*)
dos melismos do paraíso.

As grandes paixões vivera-as quase
sem o saber, entregue ao vento que
a puxa para dentro enquanto, imersa
na tempestade, pensa nos motivos
que a levaram a procurar na natureza
o consolo para a desolação que, ao
amar, se instalara no mundo. Não,
a vida nunca regressa impune
dos recessos das palavras nem
as paixões nos deixam de afectar
só por que o sentimento se tornou,

na alma, um hábito de leitura.
Nesse tempo imperava o romance
por cartas em que o sentimento,
página a página, redifinia as noções
com que se construira para si
um domínio abstracto a literatura.
On y trouve plus de sentiments
que de faits, escreve a autora
no livro que a acompanhou, envolto
em sombras, por aqueles lúgubres
sítios. Sabia que não era assim e que,
pelo contrário, o excesso de palavras
serve para fazer esquecer os factos
de que, devorado o tegumento,
o sentimento se desprende para
assolar o mundo. Então, perdido
o real, subsistia de palavras
que adquiriam consistência
à medida que se decompunham
debaixo da campânula de horrores
que lhes serve de cobertura.
Ao olhar para o retrato,
tem dúvidas de que um corpo
corresponda à silhueta que,
de encontro à luz, lhe devolve
o nácar da miniatura. Fora
aquele o rosto que amara?
Que a decidira a partir para,
pela distância, reconfortar
a realidade com os sinais
exauridos de um outro sentido?
Oh Heathcliff,
qual de nós errou o caminho
— confundiu a luz com a sombra —
que o havia de trazer de novo
ao horror do sepúlcro?

Escreveu um romance
e compreendeu que a vida
só podia confirmar as sombras
que a levaram a queimar
o terreno que dentro de si
abria o fidelíssimo
instrumento da escrita.
Ao sentar-se à mesa
o ar corria com estrondo
dentro da cabeça e
da boca caíam palavras
estranhas como os megalitos
que os deuses deixaram
para recordar aos homens
a liberdade que, ao partir,
lhes tinham oferecido
como legado da aventura.
Todos os fragmentos
vinham agora ter consigo:
restos de pessoas que amara
com o sangue — uma cascata
suja — a escorrer-lhes da boca,
enrolando-se aos pés
num manto de onde cresce
um pensamento imundo.
Como diz a canção?
J'ai goutté le fruit amer,
plein de cendre, de ton coeur,
miel dont s'abreuvent
les fauves du précipice.
Mesmo a paisagem enegrecera
e só pelas palavras adquire
a consistência com que se impõe
ao real enquanto desafio da escrita.
De que imagem caíra o **anel**
que trazia no dedo?
Que aparições se revolveram
na sombra para lhe comunicar
aquele brilho?
O sexo subia-lhe vagina acima
e os corpos, dando um nó,
acrescentavam um ponto ao real

que as estrelas, ao explodir,
depois relançam na curva do infinito.

retrato de Cathy como Lady White Alexander

No calor de Setembro parece ter
reencontrado a natureza não para
dela se apoderar — aí descobrir
o refúgio do pitoresco — mas para
se lhe entregar, perdendo a alma
para o canto dos pássaros e os
ramos de arbustros que a prendem
ainda envolta pelas impressões
dos sentidos. No retrato que dela
tirou o marido, descansa no tronco
de uma árvore, destacando
-se do fundo da paisagem —
a mão flectida, o olhar quase
sem pupilas — em tudo semelhante
a uma aparição de súbito surpreendida
com o mundo que, ao acordar,
a tinha recebido. Estacando,
perturbou o equilíbrio que
a sustinha no ar presa por fios
e o mundo caíu dentro de si
de onde regressou em tons
mais puros — o branco oliva
do naperon, o rosa velho
do vestido — de que todo
o fulgor fora excluído.
Dentro de si a natureza morreu,
alterando as formas e a consistência
do corpo cujas partes nuas —
os ombros, o decote longo —
revelam à superfície
extensões de urze que
depois os olhos enegrecem
com as sombras da planície.

Le pied si léger au bord
du précipice avait heurté
la tombe e o susto
com o que viu, salpicou
de sangue a neve do rosto
pejando-o de flores em
que o amante reconhece
a perpetuação da dor
que na vida abraçou
para fugir consigo.
Entregue ao seu destino,
em vida ensaiou o fantasma
que depois o pintor passou
para a tela mantendo entre
abertas as portas pelas
quais correu o segredo
da pintura. Regressaria
também ela, de cada vez
que daqui a olhasse, pelo
seu pé, do exílio da sepultura?

Sur le tableau, on pouvait
voir le pourrissement des fonds
et l'évaporation des couleurs
qui, comme les âmes des mourants,
s'évaporaient décloses
des bouches des aubepines.

Começou por ler os poemas que
ele lhe legou quando, em redor,
as palavras se fundiram, deixando
de cobrir com o seu brilho o que
lhe restava ainda percorrer
de caminho para o precipício.
Se neles pegasse, ainda
a iluminariam os poemas,
tal o raio de luz que abre
caminho por entre a bruma
que na natureza se confunde
com o branco espesso da superfície?
Sobre a mesa, os poemas
reconheciam como prova
apenas as palavras em que
o mundo se reduziu ao apelo
surdo de sons que vinham

do precipício. *Il y a de l'infini*
entre ce que je suis et ce que
j'ai besoin d'être, leu,
e depois, rasurado a tinta,
numa letra miudinha,
como se já não pensasse
no sentido para a vida
do que tinha escrito:
Le fantôme du monde idéal
fût tout entier en moi, ne me
laissant que l'espoir de l'amour
pour me dévouer, sans retour,
à la crudité du sacrifice.
Assustava-se, no entanto,
se alguém dissertava
sobre o risco que correra
ao anunciar pela escrita
a vinda de um outro sentido.
Não é essa a função da poesia?
Lançar pontes sobre margens
que, sem a promessa da palavra,
permaneceriam longínquas?
Só a violência reúne
palavras que, entregues
a si, procuram na frase
um sentido que as redima.
Por isso, atravessado o poema,
já não precisa de asas:
o fulgor das visões
conquistou-o à medida
que, pelas palavras,
varreu de sombras
o fundo do abismo.

Anjos

Falara-lhe de Rilke, como se
a poesia pudesse, por exaustão
de palavras, restituir um mundo
em que fosse possível viver
sem prescindir de nenhuma
das beatíficas visões do paraíso.
Dera-lhe mesmo o exemplo
de homens e mulheres que
melhoraram o real ao ponto
de aí edificarem uma estação
poética que lhes sirva
de abrigo. Mas no seu caso,
o destino era outro: com o tempo,
os leões aprenderam a vir comer
à boca, lambendo as palavras
com que procurara, não corrigir
mas dar ao real a consistência
da visão que fez sua à medida
que se identificou com o caminho
do precipício. Conseguiria
continuar a falar, a abraçá-la,
sabendo que o que escrevia
não era suficientemente horrível
para dar conta do que no sonho
lhe tinha sucedido? Eram
dois corpos a pular na cama,
que a faziam estremecer,
rompendo a película
que os sufocava e não
deixava vir à superfície.
Os *anjos de Rilke*, sim,
diziam algo sobre o ponto
em que no horror se inicia
a beleza, mas **não**, não era
isso, havia que sentir o apelo
do corpo que se recusa
a morrer e que, caso a cena
se prolongue, arrasta consigo
todas as promessas de vida,
obstruídos os caminhos
que os podiam trazer
de regresso ao paraíso.
Não bastava uma, teria
de morrer repetidamente

para que, pelas palavras,
os cotos se tornassem asas
e ainda sangrentos, com
o osso à vista, arfassem
por guelras que só
uma longa visão de horror
prepara para o inferno
convulso dos sentidos.

1.

Certos homens que a natureza
marcou, apercebem-se da montanha
sem quebrar os vínculos que
ainda os ligam, mesmo depois
de partir, às formas empobrecidas
da planície. Atentos ao exterior
detectam correspondências, sem
levantar os olhos do terreno —
caules que nascem das fontes,
motivos que o vento desenha
na urze e de que os poetas
depois procuram reproduzir
a textura —, tudo ínfimos
sinais que lhes permitem
medir o ritmo com que
as coisas, tocadas pela febre,
caminham equivocadas
para o fundo do precipício.
É assim também que tu
te fazes reconhecer,
deixando à natureza
a tarefa de te anunciar,
servindo-se de corpos
que a luz arrancou —
a tua nova carne —
às sombras vivas
de um último crepúsculo.

2.

As palavras tomavam o lugar
que, no real, às pedras cabia
na superfície. Não tinham
destino ou sentido, e deixavam-
-se ali estar, ocupando com
a sua presença tudo o que
à volta ainda necessitava
de um sentido. Ao olhar
para o exterior não sentia
o que escrevia e a poesia
permitia que a poeira
por dentro assentasse
erguendo as construções
que, escoradas no silêncio,
impediam o real de fugir
pelas frestas do precipício.
Aceitam os deuses morrer
para em vida ainda perseguir
os vivos? Porque a beleza,
aprendera ao conhecê-la,
começa sempre por baixo:
por pés que varrem
o terreno por onde ela
passa, lançando fogo
aos locais que não
coincidem, ao a reflectirem,
com a visão do abismo.

3.

Quantos séculos teve de ultrapassar
para, indiferente aos sinais e meia
indefesa, ali vir ter consigo? Ao
abrir a mala — uma imitação em
napa *Louis Vitton* — o mundo
abalou e deixou cair os cartões
que indicam a ânsia com
que procura uma resposta
para o impasse dos sentidos.
Tirou o lenço, aconchegou
as roupas mas não tocou
na flor que ele lhe oferecera,
ciente de que só a natureza
a convenceria a ali sentar-se
para dar sentido ao que
ambos, em mundos diferentes,
tinham vivido. O tampo
da mesa, puído por sucessivos
encontros, ameaçava ruir,
confundindo as estações —
as promessas, os frutos —
que os gestos,
sem se decidir,
pareciam ter suspendido.
Só o traço do lápis, ao servir
de moldura, trazia o infinito
(a carvão) para o centro da vista.

Não é assim também
que se revela a poesia?
Saibro que o vento
levantou, sob calcanhares
que mal tocam a terra
a caminho do paraíso?

4.

As roupas escondem o labirinto
de que a carne se serve
para manter a superfície limpa
em toda a sua brancura.
Se se move, o estampado
resvala pelo braço, levantando
à altura dos ombros um bando
de pássaros que vão e vêm,
alternando as monções
de acordo com o ritmo
que a respiração imprime
ao drapeado dos músculos.
Assim, sempre que se senta à mesa
o *peignoir* despe o peito
de que a natureza se retirou
relutante em seguir os caminhos
que lhe indica, por entre as palavras,
uma desabrida literatura.
Les mots s'arrachent de ma peau
à la façon du linge sur le dos
du lépreux, me réveillant douleur
eusement par sa vive brûlure.
E de facto, à medida que a procura
retirar, a roupa agarra-se à carne,
envolvendo-se no buxo de árvores
que a mergulham muito para dentro
da floresta densa dos tecidos.

Observando-o daí, não
o reconheceria ela sob
as vestes (*a laether jacket*)
que em vida o cosiam
aos segredos do abismo?

Assim, enquanto as roupas caem,
pensa no vento que a ensinou
a reconhecer o odor das coisas
(flores) mortas que mãos
desavindas por ali distribuem.
Um odor que, sob a roupa,
é o do seu próprio perfume
e que da pele nunca consegue
tirar sem que o sangue
em redor esguiche.
Finda a cerimónia,
já não tem vontade de recomeçar.
Compreenderia ele os infernos
por que se obrigou a passar
só para na carne lhe oferecer
o sucedâneo possível
de uma promessa do paraíso?

5.

Branca, a pele confirmava-nos
que se a impressão perdurasse,
o mundo, perdido o brilho,
afundar-se-ia, regredindo
ao contínuo leitoso de que
um dia saíra. E de facto,
se a olhássemos, a pele
estendia-se solta, toldo
de luz que em si recolhe
tudo o que, só de a ter tocado,
ficou esclarecido. Abri-la,
era descobrir passagens
para o interior onde,
depois de digeridos,
os trabalhos do amor
nos devolviam de novo,
já sem recursos,
às tréguas da superfície.

Consegue o capitão,
abalroado o barco,
ainda fitar o horizonte,
deliciando-se com a espuma
que a montanha ao derreter
espalhou sobre as formas
líquidas do precipício?
A placenta reluzente
de que se extraiu
o âmbar e o ónix?
(Leiam-se os capítulos XLII
e LXVIII do livro em que
a pele, em toda a sua brancura,
é comparada com o jacto de mica).
Atravessado este abismo,
como se pode ainda acreditar
em visões cuja realidade
só a confirma a carnificina
dos sentidos?

Algo em si explodiu, devastando
-a por dentro, pelo que o que dizia
caía-lhe da boca num vocabulário
de sombras cujos termos, acumulando
-se à sua frente, comunicam à paisagem
uma luz diferente dos tons de cinza
que protegem os acessos do abrigo.
Mesmo assim fugira,
deixando que a urze
a travasse, acamando a dor
por entre os folhos dos tecidos.
Le seul vrai malheur, c'est
d'avoir aimé, et d'avoir été aimée,
tudo o mais recebe nome
nos céus pelo que não consegue
impor ao sentimento o seu destino
de arbitrariedade do signo.
Seriam motivadas as marcas
que lhe nasciam nas costas,
sinais de outra linguagem
que ia buscar às emoções
as certezas que não lhe vinham
das reservas dos sentidos?
Pelo que lera, a linguagem
começara por um acto,
pela promessa de um real
de que depois nos chega,
nas palavras,
a discreta música.
Palavras, gestos, tudo
nele eram signos naturais —
fragmentos de um destino
que nela encontrara
a forma em devir
em que se resolveu
no futuro.

No poema que lhe deixou
escreveu que a linguagem
só adquire sentido em palavras
que se tenham fundado
na experiência sem fins
do precipício. Só quando
a natureza se fracciona
em toda a sua violência,
os signos se decidem
e aceitam fundir-se,
dando origem a um real
de más formações
que brota, secas as fontes,
dos sulcos do desconhecido.
Sobre a mesa, ainda por ler,
os poemas — pássaros
que retiram a música
da espessura dos sinos.
La douleur des morts
nous poursuit jusqu'au jour
où nous trouverons quelque
remède pour leur solitude,
anotou, incapaz de encontrar
um sentido que afugentasse
as presas do destino.
Lá fora, o Reno arrasta
as frases para regiões
em que o pensamento
deixou de rondar desde
que se equivocou com
o vislumbre do abismo.
Não acorrem os anjos
(*blue devils*) a corpos
que se desafiaram,
cientes do perigo,
nos gumes do sentido?

As mãos procuram libertar o corpo
do sentimento de estranheza que,
sem necessitar de palavras,
o mantém suspenso
na luz do precipício.
Podê-lo-ia descrever assim,
sem forçar as amarras
que as palavras depõem
à sua frente convidando-o,
através de gestos escolhidos,
à sublime ironia do sacrifício?

Mais leve, o corpo alastra
pelo horizonte, dando realidade
à luz que duas mãos conspurcam
impedindo que a noite reduza
a dor à memória da sepultura.

Life, believe, is not a dream
so dark as it might seem, pensou,
procurando nas palavras uma confiança
que a companhasse pelas regiões
longínquas que, no poema, tinha
descrito. No entanto, interrogava
-se sobre o que os outros podiam
ver da palissada que, pelo
poder da rima, sobre a sua visão
pessoal do abismo construira.
FUGE TACE LACE
— a letras de fogo,
traçado lacónico
que revela o segredo
da deriva num mundo
de sombras para sempre
corrompido pela esperança
de vida da literatura.
Não serão os poemas
o grito do fantasma?
Para quê, então, repeti-lo?
Só para que ecoe nos ouvidos
o rufar de tambores que
assombram a natureza
com a vinda de mais
um lúcido crepúsculo?
Que podia ainda querer
da poesia depois de se ter
servido das palavras para
com elas fixar a sua sombra
no inferno do sepúlcro?
Atravessá-la com o orgão
que só de a chamar
se torna mais duro?
Voilà l'impossibilité de partager
une même ouverture sur l'abîme.
Le tout avec le tout ne s'échange
pas: c'est un enfer qui se déplace
sur terre, en pleine lumière, et
qui s'énivre de la vue du précipice,
leu de novo, deixando-se adormecer
para que, acabado o romance,

do coração das trevas irrompa
a tempestade que aniquile o tumulto.

O mês anunciou-se ruinoso,
alçado por entre palavras
a preto e branco de que
qualquer vestígio de luz
pela dor se vira excluído.
O fogo, contudo, grassou
pela cabeça, tomando conta
de toros em que as palavras,
arrancadas à paisagem,
num último esforço se
tinham fixado e resistido.
O **ROSTO** apareceu
-lhe ainda por duas vezes,
já sem som, no ecrã
do televisor. De nada
serviu desligar o vídeo:
despegando-se das metáforas,
o canto imprimia ao
que via uma realidade
capaz de contestar
o mundo de sombras
a que, para a receber,
se tinha recolhido.
Era assim. As ondas
de som saíam-lhe com
estrondo da cabeça,
libertando imagens
com que as palavras
depois copulavam
dando origem a seres
recortados na tempestade
em cujo canto vem embater
a consolação desavinda
do crepúsculo. Mas os sons
corrompem-se mal embaciam
na boca, arrastando para o fundo
as formas aladas em que,
apesar dos guinchos,
ainda ecoam os últimos
arpejos de música.
Todos os mortos (pensou)
têm **uma segunda vinda**:
pela poesia, manto que os devolve
à luz numa carne que os torna —
para quem neles acredita —
ainda mais puros e vivos.

Durante muito tempo o mundo
reduziu-se ao inventário de peças —
uma muda de roupa, os artigos
que comprou na boutique — que,
ao partir, ela deixou embrulhadas
no estampado dos vestidos.
Ao escrever, tudo passava
por esse crivo (um dispositivo
de redimensionar as paisagens,
adequando-as aos motivos
fornecidos pela pintura)
e as palavras aproximavam
-no de uma versão de si
que se construía, no exterior,
por aniquilação de todas
as formas conhecidas de vida.
No fim, já não havia qualquer
distância entre a carne
e as palavras: não conseguia
colocar nesse espaço utensílios
que lhe permitissem responder
ao problema que, enquanto
personagem do romance,
trazia consigo. Agora,
precisava de reatar com
o som por detrás das palavras

que erigiram a casa da língua
entre si e o mundo. Escrever,
deixou de constituir uma forma
de poluir o infinito — enseminando
-o com os líquidos nocturnos —
ou de alterar o real com visões
que, pelas palavras, introduzem
novos tipos de organismo.
Es gibt, não *Es ist*.
Wege — nicht werke.
Até que um jacto de sangue
atravesse a linguagem
de onde o Ser procura
extrair as formas (*larvae*,
moreias, peixes do fundo)
que, porque recusaram a luz
se banham na memória
fértil de um tempo impuro.

(Naquele sonho, ela desce
as escadas sem sair do escuro
que a envolve com um halo
curvo: mais um passo,
o rosto visível, e o mundo
ruiria, arrastando consigo
todas as esperanças de fuga...)

Sabia que o real, ao cair,
deixava sempre algumas penas
do seu voo por entre as clareiras
do sentido. Com esses restos
construíu um idioma,
ponta de fogo que o mundo
redefine, elevando-o à perfeição
imprecisa do destino.
No corpo, o *rouge*
aviva a cor dos mamilos
adensando uma caligrafia
cujos símbolos só se podem
entender depois de os ter
extraído de ruínas cujo
esplendor era forçoso
reconhecer pelos índices
disseminados pela planície.
On dirait the tempestuous
loveliness of terror, un fantôme
prêchant à des fantômes
qui ne l'entendent plus,
des cauchemars que l'on
ne voudrait pas par rêves!
Antes desse encontro,
cabe-nos despertar a palavra
de *detrás*, do fantasma.
Criação do mundo na finitude,
ponto de ignição, *big-bang*
explosivo que no acto do amor
faz nó, servindo-se das palavras
em que dois corpos se entrelaçam
para dar origem a uma nova
espécie — quatro pernas,
oito braços e duas cabeças —
sempre por vir e ainda futura.

(Aqui talvez fosse de inserir
a gravura de Cathy adormecida,
o xaile de lã decomposto
e a cabeça a resvalar para
o mundo que debaixo
da cama já se apercebia.

)

O cabelo escureceu, soltando
-se da ideia que lhe imprimiu
um tom de cinza
que já não era deste mundo.
Ao cair, tudo resvalou
à sua frente, arrastando
os arbustros que ainda
a podiam conter
na queda do precipício.
O mundo rolou, preso
do gancho dos cabelos,
transido de horror
com a perspectiva
que lhe era oferecida:
a de um novo começo
na confusão dos tecidos.
Ou talvez não tivesse sido
assim mas já em casa
ao chocar de encontro
a alguma saliência
mais dura da mobília.

Mas foi nesse ponto
que os átomos se reuniram,
levando a atmosfera
a toldar-se para tudo
envolver no halo
denso da chuva.
No interior, a natureza
interrompeu o curso:
perto das têmporas,
os pássaros, obedientes
à dor, removeram as feridas
delas extraindo a música
em si depositada pela
experiência do abismo.
Debaixo da pele, o solo
amoleceu, apressando
a maturação dos elementos
de que depois escorria
um sangue venoso
mais forte e amarelecido.
Os dois mundos tocaram-se
no ponto em que a superfície —
redemoinho de penugem
em que o segredo da criação
antes de eclodir fica contido —,
incapaz de suster a vida,
se tinha rompido.
Que anjos, novas teorias
de monstros (ò rilke!),
brotam do intercâmbio
de tão estranhos princípios?
À superfície apenas um tufo
de cabelos assinala o local
em que só de se desejar,
mas sem se reconhecer,
dois infinitos colidiram.

Apesar das explosões
que ao grão de pólen
comunicam a espessura
do universo em rotação
para o futuro, no céu
teorias de nuvens (um
corpo movendo-se sob outro)
deixam da sua passagem —
sinalefas que o vento
não arruma — o pobre
registo de uma assinatura.

O corpo começa assim
a mover-se pela rótula
de um ombro, arrancando
-se ao manto branco
que, para o desejo,
dentro da carne o sepulta.
Descontente consigo,
a massa dera luz à forma
em que a natureza descobriu
a flor que, das suas entranhas
— que o pavor enlutou —,
salvou o mundo.

Desprendendo-se do monte de folhas
em que a natureza em si se continua
o corpo abre uma clareira por onde
a luz irrompe, comunicando à matéria
uma consistência que lhe vem, esculpida,
da origem do mundo. Garra de animal
em formação, ou barbatana
que hesita entre o ar e o musgo,
o pé, tolhido pelo movimento,
liberta-se do colete das roupas
(de cada vez que ensaia um vestido
a bainha cai, prendendo-lhe
os movimentos, até que com
um gesto, uma tracção do corpo,
se solta para fora do casulo:
as guelras sôfregas e ansiando
pelo regresso à superfície),
tal como a árvore se abate
para dar espaço, na queda,
aos átomos que em si
transportam o ritmo do mundo.
Arqueada, habituara-se a caminhar
pela colcha, ensaiando o equilíbrio
que só as cabras encontram
para galgar o precipício das alturas.
Nela, reduzida aos seus elementos
mais antigos, a natureza
delineia a paisagem por onde
a carne alastra, varrida
pela violência do vento
que de súbito interrompe
o sono da planície.
Fósseis de um tempo que
a alma já não compreende,
os corpos levantam-se
massajados pela bruma
que, sobre a montanha,
mantém por decidir
o destino das nuvens.
É assim que amam as serpentes?
Sacrificando a pele para se entregar
sem remorsos aos prazeres dos sentidos?

No corpo, revolvendo-se com o sono,
abre-se um sulco onde os corvos
se põem ainda encadeados
com o branco que lhes vem
de uma superfície de luz
assim tão densa e polida.
O dorso ocupa grande parte
do quarto, arrepanhando
ao respirar todas as coisas
que o tempo depositou,
com as seringas e os comprimidos,
sobre a cobertura da mobília.
Incapaz de sossegar, o tronco
mergulha ou emerge do aquário
trazendo o fundo — a sua fauna
e vegetação híbridas — à superfície.
Inclinando-se para o lado,
os flancos rebolam pela mesa
formando uma ilha onde
os vulcões pulsam, expelindo
pelos poros — com as suas
grandes bocas — as sombras
que por dentro a consumiram.
Quantos barcos ali naufragaram?,
monstros só de a ver, de se
aperceber dos seus desígnios,
recolheram aos abrigos
que lhes permite o precipício?
Assim, quando regressa
à superfície, dos grampos
da pele pendem os despojos
da luta que, ao acordar,
tem de travar para que
o mundo não regresse
à vertigem de emoções
em que, para não o perder,
se tinha dissolvido.

Vê-la ali deitada, revolvendo-se
ao sabor dos impulsos
é como folhear o livro
onde, desnivelando as palavras,
as imagens (as poses das gravuras —
poças de tinta que pela carne
resvalam numa fluida compostura)
reavivam as marcas
que os corpos de si deixam
na memória da leitura.

Ao mover-se, o corpo deixa
clareiras na sombra onde,
ao tocá-lo, o mar lança
tesouros que, porque tínhamos
os olhos fixos noutro porto,
nunca viríamos a utilizar
no futuro. Semi-adormecido,
aconchegou-se na colcha,
puxando para si a sombra
que protege da luz as flores
que destilam para a noite
o seu húmido perfume.
Ao retirar-se, ela levou
consigo o mundo,
deixando-o cair nos golfos
de onde ressurgiria
quando a carne aceitasse
revelar as suas extensões
a um sol que dificilmente
a consegue desprender
dos contornos da gruta.
Ao acordar, contudo,
a praia recobre de luz
a mobília, espalhando
em redor um odor
que a todas as coisas
transmite a memória
da sua estadia no túmulo.
Os flancos, arqueados
pelo esporão da cauda,
lançam ao chão as roupas
que não a deixam mover
-se com a sofreguidão
que lhe vem do escuro.
E contudo amara-a,
pagando com as mãos
o tributo da carne, logo
levado pelo turbilhão

Se se dobra, os refegos
desenham na carne
um estranho plissado —
teoria de cortinas
que só uma mão apaixonada
tem vontade de correr,
aceitando o caminho
das sombras que recuam
para receber em si
o apelo do sacrifício.

que a faz absorver
na noite
as correntezas do fundo.

Onde ir procurar palavras
que quebrem o real
que se põe à sua frente
com a densidade do fruto
pelos deuses já semi-apodrecido.
Por vezes alguns átomos,
pássaro ou folha caem
da árvore, despegando-se
à procura de uma abertura
mas logo a massa se recompõe
refazendo o fino tecido
que lhe serve de cobertura.
Rosa de granito que por
dentro as tempestades
de sangue agitam, ao
mover-se cai-lhe uma
pétala de carne, oferecendo
num corte a textura
dos terrenos que, a partir
do fundo (*eaux profondes
que demande la bouche*),
contra a luz a solidificam.
E contudo, *as the wind
despeatels the rose*, a alça
cai, envolvendo o corpo
em espirais que mais
apetecido o tornam
à medida que, no quarto,
se vai descobrindo.
Tirada a roupa, mergulha
no sono e quando regressa
é já outra: paisagem menos
humana de onde cresce

Ao debater-se, os músculos
remexem a folhagem
onde todas as formas de vida
se agitam, desenhando círculos
que depois se esboroam
espalhando em redor
os esporos por onde
circula o ciclo da vida.

sem uma forma definida
que a prenda aos sentidos.

Por vezes a terra arrepanha
-se provocando acidentes
do terreno em tudo iguais
aos dos sonhos que, na cama,
a perturbam e agitam.
A cabeça cai para o lado,
desliza no pano da almofada,
e ao mover-se, prende
a roupa debaixo do corpo,
soltando a ponta do seio
que se desprende do aperto
fino da renda de batista.
Talvez o roçagar da malha
o tivesse empertigado —
papoula rouxa que irrompe
da urze onde, por entre
as pernas, se esconde
o raio de luz prestes
a explodir no líquido
que a soergue
do fundo da camisa.
Conhece a carne
tais pensamentos
mal o espírito a toca
e faz estremecer
com o anúncio do precipício?
Adormecida, não distingue
o poder que a domina
e as mãos, ao longo dos flancos,
cumprem um destino
que a deixa de manhã
já exausta e despida.
Talvez só essa forma reduzida
de vida em que consiste
a poesia nos prepare

para a realidade de sonhos
que de noite nos possuem
e redefinem os sentidos
para a volúpia do seu serviço.

O que mais o incomoda
é a transparência do ar
que lhe dá a ver o pensamento
em toda a sua brancura.
O olhar, em si mesmo
um mecanismo redutor,
aplana os contornos
devolvendo a duas dimensões
o que, por dentro, a matéria
resolve como volume.
Era assim que descrevia
o quarto em que ela
lhe aparecera, desapertando
o botão da blusa para
que o peito solto o atingisse
na boca, obrigando as sombras
a recuar para o rendilhado
do sepulcro. Como explicar,
então, que o ar se rarifique
e estreite nas têmporas,
deixando perceber o osso
e as cartilagens que impedem
a pele de romper-se,
perturbando o equilíbrio
de luz que ali, na carne,
se produzira? Séculos
de revoluções (**a carne
vindo sob a carne**)
moldaram o corpo
para afluir no rosto
onde a matéria se perfaz
na rotação que a limpa
e de que, no seu estertor,

anónima exulta.
Mais ao fundo, vasos
sanguíneos — trazidos
ao de cimo pelo movimento
de tração do fundo —
abrem o caminho
que os conduz à superfície.
Quantas vezes a carne
sobre si não veio
até se reduzir a um mínimo
de realidade, faminta
de si e ensandecida?
Pode um fantasma assim
ao tacto materializar-se,
prova viva de uma matéria
que não é deste mundo
mas fora de nós
nos possui e persiste?

Quando se avizinha, a paisagem
perde clareza e dissipa-se
num efeito de bruma a que
o corpo se entrega, deixando
de oferecer resistência ao fluxo
de matéria que rompe, só para
a atingir, as barreiras do organismo.
Dentro de si tudo entra em ebulição:
os orgãos crescem e dilatam
o corpo, obrigando a pele
a romper-se nos pontos
por onde circulam
as correntes sujas do precipício.
Mal **ela** aparece, o mundo
turva-se e é essa confusão
que avança, perdendo matéria
que o vento cobre de animais
e arbustros que vai buscar
às curvas do caminho.

Mal chega à ponte, contudo,
olha para trás e enquanto
com as mãos arrepanha
o horizonte, o corpo divide
-se entre a massa que
se corrompe ao contacto
dos lábios e o halo de luz
que o atravessa e reconstitui
num lugar onde as partículas
se anabolizam para alterar
uma realidade que sempre
se revelou insuficiente
para satisfazer os sentidos.
Só então, quando as línguas
se encontram — os vermes
voam e se transformam
na boca — os corpos se abrem
e dão guarida às espécies
que no túmulo os conservam
e continuam. Os sons
que então produzem
fixam as imagens em
em que agora, integrando
um vídeo invisível,
como mutações da carne,
para sempre transmigram.
L'ange pourri qui balaie les mondes
ne dit pas: ***Morts, levez-nous!*** *Il dit:*
Que les vivants se lèvent charriant
dans leurs ailes la promesse du jour!

TEORIA DO FANTASMA

À medida que escrevia, e que
na sequência de palavras parecia
esgotar-se o pitoresco do assunto,
compreendeu que não conseguiria
dar credibilidade ao fantasma
que tardiamente o viera reclamar
para uma ideia tão extinta
como perdida de literatura.
De onde descera, as palavras
já não podiam regressar indefesas,
arrastando consigo a surpresa
de por elas se ter adivinhado
uma verdade que uma vez dita
tornava caducos os projectos
que ainda podiam selar
um acordo em vida com o mundo.
Não se tratava do retorno
do recalcado, ou do fantasma,
mas de uma **primeira vinda** —
da experiência que, exorbitando
todas as convenções, o arrancou
pelos nervos para fora do túmulo.
Assim, enquanto o corpo se inclina
sobre o rebordo da cripta, o decote
desenha um jogo de sombras por
onde o olhar se estende à procura
da carne em que ainda cintile
o fulgor de um ouro mais puro.
No entanto, para aí chegar,
teve que rasgar páginas
e páginas do mais fino recorte
literário que prendem a imagem,
figura levada pela tempestade,
ao modelo ilustrativo da pintura.
Mas o corpo, quando chega,
é sempre violento e nas suas mãos
o sexo ganha contornos que
a palavra não consegue descrever
ao penetrar nas ranhuras
que o ligam ao fundo
por descobrir da sepultura.

O que é mais difícil de fazer entender:
a realidade do fantasma. A verdade
desses mortos-vivos, seres-outros,
estranhos em nós depositados —
num estado de letargia, catalepsia —
que, quando se levantam da cripta,
se reanimam e nos assolam com a realidade
(a visão) do sepúlcro. São mortos
em nós deixados pela presença
dos outros (ou de nós como *outras*
possibilidades) sob o estado
de palavras, larvas. Mas presentes,
lá. Possuem a realidade, em nós,
de uma coisa *outra*. Como um teatro
(cena) que continuasse por si,
com a sua vida própria,
mesmo que o pano nunca suba.
Quando a cortina se levanta,
e devido ao adiantado da peça,
nós é que nos descobrimos os actores,
o «representado» do outro lado
do palco. Paradoxo da vida
dos objectos mesmo depois
de terem desaparecido. Mal
escapam do nosso horizonte,
eles continuam a sua existência
em qualquer outro lado de onde
depois regressam suados e vivos
como se nunca tivessem saído
da nossa vista. Daí também
que a sensação de que se *é*
verdadeiramente — de que
o *real* aconteceu — coincida
com o regresso do fantasma
que o assola e estrutura.

A surpresa, o carácter inaudito
do desejo, resulta de que,
no lugar desse pouco de ser,
venha e se levante,
e não se trata sequer
de uma ressurreição
mas de uma **primeira vinda**,
a verdade, *toujours d'outre tombe*,
de um real que nos salva e procura.

Como o viajante cansado com os acidentes
da natureza, os olhos parecem recusar
os cumes que em si imprimem os signos
característicos da poesia. Se os cerrasse,
abrandaria a tempestade?, trocaria a natureza
o alto pela extensão sem limite da planície?
Talvez esse fosse o sentido do vizinho,
que só assim protegido se ousa apresentar
com o escândalo do que, embora presente,
nunca fora em vida visto ou conhecido.
Tornaria o poema mais familiar a tempestade,
limpa das poeiras que retomam o mundo
no ponto em que os seus sentidos, no olhar,
parecem ter divergido? Ao seu lado,
alguém referia-se à poesia como uma fonte
capaz de renovar as incertezas que lhe vinham
do fundo. Seria possível tal fertilidade,
a reconciliação do homem com o futuro?
Talvez por isso tivesse dificuldade
em encontrar palavras que não evocassem
o lugar de onde um dia, sem ilusões,
partira. (Riscou o que, sobre a mesa,
outro lhe deixara escrito: «Qui sait
si les ombres des morts peuvent suivre
partout les objects de leur affection?
Peut-être ne leur est-il permis d'errer
qu'autour des lieux où leurs cendres reposent»).
De facto, pás de terra não conseguem
fixar os mortos às palavras pelo que,
de cada vez que sobre eles escrevemos,
há sempre uma parte de nós
que se recusa — revolvendo tudo
o que lhe poderia servir de centro
no pensamento — a trocar a luz
pelas certezas da superfície.

Aquele de quem falas já morreu
e é enquanto morto que a sua palavra
participa da energia onde permanece
como fantasma mesmo depois de
ter desaparecido o ritmo da poesia
que nele dava corpo a uma celebração
embrutecida do mundo, pensou,
lembrando-se do que deixara escrito
sobre a placa de ferro do túmulo.
Tratar-se-ia de um livro, ou
de uma página de romance
onde o escalpelo da poesia
comunica à palavra o relevo
que distingue o real do efeito
de mau acabamento da pintura?
Porque os homens necessitam
de palavras para aceitar
uma realidade de tal forma
assombrada que parece não
dar razão à vida que ainda
lhe oferece por modelo
o pesadelo da literatura.
Seria preferível não acreditar
na realidade do fantasma,
não fossem as palavras
e o mundo por vezes não
quisesse revelar a força
que o lança rouco de dor
de encontro à porta do futuro.
Não, não se pode dizer que
a morte tem a consistência
do sonho quando a paixão
nos recorda como a realidade
nos vem já entorpecida
pelos pesadelos da sepultura.

Muito usada em poemas, a linguagem
revela-se insuficiente para reanimar
as palavras que o bafo dos animais
deixara suspensas por entre as fendas
da superfície. Só o abandono da literatura,
dizia, o podia salvar da letargia
a que o sentimento — por acreditar
demasiado no poder das palavras —
o tinha conduzido em vida.
Como numa história de fantasmas
de Lafcadio Hearn ou Akinari,
os espíritos escolhem o corpo
por que em vida, sem esperança
de consolo, pretendem ser possuídos.
Me voici, je n'ay fait qu'embellir
en ce triste séjour. Maintenant
je m'en vais chez les morts:
après mon corps, tu te pourras
vanter d'avoir foutu mon âme,
tinham sido as palavras de despedida.
Com efeito, os espíritos aparecem
sempre sem se fazer convidar.
O seu lugar era na terra
mas, para a não prender,
escolhera o ermo da sepultura:
clareira de luz onde os pássaros
poisam e depenicam, servindo
-se do corpo, sem cerimónias,
como se fosse um prato de frutas.
De vez em quando algumas
grainhas caem no ar: glóbulos
de sangue que depois, dentro
dos pulmões, numa paisagem
nova já crescem e se ramificam.

O poema, abandonado o livro
de rimas que lhe servira de guia
sobre o precipício, parecia brotar
da dificuldade em aceitar que
a vida fosse ainda possível,
perdida a esperança de um corpo
que em terra nos fizesse conhecer
as promessas do paraíso.
Poderia a poesia falar
pela língua de um morto,
atingindo no real os pontos
onde, para não ter de sofrer,
se refugiara da alma
o discurso? Na ausência
de uma palavra de ouro,
preferia adoptar o ponto
de vista de alguém que
da vida apenas conhece
o romance que da sua
ausência inventou a a literatura.
Não era verdade que
os mortos não pudessem
voltar e que, ao fazê-lo,
surgissem para nos seduzir
com encantos cujo segredo,
sob promessa de não retorno,
guardara o túmulo. Que nome
dar então à luxúria de um corpo
que da morte se levanta e refulge
da dor que lhe vem da matéria
mais obscura? Amar, assim,
é ter só pensamentos de carne
e reinventar o mundo a partir
de formas que a matéria
no seu fluxo salvou
das promessas do futuro.

Escrevia sobre o sentimento com
a complacência com que procedeu
ao cerco de uma ideia primitiva
mas justa de literatura. Procurara

concentrar o Ser, reduzi-lo na essência,
salientando que o que o mantinha
vivo não era a nostalgia — o eterno
retorno do mesmo no sentimento —
mas a certeza de que, escrevesse
o que escrevesse, nunca coincidiria
com a verdade que lhe vinha
já alterada pelas vistas de que
se apercebera pelas frinchas
entreabertas da sepultura.
O Ser nada o garante, muito
menos a corrente do pensamento
e avesso a todas as confidências
serve-se de palavras para com
elas alicerçar uma via de acesso —
segundo alguns, heterológica —
para o que lhe resta do futuro.
Algo de que na sua monotonia
se cansam as palavras mas
que alimenta os tecidos
de uma ideia de poesia
(*La présence réelle*
de ma propre mort
sur ma langue) extinta
com o regresso do fantasma
persuasivo da literatura.

O carácter de aparição do fantasma —
era assim que começavam todos
os manuscritos em que procurara
dar corpo pela letra ao que, de
outro modo, talvez não tivesse
consistência suficiente para se
impôr à tessitura fina dos sentidos.
Tudo se passava como se pela palavra
se instalasse um dispositivo
de produção directa das imagens
independente de qualquer reflexão
sobre o carácter verosímil do sentido.
Bastava estar escrito para de imediato
se impôr como realidade. E era
isso que procurara atingir na poesia:
fazer coincidir o real com o poder
evocatório — vindo de detrás, do
outro lado do sonho — das imagens.
Retirar todos os panejamentos
à beleza e depois profanar,
fazer amor com esse corpo
até que ele se reanimasse
e erguesse, arrastando e
espojando-nos sobre o túmulo.
Ah, então, talvez compreendesse
o que resta de real quando
a visão do fantasma é tudo
o que nos prende,
pela fímbria dos dedos,
à borda crua do precipício.

A necessidade de uma nova forma
para a poesia impusera-se-lhe ao
descobrir que a **morte** — o frente a
frente com um morto — pode constituir
matéria suficiente de literatura.
Não era fácil de suportar a presença,
ali deitado ao seu lado, do corpo
mas havia algo de mais estranho
do que a parelesia em que,
esgotada a vontade de se mover,
o corpo tinha regredido:
o instante em que a vaga,
antes de alagar o horizonte,
se parece conter —
ou o volvo que liberta
o sangue denso
que pinga da narina.
Tudo o que escrevesse,

seria para se aproximar
do ponto em que percebeu
que em si outro corpo apenas
esperava por um sinal para
sem ele continuar **outra**
forma de vida. Mas poderia
considerá-lo um monstro?
Essa entidade que um dia
abraçou e para quem a noite
parece irradiar de novo por
detrás das portas do sepúlcro?

As palavras lambo-as antes
que caiam da boca de modo
a que com o seu estrondo cubram
de dor as feridas que desfeiam
as fendas mudas do precipício.
E de facto, se procuro a luz
à espera do consolo que me
vinha de cima, o convívio
com a morte anuncia-se
na cadência com que as frases
escolhem a sombra de um deus
capaz de lhes designar o caminho
onde possam vir a repetir-se.
Mas os homens, ao escrever,
têm os olhos fitos em baixo
e, espeleólogos do imundo,
entregam-se à revelação
de grutas onde a natureza
varia com as cores em
que, na alma, se reflecte
o abismo. Que sabe
a alma, destas coisas?
Dos vícios que explicam
as más formações do destino?
Monstros de dor,
as palavras arrastam
então as caudas pela água
e assustam-nos só com a ideia
de que lhes possa apetecer
passear-se pela superfície.
Por isso, amaciamo-las:
convencemo-las a não deixar
os corredores do sentimento
e antes que saiam, escolhemos
um deus a cuja luz,
ébrias de sombra,
aceitem esculpir-se.

À medida que escreve as palavras
tornavam-se mais difíceis
e vinham-lhe já sem a surpresa
de um dia terem percorrido, sem
se perder, as imediações do abismo.
Mas, assim como só um ponto
exterior, ainda longínquo no horizonte,
permite que a paisagem se recomponha
a partir dos sinais que a natureza
deixou dispersos pela planície,
também o amor, para quem
nele se invente como sentimento,
só na morte reconhece o rosto
que como um segredo em si
guarda o enigma da vida.
Então, adiantando-se à arqueologia
capaz de subtrair das ruínas a dor
em que um rosto se encerra para
dos outros permanecer oculto,
a morte devolve-nos a imagem
da alma lavrada pelo corpo
impaciente com a pequenez
do desejo que não soube
impedir a vinda do futuro.
Que dizer então da vontade
de regeneração de um corpo

que sabe incumprida uma vida
que em si contém,
como uma ameaça,
as promessas de outro mundo?

De noite, o teu corpo procura-me,
nome de um morto que desperta
do sono, enquanto lá fora o hálito
do fantasma, pegando-se às folhas,
ensurdece de dor o canto do crepúsculo.
Será ainda teu, o corpo que assim
se desprende do sono, ou não passa
do simulacro que as águas arrastam,
descolorido já com os pensamentos
do fundo? Na planície, as árvores
vergam-se sob frutos que os pássaros
depenicam e que enchem o poema
com as cores do seu perfume.
É desse descampado que
também se ergue o teu corpo,
trazendo na carne as palavras
que mergulham a paisagem
no pesadelo da nuca.
O corrimento das lágrimas
deixa um sulco na boca mas
o esperma mais não consegue
do que lançar uma constelação
no espaço que o céu atormente
com a sua insólita negrura.
Não é assim também que se amam
os monstros, retocando o segredo
que os faz sempre voltar, adormecido
o desejo, às pregas da sepultura?

VEM, faz qualquer coisa
que me salve da loucura,
evita que entre noite dentro,
com os braços a arder,
incapaz de imitar os hábitos
das espécies — já sem membros,
de dentes sujos e os sentidos
embutidos — que fazem
a sua vida nas alturas.
Vem aos encontrões,
embalada pelo vento
e assusta-me com a
promessa de luz que,
vinda de ti, me atinge
para ser corrompida.
Serve-te das garras
que redesenham a efígie
que tão bem conhecem
as tuas unhas.
Sim, vem sobre mim
e delapida-me com
os instrumentos que
esventram a montanha
à procura do cristal
em que gelou o futuro.
Se falares, enterra bem
a cabeça no cimento
para que, no pensamento,
os sons germinem —
híbridos que as palavras
esgravatam com as
suas patas curtas.
Aí, nos aterros da cabeça,
se encontrares animais
de que o sangue ainda
pingue das mandíbulas,
leva-os a pastar por paisagens
que o vento arrasou
e já não são deste mundo.
Faz tudo isso e depois
parte, divide por cantinhos,
em sacos de plástico,

o corpo que te serviu
de alimento em noites
de menor temperatura.
Sopra para longe os ventos
que te saem da boca,
entorpecem o pensamento
e me tiram dos olhos
as imagens confusas
que me preparam
para a sepultura.

(*Faute de soleil,*
il mûrit dans la glace)

Cansado com o que pelas frinchas
do caixão aos seus ouvidos ainda
lhe chegava do bulício da vida,
deixou que os carregadores
lhe aligeirassem os sentidos
desimpedindo os carreiros
que o podiam conduzir —
uma pepita em cada mão —
ao abrigo das alturas.
A morte, antecipando-se
a qualquer confissão,
arrancara-lhe as palavras
que permitiam que os rochedos
com o silêncio estendessem
o seu manto branco
sobre a névoa da urze.
Lá fora, a tempestade derrubara
o castelo negro das metáforas
lançando pelo espírito estranhos
símbolos — sons amalgamados
que se arrancam da paisagem —
que disputam ao sentimento
o domínio do mundo.
A morte, contudo, nunca
coincide com o pensamento,
nem explica a vontade
de ser, para lá das palavras,
de que a poesia fez
a sua loucura. Assim,
de cada vez que alguém
morre, a morte, e com ela
o real, assusta-se: como
se as palavras não fossem
suficientes para preencher
o vazio com que
por detrás das metáforas
nos olha o túmulo

Frente ao espelho mágico,
protegido pela superfície
de veludo da escrita, balbuciou
as palavras que à luz do dia,
pelo fantasma, nunca viriam
a ser ditas. Talvez as tivesse
trazido do sonho — lodaçal
de sombras onde o real
vai buscar as figuras
com que depois, na vida,
nos perturba e assusta.
O problema está em calar
-se para dar corpo — espectro
sonoro — à palavra dos personagens:
assombrações intermediárias
que aguardam no escuro
que comportas se abram
por onde depois passam,
testando nos vivos as promessas
que os levaram a abandonar
a noite pela luz fria do dia.
De início, os ectoplasmas
formam-se como abcessos
da linguagem, só depois
se separam, nós de carne
incapazes de se orientar
no espaço e reconhecer

as propriedades que lhes
permitem fazer seus os reflexos
com que constroem uma realidade
de que nunca regressamos
sem aí ter deixado orgãos
ou partes do pensamento
que alteram por completo
o nosso domínio da superfície.

A nuvem passou-lhe por cima,
introduzindo elementos do sonho
que, pelo grotesco, negavam o real
e procediam à sua crítica.
Ainda assim, voltou à superfície,
alterada com o que, protegida
pela campânula de sombra,
vira no fundo das anomalias
do discurso. Sob a água,
o real perdera consistência
abrindo folgas por onde
a pele ameaçava romper
-se em toda a brancura.
Era daí que o real crescia —
das dobras com que
na forma se impregnava
a carne e que um vento
percorria, insuflando
de dor a memória dos tecidos.
Leu: *One pale season rules*
the house of the dead
and darkness bubbles
inviting the soul
to a final delusion.
Só então, desprendendo
-se do caule, o rosto flutua
(flor da noite que se embriegou
no escuro com os perfumes
da estufa) e o descolorido
das pupilas alastra pela pele
com uma cor doente que
já não corresponde ao apelo
dos sentidos. Dividida
pelo tronco entre fundo
e superfície, ela convida a
desfazermo-nos numa pasta
borolenta que na água se
confunde, as her wings
dispeatels the roses,
com a memória dos nenúfares.

O arco delimita um espaço
na paisagem a que o olhar
acorre, percorrendo por entre
o amaranhado das pontes
a nesga de luz que, quebrando
-se de encontro ao horizonte,
produz o efeito de estufa
de que a vegetação — aqui
e ali traçada de figuras —
irrompe em todo o esplendor
e loucura. Resguardando-se
no forro interior da tinta,
o quadro protege um segredo
não o deixando fugir para
um real que não aguenta
o desafio que, da parede,
lhe lança a pintura.
Fora tão longe quanto lhe
permitiram os caminhos
ainda não cobertos pelo
prestígio da poesia
mas mesmo assim não
conseguira escapar ao
apelo das cruzes que,
desfeando a planície,
lhe indicavam a lama

como o último refúgio.
Assim, de cada vez que
começa a escrever,
as sombras pegam-lhe
na pena e as palavras —
carneiros que de súbito
encontram o dono —
atiram-se felizes
do cimo dos mais
íngremes precipícios.
Várias vezes rasgou
o papel e pousou a caneta
para se entregar a prazeres
de que o mundo regressava
sempre limpo e corrupto.
O céu, redescobria-o sob
espessas camadas de tinta
ou envolto nas roupas
que as prostitutas usam
quando saem do túmulo.
Dos dois universos crescem
raízes que enquanto escreve
se cruzam e de que a poesia
desenha, já sem poderes,
a geografia convulsa.
O coração era o seu
mas não o pensamento:
nos ouvidos, apenas
um tropel anunciando
ao mundo — pelo discurso —
os **seres vivos** de uma nova
criação anónima e impura.

Poema a poema construira
uma espécie de isolamento
que depois as palavras vinham
ocupar dispersando pelos carreiros
da alma os instrumentos capazes
de ainda o salvar dos atractivos
do precipício. Viera dar
àquele bar à espera talvez
que os laços da ficção lhe
fornecessem os meios
de entender os motivos
por que lhe fora sempre
difícil realizar os desígnios
da vida em poesia. Ou seria
o contrário, de acordo com a lição
do escritor francês para quem,
dando luz aos cumes,
a poesia torna mais cruéis
os desníveis da descida?!
Cansara-se, é claro, das amarras
das palavras, grampos que
abrindo um caminho para
o sentimento autorizam ainda
uma perspectiva romântica —
outros diriam turística —
sobre o abismo. Fora
por isso que abandonara
a reserva das palavras,
escolhendo para viver
um local onde a ausência
de emoções tornava
mais vivas as recordações
que um dia o fizeram
desafiar a fractura das alturas.
Hoje resta-lhe apenas a certeza
das razões por que tinha morrido.
Na barra, cada barco que aporta
parece ter atravessado os desertos
da palavra perfilando-se no horizonte
cheio das promessas que lhe permitem
elevar-se, vencendo as leis da gravidade,
contra o redemoinho das nuvens.
Assim possam eles,
revestindo-se do cordame
de sombras, trazer de novo
para a luz os tesouros
que a dor, tropeçando

no liame das palavras,
enrodilhou no seu fundo.

O poema, atingido o cume
em que se distribui o sentido,
cai-lhe da pena, resistindo
a ser escrito. À sua frente,
o corpo — o seu único
vestido — a que os vermes
se agarram, sorvendo
o ar às golfadas que
lhes vem do pus das feridas.
Servia-se da linuagem
como um instrumento
de arremesso, à procura
de sons que a fixassem
no espaço onde se oferece
à penetração do sexo
e de palavras capazes
de lhe dar a satisfação
pedida por orgãos
que entretanto na noite
lhe tinham crescido.
Amou-a até que o corpo
se corrompesse com a linguagem
trazendo-a depois de volta
a um real de que as partes
mortas, sangrando pelas
paredes, serviam para
lhe indicar o ínvio caminho.
Uma vez sepulta, beijou
-a até que o osso saísse
da boca, dando um nó
na carne que para sempre
os prende às tábuas da sepultura.

O **Fantasma** regressa porque
tem saudades da sua vida
enquanto corpo e dos prazeres
que o não deixam dormir
no vazio do sepúlcro.
Como sucede com o Vampiro,
o que o move, o seu vício,
é a fome de mortalidade
que, dentada a dentada,
se encarna no sangue
que ao pensamento transmite
um tom vivo de púrpura.
Assim, regressa para assolar
a paixão e o corpo do outro
levando-o a experimentar
em vida o horror suspenso
que caracteriza o tempo
de vida no além-túmulo.
Mas desenganem-se os incautos:
a mão que bate à janela
não é uma mão de palavras
mas **de carne**, indiferente
à ferida que abre no pulmão
daquele que a tudo assiste
e a quem a loucura
já nem sequer assusta.
Assim, é com alegria que
quebra a janela por onde
o ramo entra, derrubando
em redor tudo o que se
opõe à sua visita futura.
É essa mão também em
que deponho os lábios
e que com um gesto impõe
às estações o retorno sem
surpresas do seu clima e frutos.

Sentados sobre a ravina,
compreendem o pavor
com que as flores cresceram
sem conseguir tirar os olhos
do turbilhão da matéria,
sempre a recompor-se
por entre as frinchas do precipício.
Ao partir, move-os a ideia
de disseminar pela natureza
o Horror de que, nos seus afazeres,
ela parece ter-se esquecido.
Com os pés, deslocam
a ordem geológica dos elementos,
redesenhando um rosto
para a paisagem que
depois o pintor, de olhos
fechados, abstrai relutante
do jogo das tintas.
Num lugar, as árvores entornam
-se pelos caules, engrossando
raízes que, saindo da terra,
consolidam em redor o tapete
sujo de musgo; além, os prados,
descontentes com o efeito dormente
da superfície, formam uma escadaria
de lava e granito por onde sobe
a vontade de atingir, sem delongas,
o relevo das alturas. É esse o olhar
que do fundo os fita: o ponto de vista
impreciso de uma pupila a abrir-se
que revolve a terra e os convence
de que só a queda os libertará
do peso do mundo. Às costas
trazem o equipamento necessário
para, pela poesia, dar uma visão
engrandecida do que lhes tinha
sucedido. Mas quantas palavras —
tiradas as botas, vista a paisagem —
escapam à certeira censura
que sobre elas exerce a clareira
do abismo? A partir de certa
altura, a vida deixa de nascer,

as aves que não se reconvertem
em répteis caem fulminadas
e só a neve e o quartzo
comunicam brilho a uma matéria
que, se nela nos reflectissemos,
nos pareceria obscura. É essa
a substância eterna, viscosa,
de que são feitos os poemas.
Assim como os corpos
daqueles que — sacrificando
em si o anjo que na subida
lhes serve de alimento —
avançam *na sua carne*
mudando a realidade
de um mundo para o qual
só agora, esgotada a esperança,
parecem ter (re)nascido.

Sabia que o real, no seu voo,
deixava sempre algumas penas
da sua pssagem pelas clareiras,
obstruídas pelo sentido, do ruído.
Assim, enquanto extrai a custo
as palavras do céu da boca,
estas, presas a alguma réstea
de vida, soltam-se, desprendendo
um esguicho de sangue
que confirma, à superfície,
a violência do acontecido.
O sentido era tão espesso
que, só de as tocar, ficávamos
com os ouvidos sujos
e empedernidos de tinta.
Cambaleantes, caminhamos
por entre as crateras
que as palavras deixam
da sua reverberação no ar,
equilibrando em cada mão
as cabeças — uma, de cornos
brancos, a outra, carcomida
pela língua que a entumecera —,
novelos de ouro que a si
atraíam todas as formas
reconhecidas mas
impossíveis de vida.
Escrever, com o tempo,
deixara de ser uma técnica
prosaica de serenar a paisagem,
reduzindo-se a uma feno
menologia do (a)caso —
descrição dos procedimentos
que, termo a termo, sub
traíam a vida ao discurso.
Três aspirinas depois,
ainda se interroga por
que não lhe respondem
os fantasmas, limitando
-se a acenar-lhe com os
gestos de quem bebeu
a água do aquário até
ficar com os dedos serzidos
pelos segredos do túmulo.
Se o fizessem, talvez
lhe transmitissem a língua
que os trouxe do futuro
e a forma que cresce
virtuosa da sua cópula
fosse capaz, *pelo som*,
de talhar no espaço
uma passagem nas alturas.

Escrito o livro, um zumbido
nos ouvidos foi tudo o que
guardou da experiência que
o deixou incapaz de prosseguir
— escreve-o pela enésima vez —

a travessia do precipício.
Alguns versos na medida
curta era o mais longe que
conseguia ir numa linguagem
em que já não descobria
qualquer brilho ou uso.
As palavras migraram
para um ponto de onde
já nem sequer era possível
falar de paisagem e que
coincidia com a versão
do mundo que os filósofos
(leia-se a *República*, VII)
construíram para seu gozo
no exterior da gruta.
Ao escrever, nunca questionou
a realidade dos fantasmas,
formações que se impõem
aos seres de luz que se
agitam e emitem sinais
(hoje indecifráveis)
à entrada da gruta.
Foi dentro de si —
uma paisagem rochosa —
que o caos cresceu
desdobrando-se em combinações
— híbridos metamórficos
de som e imagem —
que disputam aos arquétipos
a hipótese de um real na língua
pensado como literatura.
Mas tudo isso acabou
mal pousou a caneta
e viu, sobre o monte,
adensar-se as nuvens.
Agora, por detrás do biombo
de chumbo, o real reduz
-se a um crivo de sons
por onde tudo passa
e num silvo (saibro,
não matéria cósmica)
se dissolve sem conseguir
reconverter-se, na leitura,
em alucinação acústica.

Não queria esquecer, pela palavra,
a miséria a que o conduziram,
em vida, os favores da crítica:
poder-se-ia fazer coincidir,
sob a cobertura dura do livro,
os afazeres do texto com
a complacência do destino
a ser trabalhado pelos amúos
da literatura? Não era essa
a experiência que tinha
de cada vez que, limpa
a poeira dos ombros,
colhia algumas flores
nos canteiros que, sobre
o mar, bordejam de cor
o lajedo da sepultura.
De tanto a ter visto,
perguntava-se se ainda
sobravam alguns vermes
que delicadamente pudesse
tirar da boca e aos olhos
dos outros produzissem
a ilusão de, sobre um cenário
de escombros, reconduzir
o secreto chamamento
que do túmulo até nós
trazia o fantasma triste
da literatura?! Do real
pouco mais resta, nas
palavras, do que a gordura
com que o corpo — incapaz
de aceitar a lentidão com
que na alma as emoções
se decompõem — pesa
nos bordos da pintura.

Pode tal ilusão tornar
-se motivo de escrita?
Matéria suficiente
do refluxo da vida que,
ao retirar-se da página,
deixa como seus últimos
vestígios os destroços
esquálidos da literatura?
Sobre tudo isto, contudo,
a montanha permanece
enegrecida e muda,
deixando que o vento
a varra até dela
só restarem as formas
sem adjectivos
que a dor talhou
nos tons puros
que de si, no horizonte,
deixou o crepúsculo.

Não escolhera uma linguagem de dor
para pela palavra a reter e conservar
enclausurada numa mórbida lonjura.
O último gesto ao desaparecer do poema
fora o de puxar para si as cortinas
que a tinham protegido de uma visão
demasiado deslumbrada de literatura.
Fora para isso que morrera?
Devido à proximidade que a luz
em si estabelece com a loucura?
Também ele, ao escrever, se decidira
a recusar uma fórmula que,
em relação à vida, fosse de perdão
ou súplica. Escreve-se, é claro,
para abreviar a morte — secar
a larva que nos porta no casulo.
No entanto, à medida que se aproxima
da abadia, a vegetação enreda-se
no pensamento entreabrindo-lhe
os caminhos que o vento
recorta na urze. O monte
desaparecera e, com ele, o fito
da escalada parece perdido.
Mas agora que as razões para
escrever tinham desaparecido,
interrogava-se sobre se teria sido
a paixão ou a literatura a desviá-lo
do cuidado a ter com um mundo
em que nada parecia garantido.
Cansara-se, sim, das metáforas
em que a natureza se adianta
à linguagem de modo a trazer
alguma ordem a um terreno
que já não recobrem os sentidos.
A falta de substantivos conduzira-o
a uma forma de poesia narrativa
para a qual apenas guardara
as últimas palavras — aquelas
que, corroídas por dentro,
já não escondem dos outros
a vertigem da usura.
As palavras não passavam
de sensações cuja aparência
se dissolvia num riso
a que, atingido o cimo,
nada ficaria imune.

Numa carta o amigo referia-se
à necessidade de não deixar que
a prosa do mundo invadisse
o poema transmitindo-lhe
a ressorância da caixa de música.
Queria ele dizer que o poema
devia abordar uma diversidade
de registos, aceitando a violência
da sua não resolução à cadeia

contínua do discurso. Assim,
incapaz de dar um nome ao que
os olhos na dor não entreviram,
o sangue verteu das palavras
deixando transparecer sob
o jogo das cores o negrume
com que o inocularam
as sombras verdes do sepúlcro.
Por detrás das palavras, o vento
empurrou-o para o sentimento,
alterando a qualidade do espaço
e levando-o a descobrir no interior
a plataforma de onde podia
assistir à cerimónia da formação
de um novo mundo. Que contrato,
então, fundar sobre as ruínas
do precipício? Se queria falar,
um fantasma tirava-lhe da boca
as palavras que de outro mundo
trouxera como explicação
do que, neste, lhe tinha sucedido.
Aliás, escrevia de costas
para o pensamento, forçando
a linguagem a associações
que lhe vinham de declives
que tanto o podiam conduzir
ao abismo como à perspectiva
do alto que o abria às clareiras
da superfície. Sim, todo o acaso
é objectivo mas nem por isso
as palavras adquirem a consistência
capaz de as impor à natureza
pelo seu artefacto esquisito.
Pelo que, de cada vez
que se senta à mesa,
é sempre a memória
de um outro que,
no seu lugar,
ventríloco o resume.

Quantas vezes conseguiu escrever
como quem escala o terreno sem
que a paisagem perdesse o fascínio
com que, despojando-se do manto
de folhas, sempre o atraíra?
Os pássaros faziam-no levantar
mais cedo, libertando com as asas
um universo a que só a crueldade
do sonho comunica ainda algum
fulgor e equilíbrio. Era esse
o trajecto do poema que o
conduziu do idílio à resistência
das palavras em dar corpo
a uma visão simplificada
das vias que o trouxeram
de novo à beira do precipício.
Tratava-se antes de mais
de destruir o poema: palavra
a palavra, outras vezes deixando
o vento desmontar as armadilhas
que o sentimento construiu
por entre as raízes do sentido.
Às palavras cabe encontrar
os tesouros que a dor soterrou
por baixo das metáforas
para que o real nunca mais
se apresente com as cores
com que refulgira de início.
Assim, ao romance prefere
o cinema em que imagens
dão alma a monstros que
aprendem a amar, por impulso,
com as sombras do precipício.

O vento amainou sobre a planície
enquanto as palavras tomam o lugar
que a dor lhes destinou nos interstícios
do sentido. Era assim que escrevia:
deixando que os cães viessem lamber
o sangue que pequenas poças impedem,
debaixo da mesa, de cair no abismo.
Lá fora, de cada vez que parava
de escrever, as plantas entretinham
-se a abocanhar as palavras e, no lago,
os pescadores subiam as redes
de modo a que, tocado pela doença,
o peixe no prato não apodrecesse,
consumido pela fruta. Mas,
aos olhos de uma morta,
que interesse podem ter as cores
de que se reveste o crepúsculo?
Ao belo, todos os sacrifícios
foram oferecidos, mas a sombra
que a morte lançou sobre
os sentimentos incapacita-o
de continuar a defender
uma ideia romântica de literatura.
Mais funda do que as arborizações
que a palavra traz à superfície,
a poesia adquire o tom da confissão
de um morto que as promessas
da metáfora não foram capazes
de salvar da sepultura.
Daí, no portal, a epígrafe:
Dann versteh' ich den Marmor erst recht.

Love will travel, dizia, sabendo que
as últimas imagens o conduziram
a um lugar isolado das palavras
onde os sentimentos já tinham
desistido de se perpetuar
por meio do dispositivo
de ampliação dos sonhos
que na vida constituía a poesia.
Depois, quando ela desapareceu,
atravessou o que ainda havia
de continentes à procura dos restos,
dispersos pela chuva, do seu sonho
de juventude. Por vezes o seu nome,
trazido pelo vento, vinha embater
nos dentes, encoberto pelo jogo
de sombras que invariavelmente
o conduzia junto dos canteiros
do túmulo. Bastaria seguir as instruções
dos livros, as lições do poema,
para manter vivo o fantasma que
agora o abraça com repulsa?
Voilà les charges que je te laisse
à propos de ma dépouille. Tu
dois encore vivre pour la beauté
de mon cadavre mais, un mois
après ta mort, tu fermeras la porte
du cercueil afin que tous les deux
nous restions seuls, ansieux
de dévorer l'idée que de nos rêves
a donnée au monde une piètre littérature.
Bem lhe diziam os amigos,
ironizando com as sombras
que protegiam do sol
a alameda dos arbustros,
que a poesia lhe devia
servir de guia para encontrar
uma saída do túmulo.
Mas numa obra toda ela de restos,
os cães atiram-se à carne
que pende por entre as palavras,
lembrando-nos que foi
pela violência que elas
um dia soaram aos nossos ouvidos
com a estridência de acordes
que nos chamam sem regresso
para o desastre da literatura.

Embora escrevesse com a intenção
de derrubar os paraventos de sombra
que servem de moldura às cenas
de horror por que passou no precipício,
dir-se-ia não ser capaz de se mover
dos batentes do poema, contando
as portas que lhe faltava atravessar
até encontrar num nome e num corpo
a razão que o fizesse travar na constante
busca em vida dos sinais de exílio.
Em redor os candelabros refulgiam
enquanto a lâmina da espada
recolhia a sombra que, reflectindo
-se, acentua no rosto a tez pálida
do defunto. Mais ao alto, na parede,
num desenho atribuído a Füssli,
a dama despe-se de todo o exotismo
para receber o incubo, deixando
a arder o ramo de flores que,
por um fantasma, nessa noite
lhe fora oferecido. Que podiam
eles saber, os vivos, dos prazeres
do sepúlcro? Quando escrevia,
as portas entreabriam-se-lhe
mas bastava atentar no que
ali sucedera para compreender
como o domínio dos nomes
nunca o faria recuperar
num corpo o tempo em vida
perdido. Aliás, vencido o horror,
pouco lhe importavam os nomes
de que, para se proteger, se servem
em vida as larvas do precipício.
Oh sim, desceria as escadas,
aceitaria o destino, deixando —
rumorejante de novas formas —
que as águas o envolvessem
de vez no seu rouco tumulto.

O vento já não consegue limpar
a atmosfera demasiado carregada
de palavras das nuvens que, passando
por cima do pensamento, protegiam
as sombras das fracturas da superfície.
Com o tempo, a descrição dos estados
d'alma tornara-se menos importante
do que o destino pessoal da linguagem
que corroía por dentro o sentido
do que escrevia: assim, a busca
de um fio narrativo talvez tivesse
a ver com a vontade de encontrar
uma razão literária para o que,
sem necessitar da benção das palavras,
quotidianamente lhe sucedia.
Era com surpresa que a via
entrar no templo, entregando
-se a um comportamento
que só conseguia entender
como o ritual já destituído
de uma rotina do absoluto.
Poderia o mal atingi-la
enquanto muda as velas
que aos outros anunciam
o poder que detém o vício
de a tornar no amor enorme
e corrupta? Talvez tudo
fosse diferente se os mortos
se erguessem do lagedo
e espalhassem em redor
os signos de que o mundo
nunca os conseguiria deter
enquanto o sentimento
(as marcas que um corpo
deixa noutro) se servisse
de raízes que iam buscar
a sua força a palavras
cuja memória lhes
vem do fundo do sepúlcro.

Todos os poemas que escreveu
não chegaram para que,
ainda que por breves momentos,
se erguesse ante os seus olhos
a tampa negra da sepultura.
Cada poema dizia-lhe
que ainda não morrera,
ao arrancar de si as palavras
que medem a distância
que a separa do aconchego
do túmulo. Fora por isso
que se calara?, para que
pelas palavras a embal
samassem no monumento
críptico da literatura?
Como não se revoltar contra
a impressão de se sentir
emparedado por metáforas
que, parecendo dirigir-se
para o alto, termo a termo
edificam a paisagem
que no exterior nos serve
de túmulo? *With the dead*
upon her eyes, and the life
upon her hair, **ela** sorria
encaminhando-nos por entre
o odor das sombras para
os arroios pejados de flores
do crepúsculo. Sem as palavras,
o sentimento nunca se revestiria
da profundidade que nos permite,
de encontro à aridez da paisagem,
resolver a incerteza das emoções
na figura que dá contorno
à impaciência do fundo.
E no entanto, se esse muro
de súbito se desvanecesse
que parte de nós buscaria
ainda o consolo do outro
num mundo em que a própria
ideia de vida fora abolida?

Sabia o que diziam de si
mas não era a morbidez que,
dobrada a página, o fazia
regressar de novo à literatura.
Por detrás da montanha,
o vento trouxera até à praia
o fim da paisagem fazendo-a
coincidir com o horizonte
onde cresce a urze de que
o monstro se serve para
escalar, imune à dor,
a parede do precipício.
Foi preciso morrer
para a ver de novo,
já para lá do sonho —
de camisa aberta
e os cabelos soltos,
labirinto que o vento
percorre indo buscar
as formas às revelações
com que o medo tenta
conter, pela palavra,
as confidências do sepúlcro.
Ah, ao sair da necrópole
devia ter batido com a cabeça
mas o sangue nunca deixou
de correr, provando que
do nada a paixão pode
sempre verter, legitimando-se
com as razões que a poesia
vai buscar ao sossego
do além-túmulo.
Masturbar-se-ia ainda
com o que lhe resta
de dedos, cada manhã,
antes de afrontar o mundo?
A poesia, no entanto,
não encontra resposta

para o carácter sempre
póstumo, e doentio,
desta pergunta.
Por baixo de cada pedra,
não uma flor mas o verme
que alimenta a palavra
que o palato reconhece
pelo trato mais duro.

Facere veritatem
in corde meo, sim,
mas se a luz me atravessa
e pego na caneta,
sei que a sujidade do coração,
agarrando-se às imagens,
trespassa sem dificuldade
para a medula do pensamento.
Algo que tem a ver
com o acto de *imaginar*,
de convocar por imagens
o que não se vê mas
nos assusta com os sinais
felizes da sua loucura.
Tudo isto irradia a partir
de um centro, por detrás
da cabeça, talhando
o rebordo da retina
(a córnea da visão)
com uma paisagem
em relevo, arborescência
de dentrites que explode
na cartilagem de ruídos
que o osso produz
ao penetrar em *slow*
motion no pensamento.
Então, as palavras
que os sentidos não
articulam, despegam
-se da decomposição
da massa esponjosa
arrastando consigo
o estertor do fundo
que em nós continua
o trabalho da natureza.
Corporização desse estado
neutro, vazio, mas material
mente preciso, eis-nos
ali, no exterior de tudo,
no ponto em que, dando
a volta ao seu vazio,
o mundo recomeça
já sem outro alfabeto
que o do mais puro desespero.

Acabou por perder o fascínio
por caminhos e paisagens
que se extinguem à medida
que os versos — implantes
de carne a que foram retiradas
as palavras — se tornam
na cabeça mais indecisos e curtos.
Teve de a perder, e
de a enterrar de novo,
para poder escrever
sobre o que a visão
subtraíra pelas sensações
à matéria do mundo.
As palavras adiantam-se
sempre aos impasses
do sentimento, embora
o mundo que restituem
se apresente invadido
por orifícios onde caem
combinações que faltam
ao ser para que se possa
projectar no futuro.

Ao acordar, o mundo
entorna-se pela cabeça
e uma mancha clara
no rendilhado da colcha
indica os caminhos
que teria de percorrer
se procurasse uma visão
capaz de resgatar o mundo
do seu coma profundo.
Só o granito conserva
palavras que a memória
foi buscar, para corromper
o sonho, ao tecido da gruta.
Mas é aí que a imagem cresce,
avessa às promessas do pensamento.
Onde cessa o poema
e a linguagem se rende
às invectivas do crepúsculo.

Algo acontece mal o rosto,
intersectando os espaços,
é introduzido no universo
substituto da pintura. Para
o dizer, falta-nos uma linguagem
cujas palavras se corrompam
na boca que as tintas entrea
brem no perfil da figura.
A forma rompe-se e o rosto
descola das sombras para
nos assolar com a verdade
crua da pintura. Um real
que a luz solta da monocromia
do acrílico que à imagem
retira densidade e espessura.
Ali, a carne divide-se:
um dos lábios pende para
a frente enquanto o outro
reentra e se dilui no escuro —

borrão de tinta em que
o interior assoma varrido
pela fúria do precipício.
Se dissesse uma palavra,
o jorro de tinta inundaria
o caudal do discurso.
Mas talvez só por distração
não víssemos a baba a correr,
capaz de drenar uma realidade
que por dentro nos consome
e a boca pode expelir
com um jacto mortífero.
Porque o amor é o delírio
de um verme que só na carne
encontra o repouso que,
em vida, lhe fora prometido.

Ao chocar de encontro à linguagem
o corpo fica entumecido, impaciente
com a dor que o transfigura e arrasta
para a luz já sem forma que o ajuda
no amor a ser compreendido.
Estendido, o corpo forma
uma mancha onde os dedos
mergulham à procura
da prova — o limite em
que se quebre a figura —
de que não constitui
o portal por onde outro
mundo se torna acessível.
Também a memória procede
por flashes, impressionando
películas em que o corpo incha,
percorrido por uma elefantíase
própria da lentidão com que
as coisas acontecem
no universo em que submergira.
Talvez aí se encontre a razão —

o tempo que passou debaixo
de água — para a ausência
de brilho e o tom esverdeado
dos pés que a necrose,
aqui e ali, torna mais escuro.
O amor deformou-lhe
o corpo, equipando-a
com extensões e orifícios
de que não conhecia
o uso. Assim, ao acordar,
já não sabe distinguir
a cor dos cabelos
ou o tecido dos vestidos
do pesadelo de branco
em que nua flutua.

No vídeo, vinha não
o diferido mas as coisas
com os olhos selvagens
com que, na noite,
pela primeira vez,
tinham surgido.
Sim. *I see the dead.*
Cabelos negros, tão negros
que, se lhes tocássemos,
arriscávamo-nos a ficar
com o coraçao sujo de tinta.
Ou, o relevo na parede
dos vultos cosidos
pela cinza no rebordo
das figuras — cotão
de sombras de olhar
fixo nas partes inferiores,
moles, do corpo agora
engolidas pela bruma.
L'amour, nous le faisons
dans le noir,
comme des aveugles.

Região convulsa para
onde migrou o rosto —
marulhar de asas
na fresta da falésia
por onde contempla
o mundo —, deixando
o corpo a apodrecer
em fotografias — sujos
objectos de cozinha —
que só nos resta, em
certos dias, mudar
de sítio para tentar
dizer o precipício.
Quantos poemas
lhe sobreviveram?
Todo um livro escrito
por uma mão consumida
para enterrar um rosto
que, deste lado do destino,
nunca devia ter sido visto…
The dead are us, claro,
e eu retomo o lugar,
nos bastidores,
dos monocromáticos
fundos de Munch.

O cheiro (gosto) a morte
(merda, noutras versões)
acompanha-o por onde quer
que passe o coto de alma
que extraíu pelas palavras
das bolsas de ser em que
o mundo se incurva para
dar guarida a uma existência
que já pouco tem a ver
com as formas de vida
da superfície. É difícil,
aí, compreender a retração

das coisas. Assim, a luz,
ao embater nos objectos,
inclina-os para dentro,
alimentando um mundo
de cotão onde o exterior
se recompõe, alterado,
a partir dos seus nódulos
mais escuros. Um mundo
mioma que recusa a elevação —
o ponto mais alto, lê-se,
do poema — que lhe oferece
a literatura. Mas é nesse
ponto que as coisas,
na iminência de se revelar,
se emocionam — o mar,
por exemplo, regressa
ao abismo só para não
ter de fazer a travessia
da planície —, abrindo-se
à vida silenciosa de matérias
repelentes e obscenas
que não chegam a conhecer
os limites que lhes definem
uma figura. Era aí que vivia
e com ela se encontrava,
entre metades de coisas
e embriões de formas
que a dor esconde
da luz que nos podia
fazer acreditar
na verdade do mundo
que tínhamos destruído.

Aquilo que sempre perdurou:
o nojo por palavras de que
o sangue e o mijo não constituissem
o principal elemento expressivo.
Tudo começou mal as palavras
gelaram e o sangue estancou,
deixando de procurar as saídas
que o livrassem da dor que
ao longo dos dias o obstruíra.
As coisas surgiam-lhe já des
protegidas, sem complacência
para os costumes capazes
de lhes comunicar uma força
que tornava absurda
a crença sadia nos sentidos.
Ao delas aproximar-se,
as peles caíam e o real
perdia a imagem que,
apesar dos golpes,
o mantivera unido.
Talvez fosse do sangue
mas lá fora tudo se dissociou
perdendo os contornos
a que as impressões
se agarram para fazer
do mundo um lugar protegido.
Estava limpo ou limitava
-se a espantar os sonhos
que as coisas em si continham
adormecidos? Perdido o sentido,
o real desmultiplicou-se, abrindo
espaços que pelas palavras, sabia,
já não podiam ser preenchidos.
Só quando duas bocas se
encontram o sangue bolsa,
enchendo as cavidades que
repercutem com os espasmos
do sentido. É esse o lugar
que os famintos ocupam:
la lisière où la chair
et le monde se rompent
et la lumière, débordante
de joie, s'épuise sur la masse
blanche et crue des cuisses.

Procurara fazer suas, pela escrita,
as linhas que antevira no rosto
da **coisa** em que se realizara,
para o assombrar, o pedido
de algo tão ambicioso como
o apelo em si das forças do abismo.
Enquanto escreve, falta-lhe
o espaço por entre as palavras
e termo a termo tem de lutar
com a dificuldade de descobrir
um ponto de vista a partir
do qual pudesse fitar
as construções de sons
que trazem a linguagem
para o fundo da superfície.
Talvez se se desviasse um pouco,
as linhas convergissem num ponto
de onde pudesse lançar uma ponte,
uma visão reparadora sobre os escombros
de onde procurava sair a criatura
que os sonhos tinham legado,
para morrer, ao segredo da sepultura.
O monstro continuava a fitá-lo,
tornando ainda mais repelente
a figura que a luz recobria,
comunicando-lhe as sombras
que a tornavam deste mundo
sem contudo a desprender
do inferno de formas
a que fugira. Os lóbulos
frontais sobressaíam
da cabeça, palpitando
com ideias que lhe
chegavam distorcidas
pelas feridas que,
na dor, se infringira.
Teria sentimentos?
Pode-se dar esse nome
às excrecências que fazem
do corpo um mapa em movimento
em que todos os acidentes,
marcas de diferença,
parecem ter desaparecido?
Do pescoço desprende-se,
quando fala, uma corda
de carne que, balouçando,
fustiga o espaço até vir
dar o nó, findo o massacre,
num beatífico sorriso.
Fitá-lo-ia com a mesma indiferença
com que continua a caminhar,
de olhos fitos no relevo do abismo?
E no entanto era esta forma
que o puxava para cima,
cegando-o com a visão
de um mundo em que
se cumpriam as promessas
do Horror sem contemplações
em que gelara o absoluto.

Por vezes nas conversas
que se seguiam à acalmia
da planície, tinha de esclarecer
que não se servia da alegoria
para dar crédito a hábitos
que, sem escândalo,
a luz do dia não cobrisse.
De facto, no ermo em que
se recolhera, o poema não
constituía uma câmara escura
em que quem nele entrasse
visse revelado o segredo
da vida. Por si, as palavras
não o conduziam a espaços
que não tivesse percorrido,
de olhos rentes ao chão e
a mão no ponto em que,
no corpo, o princípio
do mundo se resolvia.
Então, se de fúria estremecemos,

o prazer não sabe onde ir buscar
sons e palavras em que se reflectem
os tons lúgubres do crepúsculo.
Tudo começa na forma
como ela descalça os sapatos —
de couro com presilhas de mica —
forçando o corpo a uma flexão
que o desprende das roupas
— ei-las, a cair no poema —
para se vir pôr à sua frente
já nu e dissoluto
Aflorado o sexo, tempestades
crescem-lhe na boca, levando-o
com a língua a descobrir ravinas
por onde sílabas o puxam para
o centro mais escuro do discurso.
Os dois, bestas de carga
que o amor marcou —
escoceando na urze
a rede de palavras
de que o destino se
serviu para neles perpetuar
a loucura do sacrifício.

O vento, desinteressado da paisagem,
ia buscar as palavras ao abrigo
que para a dor os pássaros tinham
construído nas clareiras limpas
do abismo. Na casa, a ausência
de cortinas tornava mais feérica
a gala em que as sombras
revolteavam por cima de escombros
que as faziam desaparecer
sob o rendilhado frio das luzes.
No lugar dos convidados,
os candelabros não deixavam
extinguir-se a promessa de um mundo
em que, para amar, um dia não
seria sequer preciso ter vivido.
Mas, dada a escassez das frases
e a dessemantização dos sentidos,
os sentimentos, uma vez ditos,
não encontravam o caminho,
deixando da sua passagem
apenas algumas flores
que a geada deixara crescer
no manto da urze.
E no entanto, ao ver os dedos
esquecer-se sobre as cascas
dos frutos, interrogava-me
sobre os motivos que a teriam
decidido a abandonar-nos
pelo degredo da sepultura.
De cada vez que as conversas
se abeiravam do futuro
a impaciência fazia-a
arrancar-nos as palavras,
jogando-as pela mesa
como se fossem um fruto.
Elle lui arracha les couilles
et les lui fait manger, puis
remplace ses testicules
par des boules d'argent
qui lui causent des douleurs
si violentes qu'il n'arrive
même pas à pleurer
pendant qu'elle l'encule.
Ao ouvi-la, percebemos
que o mundo pode dispensar
o resguardo dos sentidos —
mas aceitaríamos nós
o seu chamamento,
ao revelar-nos a paisagem
que por detrás da roupa
nos atrai para o prazer
do insepulto?

Que cores transmitem volume
ao pensamento mal as ideias,
nas suas circunvoluções, se
abeiram da memória fresca
do precipício? Esquecem-se
os pássaros — formas reptilíneas
que agora se arrastam pelo poema —
da simplicidade do voo, capaz
de os erguer sem remorso
sobre os destroços do sentido?
De cada vez que se decidira
pela poesia, as palavras, ao
contrário do que acreditara,
tinham-no conduzido ainda
mais perto do suicídio.
E contudo, se se servia de metáforas,
fazia-o na intenção de — levando-as
a encrespar a plumagem na aspereza
do sentido — encurtar a distância
que separa o pensamento
da empatia pelo desconhecido.
Tal como, correndo o risco
de se dissolver, era a luz
que o fantasma, na natureza,
lhe oferecia como abrigo.
Posso servir-me das iguarias
que estendes à minha frente
e assim serenar uma ferida
que trago comigo? Sentando
-se à mesa, por entre as formas
ela parecia ter escolhido aquela
que melhor reconhecia como
sua. *Amar-me-ás neste corpo*
em que me ponho à tua frente,
dizia, revelando-me que a morte,
apesar da dor, nunca desiste
em vida de ser saciada pela lonjura.

Tudo começou pela palavra,
nos bacilos de luz em que
a matéria, ao ser dita, surge
à nossa frente mais livre
e desimpedida. Depois,
a infecção alastra pela boca
onde ainda são visíveis
os lugares em que
as palavras se deformam
ao contacto com a carne,
de uma pigmentação
triste e empobrecida:
mais tarde, instala-se
no coração em que o tumor
cresce, obrigando o corpo
a sair de si para se encontrar
com a aventura em qualquer
irreconhecido sítio. Agora,
atravessada a paisagem,
preparou o terreno para
receber o **rosto** que,
contrariando todas as
expectativas, atravessa
a bruma para, já sem
máscara, vir ter consigo.
Mas não basta confirmar
o seu lugar na natureza:
tinha que meter as mãos
no escuro para daí tirar
o real, as palavras, capazes
de restituir à vida o seu nome
de poesia. O som da voz,
branco, saía-lhe da boca
prolongando aos seus olhos
uma visão que sabia vinda
do fundo da sepultura.
Não se espantou. Nela,
a matéria ao reagrupar
-se escolheu combinações
que disputam a forma à morte,
imprimindo-lhe um relevo
de que qualquer grânulo

de dor se vira excluído.
Reconhecia-a. Apesar
da bruma e da chuva.
E o vento, que naquele lugar
já sem contemplações lhe
descobria a roupa, não deixou
pedra sobre pedra numa paisagem
que, para que a habitassem,
do seu próprio estertor
a natureza extraíra.

Apagar tudo, até que
a visão se concentre
nas linhas em que
a natureza se torna
visível, horrorizada
com as promessas que,
no rosto, parece ter
apercebido. Então,
impaciente com os fins
que lhe são atribuídos,
pára: muito magra,
quase só vento e osso,
a pele estira-se
enquanto solta o cabelo
e as maçãs caem,
à espera que uma mão
— um escalpelo de ouro —
as recolha e deposite
na mesa onde o poema
confirma que a beleza
só persegue um objectivo:
a aniquilação do mundo.
Afilada, olha, atirando
o corpo para a frente,
de modo a que o vento
a esculpa e lhe atribua
a liquidez só permitida
aos granitos mais puros.
Então, se lhe prendemos
os cabelos, a pele —
de tanto ter pensado —
rompe-se nas imediações
das têmporas, descobrindo
uma paisagem — de dendrites
e urze que apenas macula
uma neve venosa, púrpura —
de cuja efervescência
o mundo se repopula.
Isso devia chegar-nos
mas queremos ir ainda
mais longe e assistir
às mutações por que
passa a fauna que,
entredevorando-se,
comunica à pele
um tom de fruta
madura.
Terá apodrecido
ou, regenerando-se,
reagrupa-se numa nuvem
de pássaros de que o real,
contorcendo-se de cio,
pende dos bicos?

Le rêve a touché au mort,
c'est le toucher au mort
qui le rend voyant (Fédida).
À volta, exausto o alfabeto,
tudo se silencia, abrindo
a linguagem a visões
que só parecem ter sentido
depois de perdermos
a memória de as ter visto.
Não há verdadeiramente
mudança de plano — não

se lembra sequer de abrir
os olhos ou ter acordado:
é como se os olhos se
expandissem, tornassem
claros e, pela primeira
vez, **VISSEM**: então,
é o próprio quarto que
se torna *outro* (panorâmico
mas sem fundo) e ali nos
deixa à deriva, *transfixos*.
Alors (continuo noutra (?)
língua), ce n'est pas seul
ement le fantôme de lumière
qui s'avance, qui en toute
banalité — eram as roupas
de todos os dias (penso)
que trazia vestidas — se
corporise; c'est la chose
même, l'apparition, qui
devient pleine de lui, de
sa présence, et, en toute
naturalité, a partir de dentro,
incendeia-se — mas em lume
brando, in a dim light — e
se ilumina. Como o slide
do fantasma, a sua transparência:
a vinda da noite no dia.
Tudo se passa em silêncio,
sem que uma palavra sequer
(e em que língua?) chegue
a ser dita (Os próprios gestos,
a haver, são lentos — os
de um habitante da água,
formação do fundo — mas
sem angústia). Só depois,
face ao morto, reconhece
a violência da matéria que,
mesmo à escala mais pequena,
nada prende ou fixa: o sangue,
viscoso como um muco,
que sai da narina ou o cheiro,
the smell (noutras circunstâncias,
the scent), ou seja,
A REALIDADE DO FANTASMA,
que a morte deixa,
para nos assolar,
da sua visita.

O televisor continuava ligado
emitindo os sons da canção
que o acompanhara na subida
aos territórios mais íngremes
da superfície. Era a partir daí
que a voz o vinha chamar,
arrancando-o a regiões
onde não se podia viver
sem um sentimento capaz
de nos proteger, pelas
palavras, dos dados mais
simples dos sentidos.
Les droits que l'avenir
detient sur le passé,
agora presentes num corpo
que regressa incólume
da dor, impaciente
com os sonhos que
lhe reservou por pesadelo
a literatura? Atingida a cerca,
nenhum de nós distingue
por entre a bruma o rosto
capaz de parar a dispersão
dos átomos no espaço
e dar crédito à vontade
de regressar, cortando
os laços que nos mantinham
ainda presos ao universo
maligno da aventura.
Como começou tudo,
e há quanto tempo?
O vulto que há pouco

entrara no quarto
parecia talhado na natureza,
extraído de corpo inteiro
pelo escopo nos elementos,
arrastando consigo ventos
e tempestades — afinal, as grilhetas
de que o fantasma se serve
para nos reter nos escombros
em que se retirou o mundo.
Um túmulo vivo,
assim o definiam.
A falta de um amor
devorara-o, levando-o
a procurar no sangue
os mantimentos com que,
noutro corpo, refizesse
o percurso que o conduzira
das guardas da montanha
à clareira do precipício.
Pode a vida ter fim
para quem não encontra
corpo que o cure
do erro da sepultura?

Perdera a calma necessária
para dispôr palavras na página
que o conduzissem de novo —
sem necessitar de artifícios —
às planícies íngremes do sentido.
A poesia confundiu-se
com a permanência nas
clareiras verdes do discurso
mas agora, ao embater
no céu da boca, as palavras
ruíam, embaraçando a paisagem
com destroços a que a dor
já não consegue imprimir
a patine fina de um sentido.

Ainda há pouco escalara
um extremo do pensamento
de onde, rodando sobre
os calcanhares, insuflou
de luz as partículas que
chegavam até si vindas
do precipício. Talvez
a poesia unisse na terra
o dividido no céu
encontrando uma solução
feliz, não prevista, para
o que parecia impossível
à estreiteza dos sentidos?
No cimo, a mão do fantasma
já não lhe indica os caminhos
da descida pelo que se habituou
a fitar o *não visto*, o desconhecido,
sabendo que só por escrito
pode fixar o corpo vivo
morto que do fundo lhe
devolve encarnado o sentido
do discurso. *Voz mortal*,
não de um morto, anterior
a tudo, e que pela sua
ausência o retira do mundo.

Forçara-se por manter o relato
de todas as vezes que, contrariando
as leis da natureza, por entre
as sombras do discurso ela
lhe tinha aparecido. Para que
desses encontros ainda persistisse
em fazer matéria nobre de poesia?
Compreendia que o vivido
lhe revelara caminhos que,
por si mesma, a natureza
criteriosamente oculta.
Comum, só a estranheza

que o real assume, ao recusar
pelo sonho ser preterido.
Afinal, quantas vezes vivemos
e em que mundos? Efeito
da devastação que a dor
lança no sentimento, o local
parecia ter sido ocupado
para que ali se procedesse
aos restos do sacrifício.
Os dois pisos não possuíam
comunicação interior,
existindo canais distintos
para o acesso ao seu mundo.
Por baixo, uma galeria
de claustros de uma engenharia
secreta e profunda; em cima,
o quarto, e nele a cama
em que se decidia a visão
do futuro. Pergunto-me:
como sair das palavras
para do seu uso fazer
uma experiência de extermínio?
Na cama, os dois corpos
davam-se as mãos, não
para se consolar mas forçar
a entrada num universo
de que foram excluídos
antes que o seu destino
na carne se tivesse cumprido.
A decomposição do nariz,
a parte mais escura da pele,
não deixava ver **AQUELA**
que esperávamos encontrar,
cortados os laços que
a prendiam à linhagem
do sepúlcro. Seriam
os seus braços que
agora me apertavam,
arrancando os cobertores
e o que lhe resta de roupa
até fazer jorrar o muco
capaz de nos convencer

que amar de novo
nos era possível?
Tratava-se de ir mais
ao fundo, de descobrir
os orifícios por onde
ela pudesse vir sem
perceber que subia
por escadas de onde
se antevia o fundo
do precipício.
Também o amor
é uma promessa da carne
que nos lança em regiões
onde, mesmo depois de morto,
o corpo anseia por uma luz
que o puxe de novo para
as clareiras da superfície.

no 4º dia

O mundo nasceu de uma perspectiva
que se abriu sob a cobertura falsa,
prestes a abater-se, da superfície.
Daí que tudo o que escreve se
revista da palidez de imagens
que foi buscar às sombras
que selam a entrada do espírito
na imensidão bravia da sepultura.
Agora, todos os motivos lhe parecem
bons para justificar o duplo desinteresse
pelos livros e a vida. Deste modo,
os poemas escritos nos últimos meses
deixam-no na dúvida sobre
se a morte, de tanto ser citada
(jusqu'à la mort de la mort,
jusqu'à qu'elle-même se tue),
não se acabara por tornar
a forma literária de escapar
à dor que lhe devolve
a superfície branca da sepultura?
Escrever, não passa
de um modo de **a** convidar
a descer as escadarias
que pela letra confirmam
o seu exílio do mundo.
Pode a beleza resistir
ao contacto com um morto
sem que se altere a confiança
no poder de conversão de palavras
que os deuses nos deixaram
para com elas reinventar
os motivos que nos defendem
de sons que nos lançam
no fundo a partir-se do precipício?
Resistiria ao seu perfume?
Só pela morte, sabe-o,
se pode libertar do fantasma.
Por isso escreve,
fazendo do poema o sudário

que o corpo envolve
num colar de flores murchas.
La clef est perdue,
la porte est fermée:
TU NE RESSUSCITERAS PLUS.
Não, nunca mais hás de voltar,
para me reclamar para o pesadelo
sem sombras da literatura.

NOTA DE EDIÇÃO

Os poemas de *Ventos Borrascosos* (romance) de Fernando Guerreiro foram escritos sobretudo entre 1997 e 2006, sendo os últimos já de 2018. A primeira organização de conjunto data de 2007 e a última, tendo em vista a presente publicação, do Verão de 2018.

A secção «Teoria do Fantasma» e a sequência «Anjos» tiveram uma publicação separada, a primeira no volume homónimo da Mariposa Azual (2011) e a segunda como *plaquette* da revista *Grisu* (Guimarães, 2014). O livro *Grotesco* (Black Sun Editores, 2000) incluiu uma primeira versão de «Os poemas de Genebra».

Na caixa de reverberação/ressonância (acústica e imaginária) do volume que acabou por constituir o livro, ecoam múltiplas imagens e vozes que, vindo umas sobre as outras, afundando-se e alterando-se como camadas geológicas, perderam, ao longo das páginas, quaisquer traços distintivos de nome ou rosto.

Do conjunto fazem também parte, por ordem de aparecimento, algumas imagens: a de um auto-retrato de Joseph William Turner em 1798, uma gravura da Baía de Nápoles (datada de 1785), uma fotografia de Bill Brandt (*West Riding, Yorkshire*, 1945), o retrato de *Mrs John White Alexander* pintado pelo marido (1905),

uma das telas que Balthus arrancou do universo de Emily Brontë (*Jeune Fille Endormie*, 1943), um foto da Festa dos Mortos no México, da autoria de Carlos Jasso, e, por fim, outra de um capta-espíritos de Ângelo Negro (s/d).

Na capa trabalhou-se sobre um pormenor da fotografia de Duane Michals *Certain Words Must Be Said* (1976).

Afirmava Victor Hugo, e julgamos que bem, que devemos tentar escrever em vida a nossa obra de fantasma.

Fica aqui ainda o agradecimento a Luís Henriques por ter ajudado a realizar o livro da forma mais próxima possível do modo como ele foi concebido.

Verão de 2019

Ventos Borrascosos (romance)
foi impresso em Évora,
na gráfica Milideias,
em Novembro
de 2019

Tiragem de
150 exemplares

Depósito legal:
463380/19

EDIÇÃO 100CABEÇAS